



— Ricardo Tando Zugno —

# *A palmeira humana*

MEMÓRIAS DO NATURALISTA E ESCRITOR  
JOSÉ ZUGNO



Ricardo Tando Zugno

# *A palmeira humana*

MEMÓRIAS DO NATURALISTA E ESCRITOR  
JOSÉ ZUGNO

1ª edição  
Editora São Miguel  
Caxias do Sul - RS

2019



*- Palmeira querida, nada fizeste para evitar que te cortassem!*  
*- É fnda a missão que me tocou na vida – diz-me ela – dei sonho às gentes,*  
*agasalho e balanço aos pássaros;*  
*comuniquei beleza e poesia à vida*  
*e fui expansão rica e amorável da natureza.*  
*Vai, meu amigo,*  
*e trata de ser na vida uma*  
*palmeira humana!*

*José Zugno, 1948*

*À minha mãe Zélia, luz e inspiração para este trabalho.*

*Aos agricultores familiares que alimentam o povo brasileiro.*

*Aos agrônomos que os qualificam.*

*Aos ambientalistas e paisagistas que promovem a qualidade de vida nas cidades.*

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	6
INTRODUÇÃO .....	8
1. RELATOS DO JOVEM NATURALISTA .....	18
Infância, juventude e estudos	
2. O PIONEIRISMO NO AMPARO À AGRICULTURA FAMILIAR.....	32
Diretoria de Fomento e Assistência Rural	
3. A VALORIZAÇÃO DO HOMEM DO CAMPO .....	56
Exposições de produtos agropecuários	
4. A CIDADE DAS ROSAS .....	66
Serviço de praças e jardins	
5. ESPÍRITO PÚBLICO E COOPERATIVISMO .....	82
Uma vida de serviço à coletividade	
6. FAMÍLIA, ÉTICA E FÉ .....	96
Os três pilares	
7. PROFESSOR, PESQUISADOR, ESCRITOR .....	104
Conhecimentos compartilhados	
8. A COLUNA <i>VIDA AGRÍCOLA</i> E SUAS CARTAS .....	122
Consultoria, diálogo, orientações	
9. A PALMEIRA HUMANA .....	154
A vida agrícola como missão	
“ADEUS, MINHA PALMEIRA QUERIDA” .....	160
O AGRÔNOMO E AS PLANTAS.....	163
PRÊMIOS E RECONHECIMENTOS .....	166
JOSÉ ZUGNO - LINHA DO TEMPO.....	170
POSFÁCIO.....	177
AGRADECIMENTOS .....	178

## A P R E S E N T A Ç Ã O

Nada mais justo do que registrar em livro a brilhante trajetória do agrônomo, naturalista, ambientalista, professor e escritor, José Zugno. Poucas pessoas deixaram para um município um legado tão importante como ele.

Entre tantos feitos, José Zugno foi um dos pioneiros no país na assistência ao homem do campo, ao implantar, em 1949, a Diretoria de Fomento e Assistência Rural. O órgão foi referência na época para vários municípios e, no futuro, daria origem à atual Secretaria de Agricultura.

Os resultados positivos desta iniciativa marcaram o início da diversificação de culturas e qualificação técnica na produção de alimentos no interior do município de Caxias do Sul. Para os agricultores representou melhoria na qualidade de vida e na valorização de sua atividade, de sua identidade e autoestima. Para os agrônomos tornou-se terra fértil para o propósito da profissão de produzir alimentos saudáveis. Para a população urbana significou o acesso a alimentos mais diversos e mais baratos.

O legado de José Zugno pode ser constatado num simples passeio pelo interior do município, onde a sua iniciativa e o trabalho próspero dos agricultores converteram o município num dos maiores produtores de hortifrutigranjeiros do Rio Grande do Sul.

Os mais antigos poderão lembrar do homem simples que um dia os visitou para ensinar e orientar sobre novas formas de produzir, que tanto lhes beneficiou.

Na área urbana, o legado se expressa nas feiras do agricultor por ele idealizadas e em curso até hoje. Está presente em parques, praças e na arborização que se estende pelas ruas. Os túneis de plátanos, que contornam o Parque dos Macaquinhos, também foram iniciativa sua. Aliás, os macaquinhos – que habitaram o parque tempos atrás – foram trazidos por ele para o Parque Getúlio Vargas.

Amante declarado da natureza, não raras vezes, Seu José manifestou desolamento com o descuido imprimidos às árvores que já não estavam mais sob seus cuidados técnicos e afetivos à frente da Secretaria de Agricultura, onde permaneceu como gestor por nove administrações municipais. Sua competência lhe tornava sempre o escolhido para o cargo, independentemente do partido no poder.



Os mais antigos poderão lembrar ainda que, um dia, a praça central e os jardins da cidade estiveram cobertos de rosas, cultivadas no Horto Municipal que hoje leva o seu nome, uma justa homenagem. Rosas que ele cultivava e que deixaram seus perfumes na memória sensorial de caxienses e visitantes.

“Fica sempre um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas, nas mãos que sabem ser generosas”, diz a letra de uma de suas músicas preferidas. Ao som do violão de Ricardo Zugno, foi entoada incontáveis vezes pelos filhos em homenagem ao pai.

Ricardo Zugno homenageia o pai agora com esta pérola de biografia. O gosto pela escrita também é um legado de José Zugno que, por quase cinquenta e cinco anos, publicou a coluna *Vida Agrícola*, no Correio Riograndense, orientando agricultores, com paciência e sabedoria, sobre os mais variados temas em suas demandas técnicas e pessoais. Não raro os textos se tornavam crônicas de grande valor literário. Não por acaso José Zugno foi um dos ilustres fundadores da Academia Caxiense de Letras.

Este livro surge do empenho e amor de um filho que de repente mergulha no universo de memórias e feitos de seu pai, e que foi incansável na organização de materiais e na busca de precisão das informações, para ser o mais fiel possível com a história de José Zugno.

Numa feliz coincidência, o livro é lançado no ano em que a Secretaria da Agricultura de Caxias do Sul completa 70 anos e a Associação dos Engenheiros Agrônomos da Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul – AEANE, da qual José Zugno foi membro-fundador, comemora seus 40 anos de atividades.

Este livro revela o quanto a obra de vida de José Zugno trilhou fielmente os conselhos que um dia ouviu de uma palmeira: comunicou beleza e poesia à vida e foi expansão rica e amorável da natureza.

**Vera Mari Damian**  
Jornalista e ambientalista



## INTRODUÇÃO

# *Quem é de casa não vê o milagre que o santo da casa faz*

**J**osé Zugno casou, em 1954, com Zélia Maria Scarton; ele, natural de Caxias do Sul, e ela de Cotiporã, municípios da serra gaúcha. Tiveram cinco filhos, dos quais sou o terceiro.

Devo confessar que levei muitos anos até me dar conta do real valor do meu pai como homem público. Cresci ouvindo-o contar inúmeras e detalhadas histórias do seu trabalho como agrônomo, naturalista, professor, ecologista e escritor, mas precisei de um fato insólito para realmente perceber a importância daqueles relatos. Foi em dezembro de 1996, mais precisamente durante as festas de Natal e Ano Novo, período de uma vinda minha a Caxias do Sul para visitar a família. Na época eu morava em Florianópolis. Meus pais, aposentados, há mais de uma década, moravam sozinhos.

Pois então, tudo começou com uma certa bagunça que encontrei no apartamento deles. José tinha o seu gabinete, um razoável espaço com uma admirável biblioteca, mas, já há algum

*Ricardo Zugno com José Zugno, na residência da família, em 2007, comemorando a organização de mais uma parte do acervo de livros, jornais e coleções.*

tempo, aquela peça da casa não comportava todo o material que ele vinha guardando com esmero e anos a fio.

Resultou, então, que a sala ao lado, a sala de visitas decorada pela mãe com elegantes estofados de veludo estilo Luís XV e gobelins italianos ficou tomada por uma enxurrada de papéis, livros, revistas, caixas com documentos, caixas com exemplares de plantas e sementes, caixas com conchas, selos, flâmulas e muitas coisas mais.

Acontece que meu pai era um inveterado colecionador e pesquisador. Colecionava conchas do mar (maravilhosas!), selos (lindos!), moedas, flâmulas, chaveiros, folhas secas, garrafinhas, revistas (e recortes de revistas), jornais (e recortes de jornais), fotos, documentos, livros e muitos objetos do seu interesse. Muitos! Ele sobretudo guardava todo e qualquer livro, artigo de jornal ou revista, que servisse para suas pesquisas naturalistas e restassem como subsídio para respostas aos leitores de *Vida Agrícola*, coluna que ele vinha mantendo desde 1953, no Correio Riograndense, elucidando dúvidas dos leitores referentes às mais variadas questões agrícolas.

Para o desespero de minha mãe, ficava quase impossível caminhar naquilo que seria uma sala de visitas. Sentar, então, nem pensar! Não havia mais espaço. Tudo tomado pelas coleções do Seu José. Para apaziguar os ânimos propus a eles verticalizar tudo, isto é, colocar o material em estantes que eu mesmo me dispus a montar no período que permanecesse em Caxias.

Num primeiro momento tive a tentação de jogar muita coisa fora – em cumplicidade com a mãe! – mas me contive. Naqueles dias, comprei e montei oito estantes de metal para aumentar a capacidade de alojar livros e documentos na biblioteca. É claro que, as de metal, rápidas para montar, não combinavam em nada com

as belas estantes de madeira de lei lá existentes, mas serviram para acomodar grande parte do material e liberar a maior parte da sala de visitas.

O trabalho continuou ao longo dos anos seguintes, sobretudo a partir de 2006, quando passei a morar com eles para acompanhá-los mais de perto nas enfermidades que surgiam com a idade avançada do casal. Para encurtar a história, no final de 2007, o apartamento já contava com mais de 25 metros de estantes em vários ambientes; isto tudo para comportar as várias “coleções” e livros do José Zugno.

O que então foi importante para mim disto tudo? O fato de que, a partir de 1996, organizando o acervo do meu pai, encontrei vários documentos e artigos de periódicos sobre sua atividade profissional e pública; e aí me dei conta de sua enorme influência, especialmente, no município de Caxias do Sul, mas não só. Por exemplo, li, na revista agrícola de maior circulação nacional na década de 50, a “Chácaras e Quintais”, edição de 15/10/1956, um artigo exaltando o nome de José Zugno como o pioneiro no Brasil a implantar uma Diretoria de Fomento e Assistência Rural (DFAR), desde 1949. Depois disto, outros municípios seguiram o modelo e passaram a adotar tal prática, como antecessoras das atuais Secretarias de Agricultura Municipais, hoje presente em praticamente todos os municípios brasileiros.

Lá estava, em meio aos papéis, também uma carta do historiador Mário Gardelin ao reitor da Universidade de Caxias do Sul, datada de 04/06/1998, comentando que *“o professor Zugno conseguiu transformar a área rural de Caxias de monocultura em policultura, modelo para todo o Estado”*.

Mais adiante, conferia reportagens na revista A Granja, na revista Campo, no jornal Correio Riograndense e no Suplemento

Rural do Correio do Povo, periódicos especialmente direcionados à população rural, considerarem o agrônomo Zugno o pioneiro a introduzir, no interior do Rio Grande do Sul, variedades mais produtivas de cereais, inseminação artificial do gado, serviço de tratores para o minifúndio e tantas outras iniciativas para o aprimoramento da agricultura.

Havia também uma Monografia, datada de julho/1999, do jornalista Marcelino Carlos Dezen, desenvolvendo um interessantíssimo estudo sobre as crônicas de José Zugno na coluna *Vida Agrícola*, que, na época, completara 46 anos de existência. Dezen buscou comprovações que o colunista, já em 1998, fosse digno do título de cronista mais antigo do país.

Mais tarde, o Correio Riograndense, na edição de 13/02/2008, confirmava que “Zugno é, segundo pesquisa na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), o único colunista da América Latina a manter um espaço ininterruptamente por mais de meio século”.

O trabalho de extensão rural que Zugno fazia, através da DFAR e da coluna *Vida Agrícola*, antecipou por vários anos os órgãos oficiais de assistência técnica aos agricultores, como a ASCAR e a EMATER. É o que se lê na edição de 30/04/2003, do Correio Riograndense.

Outro recorde interessante do agrônomo é o fato de ter permanecido à frente da DFAR e Secretaria da Agricultura durante 26 anos, sob 9 administrações municipais dos mais variados partidos. Mudava o partido eleito e ele permanecia na função. Na época já era algo inédito. Quem poderia pensar tal fato nos dias de hoje?

Com o tempo adquiri entusiasmo em organizar o seu acervo, com as várias coleções, troféus, placas comemorativas e

todas as matérias que encontrava em jornais, boletins, anais de homenagens, revistas, sites, rádios e televisões, que tratassem das atividades do homem público José Zugno, especialmente no desenvolvimento da agricultura e arborização do município.

Organizei e cataloguei também os seus artigos da coluna *Vida Agrícola*, publicados ininterruptamente por quase 55 anos, um incrível fenômeno de longevidade jornalística que mereceria, talvez, até entrar para o livro do Guinness. Percebi a sensível qualidade literária dos seus artigos e o quanto valorizavam o homem do campo e conscientizavam toda a população, especialmente a urbana, da importância da arborização da cidade para uma melhor qualidade de vida. Antes disto, eu considerava um exagero o fato de meu pai - por voluntariado e não por um retorno financeiro - se dedicar horas e horas, lendo e escrevendo, algumas vezes até adentrar a madrugada, a fim de responder com o máximo de rigor científico e jornalístico os artigos da coluna *Vida Agrícola*.

José Zugno foi incansável na disseminação dos conhecimentos que dispunha e na busca de novas fontes de pesquisa. Diante de uma era Google ainda inimaginável, ele coletou e conservou um vasto acervo de informações e materiais sobre tudo os que se relacionasse à natureza.

O reconhecimento da importância de sua história e o encantamento em organizar o seu acervo certamente contribuíram para que, em 2004, eu - até então um profissional da engenharia elétrica - voltasse aos bancos escolares para cursar a faculdade de Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nós jornalistas, também lidamos com coleções, as “clipagens”. Clipagens nada mais são do que as coleções de matérias que foram publicadas nos vários meios de comunicação sobre um evento ou determinada pessoa, para registro histórico ou como fonte para futuras matérias.

A partir de um certo ponto passei a organizar a “coleção imaterial” do meu pai: as suas histórias contadas oralmente. Muitas destas histórias eu, assim como o resto da família, já havia escutado muitas vezes, mas quando comecei a registrá-las com um gravador de fita K7, mais atento aos detalhes, é que fui despertar ainda mais para a importância delas.

Isto aconteceu numa viagem que fiz com ele a Belo Horizonte para um procedimento cirúrgico em sua retina, na tentativa de sanar os sérios problemas de visão que vinha tendo. Durante os dez dias em que estivemos lá, gravei as suas memórias, já que escrever se tornava cada vez mais difícil para ele. Era dezembro de 2001. A partir destas gravações, montei um primeiro esboço de relato biográfico com as várias citações, datas, nomes de pessoas e lugares, assim como foram sendo relatados, aproveitando a invejável memória testemunhal do entrevistado. Assim, passei a ter, dentro da “clipagem” jornalística do meu pai, a sua enriquecedora memória oral, além dos seus escritos, objetos pessoais e as várias coleções.

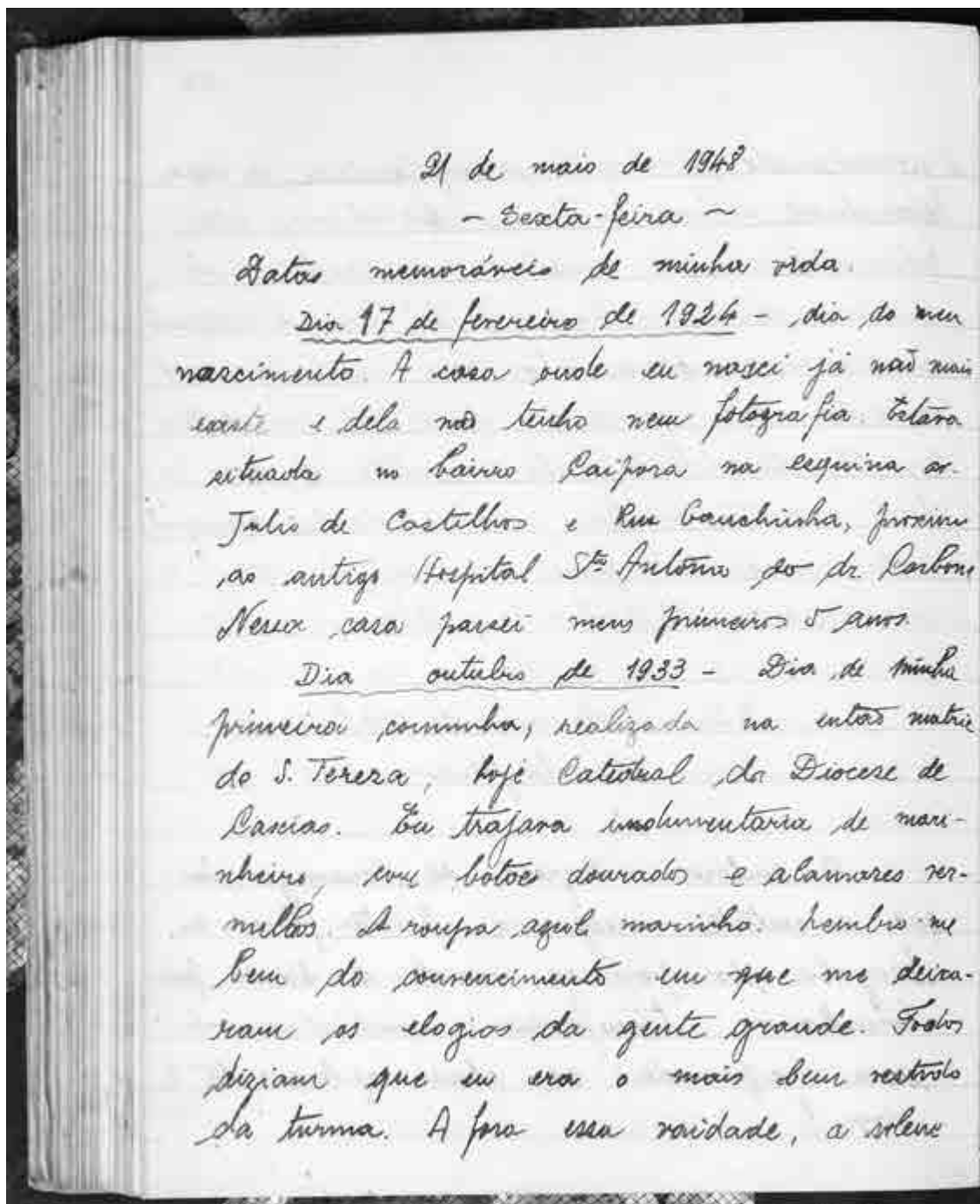
As páginas a seguir foram elaboradas tanto a partir destes relatos gravados como de narrativas autobiográficas presentes em seus diários e outros escritos, sobretudo, na coluna *Vida Agrícola*.

Com este livro, creio estar compartilhando a história, os conhecimentos, o perfil de um homem que se identificou com sua cidade e lhe dedicou carinho de filho. Mas não só, indo além das fronteiras do município, dedicou a sua vida ao amor e cuidado pela natureza e à harmonia dos seres humanos entre si e com ela.

**Ricardo Tando Zugno**







21 de maio de 1948

- Sexta-feira -

Datas memoráveis de minha vida.

Dia 17 de fevereiro de 1924 - dia do meu nascimento. A casa onde eu nasci já não mais existe e dela não tenho nenhuma fotografia. Tinha situada no bairro Caiçara na esquina entre

Júlio de Castilhos e Rua Gauchinha, próxima ao antigo Hospital São Antônio do Dr. Carboni. Nessa casa passei meus primeiros 5 anos.

Dia outubro de 1933 - Dia de minha primeira comunhão, realizada na então matriz de S. Teresa, hoje Catedral da Diocese de Lages. Eu trajava indumentária de marinho, com botões dourados e alamares vermelhos. A roupa, aquele marinho, lembrou-me bem do acontecimento em que me deixaram os elogios da gente grande. Todos diziam que eu era o mais bem vestido da turma. A fim essa vaidade, a solene

1ª recepção de Jesus em meu coração, foi isto para o qual me preparei com a maior seriedade possível. O padre P. Oreste Valeta foi o primeiro sacerdote que me ouviu em confissão. Recordo-me que ao confessar uma falta comeci a chorar involuntariamente. Achei graça no funômeno. Tinha então 9 anos.

1,2,3 menino de 1940 - Meu primeiro retiro fechado, realizado em Anas Reck no primitivo Vicariato Bela Vista. Este retiro foi interrompido com a morte de um dos retirantes, o José Reis de 14 anos, filho do Sr. Marcos Reis empregado da Viçosa Férrea e atual 1º diretor do <sup>Escala</sup> ~~Cursos~~ de Assistência Social do R. Gua. de do Sul. O José Reis morreu de lesões cerebral, quando principiava a nadar, aos 4 anos, na torda. Por longo tempo foi considerado herói, substituído pelas meninas do Colégio S. José, por ter arrojadamente tentado salvar o rapaz, pensando que

José Zugno registrou relatos diários em 23 cadernos - de 01/11/1941 até 01/01/1953.



# *Relatos do jovem naturalista*

## *Infância, juventude e estudos*

### **O menino fascinado pela natureza**

“**N**asci no dia 17 de fevereiro de 1924, quando Caxias do Sul era pequena e havia muitos parreirais e grossas araucárias, árvores que me causaram viva impressão desde que comecei a conhecer o mundo. Minha casa natal era um casarão amarelo, que existia na Rua Grande (atual Avenida Júlio de Castilhos), esquina com a Rua Gauchinha (atual Rua Humberto de Campos), no então bairro Caipora. Na esquina oposta à casa amarela havia o Hospital Santo Antônio, do Dr. Rômulo Carbone, atual prédio do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, que antes fora casa de negócios de Vicente Rovea, um dos intendentess da Caxias antiga.

Aos 4 ou 5 anos, o menino que eu era, saiu de casa, atravessou a rua sozinho, passou em frente ao Hospital, seguiu





*Na primeira comunhão não podia faltar a foto das crianças com os copos-de-leite ou lírios brancos, sinal da espiritualidade e pureza.*

pela Júlio e, adiante, foi entrando por um portão aberto de uma chácara. O menino ficou extasiado diante de uma ameixeira carregada de flores brancas. Ao lado, um pessegueiro também carregado de flores rosadas e, mais além, uma laranjeira em plena florescência, mas ainda com laranjas bem maduras, coloridas, não colhidas. Uma senhora bondosa – devia ser a esposa do ex-intendente - em vez de correr com o guri invasor da propriedade, abraçou-o carinhosamente como que compartilhando do seu deslumbramento.

Os guris daquele tempo brincavam nos prados porque não tinham outras opções, nem tantos brinquedos. Gostávamos de mastigar o talo das ‘oxalis’, cor de vinho, de um azedinho agradável. Cada folha tinha 3 corações invertidos; parecia trevo mas não era. Trevos verdadeiros eram outras plantinhas muito apreciadas pelos coelhos. Os adultos diziam que as folhas de ‘4 corações’ traziam sorte e nós saíamos a procurá-las.

Chamavam a atenção do menino, futuro naturalista, as anêmonas e os miosótis; as primeiras são elegantes, tão variadas nas cores, tão atraentes, e as segundas, por serem pequeninas ‘joias’ com 5 pétalas de um azul raro, muito puro, e um ‘solzinho’ amarelo no centro. Na primeira comunhão não podia faltar a foto das crianças com os copos-de-leite ou lírios brancos, sinal de espiritualidade e pureza.

No dia de finados, as famílias levavam flores de todo tipo; as mais pobres enfeitavam as sepulturas com ‘margaridas dos campos’, que existiam em profusão nos poteiros dos arredores. Para a gurizada, o ‘dia dos mortos’, era quase um dia de festa, pois ele marcava o início da temporada de sorvete na cidade. Os sorveteiros apareciam nas imediações do cemitério

com suas carrocinhas de duas rodas, chamando os seus fregueses ao tocar a corneta. Eu ia até o local por causa do sorvete mas, naturalmente, também porque o cemitério era um jardim de flores.

No jardim da minha avó materna, a vó Rosa, encontrava-se numerosas plantinhas e eu gostava, sobretudo, de colher violetas que minha tia colocava num vasinho com água, aos pés de uma imagem do Coração de Jesus, a devoção da casa.

Na cidade, chamava-me a atenção alguns homens especialistas no cultivo das flores. Estes, certamente, me serviram de exemplo. Posso destacar a figura ímpar de Hermógenes Bertelli, nascido em Mântua, Itália, e chegado ao Brasil em 1877. Desde jovem trabalhou na roça, na criação de animais, foi ferreiro e, por fim, alfaiate, sua profissão definitiva. Atrás da alfaiataria - situada na rua Visconde de Pelotas, entre a Sinimbú e a Os 18 do Forte, num terreno que ia até os Triches (metade da quadra)-, ele cultivava o seu mundo de flores. Andava bem trajado e sempre com um cravo branco na lapela. Era visto frequentemente em plena rua carregando um buquê de flores, - atitude rara, então - para alguma festa ou pessoa amiga, pois não havia, na época, casa onde se pudesse comprar flores. Tinha dalias de todos os tipos, desde as graúdas passando pelas multicoloridas, as elegantes crisálidas até as pequeninas pompons. Cultivava também cactus e orquídeas, ganhando medalhas nas exposições das Festas da Uva de 1934 a 1950.

### **Gringuinho madrinheiro, o guri tropeiro**

O contato com a terra se consolidava com as lidas do campo quando eu, um gurizote de 10 a 12 anos, acompanhava

*Chamavam a atenção do menino, futuro naturalista, as anêmonas e os miosótis; as primeiras são elegantes, tão variadas nas cores, tão atraentes, e as segundas, por serem pequeninas “joias”.*

meu pai ou o padrinho de crisma, Januário Cardoso, nas tropeadas para o Apanhador, Cazuza Ferreira e Vacaria, viagens que podiam durar de quatro a cinco dias, em busca de gado a ser abatido no matadouro de Caxias. Ajudava a tropear o gado de Vacaria a Caxias, passando por São Manoel e Criúva. Nos galpões da pousada, eu era o responsável pelo preparo da água para o café e o mate. Por esta função era chamado de ‘gringuinho madrinheiro’.



*Entre 10 e 12 anos, o menino José ajudava o pai Guerino (foto) a tropear o gado de Vacaria a Caxias.*



Diante de minha destreza no manejo dos cavalos, aos 12 anos, recebi de meu pai uma grande missão: levar sozinho até Canela, o primo Eris, de 8 anos, que passara as férias em Caxias do Sul. Segui à risca as suas orientações. Explicou-me direitinho cada ponto de referência da estrada aberta por madeireiros, em Santa Lúcia do Piaí. Conforme o roteiro traçado, desencilhamos os cavalos ao meio-dia, fazendo-os descansar, pastar e beber. Após o lanche, preparado pela mãe, nós, imitando os tropeiros, sesteamos à sombra de uma árvore, encima de pelegos. A viagem durou das 5h da manhã às 6h da tarde, com vários percalços e perigos, mas todos superados. (Esta história é contada com mais detalhes na página 53.)

### **A tordilha Joli – locomoção para a escola**

Depois de alfabetizado pela Irmã Domingas, no antigo Orfanato Santa Terezinha, um casarão de madeira hoje substituído pelo grandioso colégio Madre Imilda, cursei o primário (1933-36) e o ginásio (1937-41) no Colégio Nossa Senhora do Carmo, dos irmãos Lassalistas.

No período do ginásio, minha família fixara residência no terreno situado entre o atual bairro Kayser e o Desvio Rizzo, local onde meu pai Guerino reativara a antiga charqueada que ali existiu por muitos anos. De lá eu partia para a escola, montado na égua tordilha denominada Joli, conhecedora das lidas campeiras, ágil e favorita numa cancha reta, possuidora de ‘macio cômodo’ e elegante porte. A Joli marcou tanto a minha vida que, muitos anos depois, ao adquirir o hobby de acompanhar os páreos de corridas de cavalo pela TV, torcia



*José Zugno batendo continência montado na tordilha Joli, numa parada ginásiana ao estilo militar.*

*Com amigos comemorando o 16º aniversário.*



entusiasticamente para todos os tordilhos. Guardava em minha biblioteca centenas de revistinhas de turfe. Nunca apostava, mas presenciava os páreos e anotava tudo para calcular a estatística do percentual de vitórias dos tordilhos.

### **Um bom nadador de açude**

Na propriedade do meu pai, que chamavam de Charqueada (e hoje é o nome do bairro onde ela se situava) havia um belo açude. Nas suas águas, mantive o hábito de iniciar o dia com um mergulho, durante a juventude. Era exímio nadador, tanto que, fui chamado, certa vez, para retirar de um açude um estudante afogado em Ana Rech. Encontrava-me a uns cem metros do local. Corri o que pude, tirando as roupas ao longo do caminho. Infelizmente, cheguei tarde, pois o rapaz já estava morto. Mergulhei umas três ou quatro vezes até encontrar o corpo e puxá-lo pelo queixo naquelas águas barrentas.



*José Zugno no trampolim adaptado ao açude da Charqueada.*

### **Das lidas do campo às letras**

Bem cedo tomei afinidade com as letras e os estudos. Na festa de formatura do ginásio, falando em nome da turma, no almoço de confraternização realizado no Clube Juvenil, em 8/12/1941, lembro que arranquei aplausos dos pais, mestres e alunos presentes, ao salientar em meu discurso: ‘Aqui não existe nem só pai, nem só mestre, pois todo pai é mestre, e todo mestre é pai.’



*“Aqui não existe nem só pai, nem só mestre, pois todo pai é mestre, e todo mestre é pai”.*

### **Estudos e Serviço Militar em Porto Alegre**

Terminado o ginásio, como não havia curso mais adiantado em Caxias do Sul, rumei a Porto Alegre ingressando no curso técnico destinado aos vestibulandos de engenharia. O curso era o Pré-Universitário (Pré-Técnico), que frequentei de 1942 a 1943 no Colégio Nossa Senhora do Rosário.



*Não chores mãezinha!  
Deixa-o partir!  
Irá destemido  
P'ra o campo da luta,  
Levando escondido  
Tua imagem bondosa  
Co'imensa afeição,  
Nas obras ocultas  
Do seu coração.  
Teus risos, soluços,  
amores de mãe,  
Mãezinha querida,  
com ele estarão.*

*Poema de José Zugno para sua mãe  
Theresa, na iminência de ir para a  
guerra.*

Neste mesmo período ingressei no serviço militar e, por ser bom cavaleiro, obviamente optei pelo Regimento Osório de Cavalaria. Cursei o CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva), intensificado e reduzido de 3 para 2 anos, com o intuito de treinar os oficiais com mais celeridade, já que o Brasil entrara na 2ª Guerra Mundial.

Num concurso hípico em comemoração ao aniversário do Regimento, montando o cavalo castanho 'Blindado' – pertencente a um tenente chamado Aniel –, ao saltar o primeiro obstáculo, vi romper-se a rédea direita. Passei, então, a conduzir o cavalo com uma varinha de bambu, conseguindo concluir inteiramente a prova com todos os seus 13 obstáculos. O general visitante, de nome Gaudilei, que tinha sido um antigo comandante do Regimento e presidia a festa, terminada a prova, diante de todos os aspirantes em formação de sentido, veio cumprimentar-me, dizendo: 'O aspirante demonstrou que tem qualidades para oficial do exército!'. E mandou colocar esta observação na ordem do dia do regimento.

### **Tímido na oralidade, exuberante na escrita**

Num outro momento, um oficial que passava em revista a tropa, detendo-se diante de mim, perguntou-me com voz firme:

– Porque o aspirante é de tão poucas palavras?

Prontamente recebeu a resposta:

– É para não dizer besteira, comandante!

– Se vê que o aspirante sabe usar a cabeça!, elogiou o oficial.

Terminado o curso de Oficial da Reserva, fui convocado, em seguida, para o estágio regulamentar efetuado no Regimento Osório, concluindo este em 31/12/1943, tendo como madrinha de espada, na formatura, a senhorita Íris Granzotto.

A bela Íris mexeu com o meu coração, mas a minha danada timidez fez com que a troca de palavras entre nós fosse escassa na festa. Para remediar, enviei mais tarde à moça um versinho: *‘Eu trajava fardamento / E tu um vestido floreado / Eu não sei que cara eu tinha / E tu um rosto adorado’*. Funcionou. Quase chegamos a namorar. O flerte, ou melhor, a ‘bombeada’ - utilizando a gíria da época – se estendeu por vários anos.

Eu me expressava muito bem era na escrita; já a oralidade era um problema devido à tal timidez. Quando prestei vestibular, no dia 4 de janeiro de 1944, tirei nota máxima na prova escrita de matemática; no entanto, na prova oral, tirei um terrível zero. Mesmo com o tal ‘zero’, obtive boa média geral. Tendo sido aprovado no curso de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, este fato curioso foi mencionado pelo professor no primeiro dia de aula.

### **Oficial da Reserva em tempos de guerra**

Em abril de 1944, fui promovido a 2º Tenente da Reserva de Cavalaria, sob carta patente assinada pelo Marechal Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República, e pelo General Canrobert Pereira da Costa, Ministro da Guerra. De imediato fui convocado para o serviço ativo do exército, adido ao Quartel da III Região Militar, aguardando a designação oficial à Força Expedicionária Brasileira.



*“A timidez que em mim existe, é a primeira a se manifestar (...). Mas, segue-se a voz da coragem, amiga poderosa e serviçal que tenho guardado nas profundezas do meu ser”. (diário de José Zugno, 11/02/1948).*

Entretanto, com o fim da II Grande Guerra, ocorrido em maio de 1945, foi decretado o cancelamento da convocação geral, dando a opção aos candidatos de seguirem a carreira militar se assim o quisessem.



*Membros do Centro Acadêmico da Escola de Agronomia - UFRGS. Zugno em pé, terceiro da esquerda para a direita.*

### **Acadêmico engajado na Política Estudantil**

Em 1944, além do Curso de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ingressei no Curso de História Natural da Pontifícia Universidade Católica do Rio

Grande do Sul (PUCRS), que na época funcionava no prédio do Colégio Rosário. Ambos, universidade e colégio, até hoje dirigidos pelos Irmãos Maristas.

Fui secretário do Centro Acadêmico Leopoldo Cortês da Escola de Agronomia e Veterinária de Porto Alegre na gestão de Joaquim Pereira Neto, de 1945 a 46 e, no mesmo período, assumi como Vice-Presidente da União Estadual de Estudantes (UEE).

Com esta função participei do 8º Congresso da União Nacional de Estudantes (UNE), realizado no Rio de Janeiro, em julho de 1945. Ali apresentei a moção, junto com outros colegas das faculdades de filosofia de todo o Brasil, propondo abrir a possibilidade de tirar simultaneamente dois cursos universitários, contanto que tivessem afinidades (por ex.: Matemática e Engenharia; Filosofia e Direito; História Natural e Agronomia), que até então não era permitido.



*José Zugno no Congresso da UNE. RJ, Julho de 1945.*

A proposta foi aprovada por unanimidade no Congresso dos Estudantes. Os universitários proponentes foram, logo em seguida, recebidos em audiência pelo ministro da educação da época, Gustavo Capanema, o qual concordou com eles. Entretanto, após ouvir o Conselho ministerial, baixou um decreto-lei permitindo a possibilidade de o aluno tirar simultaneamente dois cursos universitários afins, mas limitando a duas cadeiras por ano, sob o argumento dos conselheiros de que seria impossível cursar todas as matérias ao mesmo tempo, dentro das exigências legais de então (naquele tempo, para passar de ano, o aluno era obrigado a passar em todas as matérias e com frequência obrigatória).



*Colando grau em Agronomia.*

Mas consegui demonstrar que era possível, sim. As duas faculdades foram concluídas com a frequência exigida, conciliando os horários, e sem atrasar o tempo previsto para o término das mesmas. Colei grau em História Natural no ano de 1946, e em Agronomia no dia 17 de dezembro de 1947.

### **O amor às plantas e a vocação à agronomia**

Eu tinha 15 anos quando decidi ser agrônomo baseado na figura do engenheiro agrônomo Francisco da Cunha Rangel que, na década de 40, era o diretor da Estação Experimental de Vitivinicultura e Enologia de Caxias do Sul; ele a mantinha muito bem organizada, com diversos talhões de parreiras, cada qual com uma variedade bem definida. Rangel era muito simpático e benquisto na cidade, gostava de cavalos e aceitava as crianças, reunindo-as nos campinhos da Estação Experimental.



Fiquei indignado, certa vez, quando um jovem, indeciso sobre qual faculdade cursar, veio me perguntar se a profissão de agrônomo ‘dava dinheiro’. Para mim a profissão é um talento, uma aptidão que a pessoa deve desenvolver com competência. A competência é que vai resultar em boa retribuição pelo serviço desenvolvido. Nunca fui atrás de dinheiro. A resposta ao rapaz, escrevi num artigo para o Centro Acadêmico da Agronomia.”

---

“O agrônomo dedica amor entranhado a estas portentosas manifestações da Natureza, que são as plantas.

Ama-as, porque as conhece através da estrutura magnífica de seus organismos e de sua fisiologia maravilhosa e através dos benefícios múltiplos, que elas à humanidade concedem (...)

Na planta está, em último termo, a origem da razão de ser do agrônomo, pois a mais primordial característica da arte agrônômica é a aplicação consciente das especulações científicas com o fim de alcançar mais rendosa produção para a libertação econômica e bem-estar dos homens.

E a produção rendosa depende, sobretudo, do carinho com que o agrônomo, valendo-se de seus conhecimentos técnico-científicos, dedica às plantas que cultiva”.

*José Zugno - Boletim nº 1, de 1946, do Centro Acadêmico da Escola de Agronomia da UFRGS.*





# *O pioneirismo no amparo à agricultura familiar*

*Diretoria de Fomento e Assistência Rural*

## **O desafio inicial**

**R**ecém-formado, José Zugno recebeu convites para continuar na atividade acadêmica como Assistente de Genética do professor José Grossman da UFRGS (orientador dos trabalhos de melhoramento genéticos das Estações Experimentais Fitotécnicas e dos Institutos de Zootecnia do Estado do Rio Grande do Sul) e como Assistente de Botânica do professor Alarich Schultz da PUCRS (um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Botânica, da qual foi presidente em 1954).

Ao mesmo tempo o então prefeito de Caxias do Sul, Luciano Corsetti, convidava o novo agrônomo para implantar a Diretoria de Fomento e Assistência Rural (DFAR) no município, um serviço pioneiro no Brasil criado pelo decreto de nº 1, de

*“A única produção econômica era a uva que, via de regra, não proporcionava rendimento compensador, mas a família do agricultor conseguia sobreviver porque, com a colaboração de todos os filhos, produzia outros alimentos para o consumo próprio.”*

1947, do prefeito interino Dr. Demétrio Niederauer. Naquela época não existia nada similar no país, nem tinham os órgãos oficiais de assistência aos agricultores. A Emater-Ascar (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) foi criada somente anos depois, em 1955.

José relutou, pois as propostas das conceituadas universidades eram promissoras e com salários expressivamente melhores. Além disto, grande era o desafio, mas poucos os recursos que o prefeito dispunha para o novo projeto municipal. Somente abraçou a causa caxiense após os insistentes pedidos de personalidades locais, como o ex-prefeito Celeste Gobatto, o agrônomo Adolfo Randazzo e o Dr. Del Mese; cidadãos que visualizavam a urgência de um incentivo à agricultura local.

### **O desamparo da agricultura familiar nos anos 50**

No final da década de 40, a pobreza no Brasil se verificava predominantemente no campo. As cidades não continham os milhões de favelados que hoje possuem. Os agricultores do minifúndio dificilmente tinham acesso à escola para os filhos, serviços de saúde pública, luz elétrica, e tampouco recebiam do governo os incentivos para aprimorar suas técnicas de plantio e criação de animais.

No município de Caxias do Sul, a vida do colono era de muito trabalho, mas pouco rendosa. A única produção econômica era a uva que, via de regra, não proporcionava rendimento compensador, mas a família do agricultor conseguia sobreviver porque, com a colaboração de todos os filhos, produzia para o consumo próprio: trigo para o pão de cada dia,

feijão, aipim, hortaliças, frutíferas diversas, etc. Tinham o milho para a polenta o ano todo, embora com pouco rendimento. Criavam animais domésticos, como galinhas soltas e vaquinhas magras para o leite e o queijo. De vez em quando, mantinham outros pequenos animais como coelhos, abelhas em colmeias rústicas e porquinhos soltos, dos quais dois ou três eram cevados a cada ano para produção de banha, carne, linguiça e salame.

Com raras exceções, existia nas propriedades rurais energia elétrica, água encanada, sanitário dentro de casa, condições de higiene. Rádio, então, nem pensar. Viviam numa economia forçada que raramente permitia o acesso às escolas e à aquisição de utensílios domésticos, material de higiene, de lazer, etc.

Sensibilizado pela situação, em 1949, José Zugno aceitou o desafio de iniciar o Fomento Agrícola Municipal, e passou os primeiros meses de sua atividade percorrendo o interior do município a fim de perceber a situação dos agricultores. Sempre acompanhado pelo Dr. Adolfo Randazzo, agrônomo italiano, radicado em Caxias do Sul desde o final da 1ª Guerra Mundial, conhecedor do município e de sua agricultura, sendo ele mesmo responsável por uma horta modelo, além de ser articulista do jornal Pioneiro sobre assuntos agrícolas.

### **A policultura como meta**

A partir do quadro constatado, José entendeu qual seria o caminho para iniciar os trabalhos de assistência rural. A meta prioritária e permanente da DFAR seria a policultura a partir das atividades que os agricultores já sabiam fazer, para que estas passassem a trazer um pouco mais de renda para a família e não

*“O trabalho [do colono] é muito, é estafante, é sem horário, e o lucro é pequeno. Sendo assim não é de admirar que a maioria dos colonos não estejam satisfeitos com sua vida agrícola, pensando muitos deles em abandonar a colônia e passar a viver como consumidores na cidade. O agricultor, evidentemente não tem culpa dessa situação. Pelo contrário o que pode fazer faz. (...) O que falta é uma nova técnica agrícola”.*

*José Zugno - Vida Agrícola  
29/04/1953*

se restringissem apenas ao consumo próprio.

A uva deveria continuar sendo o principal produto da economia colonial e inclusive melhorada, uma vez que contava com o apoio que sempre vinha lhe prestando a Estação Experimental de Viticultura e Enologia de Caxias do Sul.

*O lema da diretoria seria:  
Fomento Agrícola a Serviço  
da Policultura.*



Mas, junto ao interesse pela uva, cada agricultor poderia desenvolver economicamente uma ou outra das atividades que já conhecia sob o estímulo e a orientação do pessoal técnico do Fomento Agrícola. Assim se realizaria a diversificação das culturas e das criações e o município poderia se tornar policultor para o benefício de todos, especialmente do pequeno agricultor.

O lema da diretoria seria: Fomento Agrícola a Serviço da Policultura.

### **Primeiro passo – diálogo com os agricultores**

Zugno convocou reuniões nas principais comunidades rurais (capelas) do município com a presença dos Sub-prefeitos de cada Distrito, de Inspectores de Travessão e líderes locais para ouvi-los sobre o que gostariam que a Prefeitura fizesse por eles. Responderam invariavelmente que gostariam que melhorassem as estradas, as escolas, tirassem os “impostos das carretinhas e do fogão” e resolvessem alguns problemas locais, mas nenhum deles pedia assistência técnica. Não tinham, nem esperavam auxílio para qualificar os trabalhos das lavouras e criações que praticavam.

Zugno perguntava então:

– E se a prefeitura colocasse em cada distrito um touro de raça para melhorar o gado leiteiro, o que os senhores achariam?

– *Oh, saria una bela cosa!* – (oh! Seria uma coisa boa!) respondiam eles, misturando o linguajar do dialeto vêneto, do norte da Itália, com o português.

– E se distribuísse pintos de raça, de um dia, para aumentar a produção de ovos das galinhas e melhorar a carne de frango?

– E se introduzisse porcos de raça que dessem mais carne e menos banha?



*Alzemiro Hoffmann e Geni Savicki Hoffmann com a filha Teresinha de Fatima Hoffmann.*

*Um dos primeiros agricultores a aderir às novas técnicas propostas por José Zugno, que acabou convidado para padrinho da menina.*

– E se criasse serviços para ensinar a criar abelhas, coelhos, etc.?

– *Oh, saria una bela cosa!* – exclamavam eles.

– E se a Prefeitura fornecesse mudas frutíferas, sementes selecionadas de batata, tomate, milho, trigo, feijão, etc., e ensinasse o plantio e o cultivo? – continuava Zugno.

– E se dispusesse de veterinário para atender o parto das vacas e os animais doentes?

– *Oh, saria una bela cosa!* – respondiam, surpresos, os agricultores.

– E se ensinasse a plantar em curva de nível, a construir estrumeiras, açudes, extensão de energia elétrica, etc., etc., e assim uma série de atividades que pudessem melhorar as condições de trabalho do agricultor?

– *Oh, saria una bela cosa!* – a resposta era sempre a mesma.



*Zugno, durante o seu mandato, costumava reunir os produtores rurais para diálogo. Nesta reunião, à sua esquerda estava também o prefeito Hermes Weber.*



### Uma diretoria embaixo de uma escada

Dotado apenas de uma pequena mesa com duas cadeiras de palha, uma velha máquina de escrever sem escriturário, e um pequeno armário, o Fomento Agrícola instalou-se inicialmente num cubículo, embaixo da escada da antiga sede da Prefeitura, na Rua Visconde de Pelotas (atual Museu Municipal), passagem obrigatória do prefeito para o pátio interno. Certa vez, ele recebeu de um funcionário do alto escalão observações irônicas sobre a precariedade do local:

– Mas isto é local que se preze para uma diretoria?

O novo diretor respondeu prontamente:

– Meu escritório não é aqui; é no município todo!

“Importante é fixar metas; difícil é realizá-las”, pensava Zugno, tendo tão poucos recursos e quase sem pessoal. No início só contava com um “Jeep” velho, um motorista e um vacinador, que era também parteiro de vacas.

O próprio diretor, repartindo o “Jeep” com o vacinador de gado, Sílvio Mondin, iniciou contato diário com os agricultores. Fazia-se necessário demonstrar que eles poderiam obter renda também através daquilo que, até então, produziam somente para consumo da própria família. Tratava-se de convencê-los a usar sementes melhoradas, a preparar melhor o solo, a evitar as queimadas, a substituir a rotação da terra pela rotação das culturas, a cultivar em curvas de nível, a drenar os banhados, a experimentar adubos, a conservar os restos de matas, a reflorestar, a construir estrumeiras, pocilgas, paióis, apiários, galinheiros, a aperfeiçoar o manejo, o racionamento e os cuidados com as criações, etc.

*“Mas isto é local que se preze para uma diretoria?”*

*O novo diretor respondeu prontamente:*

*“Meu escritório não é aqui, é no município todo”.*



## Criação do Horto Municipal

O prefeito Luciano Corsetti incumbiu Zugno de revitalizar as áreas em torno das represas do Sistema Dal Bó, na periferia norte da cidade. O espaço havia sido criado como viveiro de mudas de árvores a serem transplantadas na recém-criada rodovia BR 116, mas estava sendo invadido por vândalos que derrubavam as matas, levando carradas de lenha.

Sem demora, o diretor do Fomento Agrícola tratou de refazer as cercas tombadas, construir a casa do guardião e reativar os viveiros às margens da represa São Miguel, construídos pelo Dr. Celeste Gobatto quando era Intendente de Caxias do Sul, de 1924 a 1928.

*Modelo de curvas de nível  
realizado no Horto Municipal.*





O local, aos cuidados de Zugno, passou a chamar-se de Horto Municipal. Recebeu melhoramentos, como a criação de nova via de acesso e novos caminhos internos, abertos com a ajuda de um tratorzinho agrícola, dotado de uma plaina traseira e dirigido pelo tratorista Sebastião Bueno. Além disto, providenciou-se a construção do galpão e do pontilhão sobre o arroio que ligava as represas São Pedro e São Miguel.

Completando o reflorestamento deixado pelo intendente Gobbato, plantaram-se centenas de mudas de Araucárias, Ciprestes, Pinus, Álamos e outras. Foram conservados os matos naturais que ainda existiam e plantadas mudas de essências nativas: Cedro, Açoita-cavalo, Ipê, Cangerona, Camboatá, dentre outras, no meio dos capoeirões para reconstituir o mato nativo.

*Alunas da Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras da futura  
Universidade de Caxias do Sul. Aula de  
campo no Horto Municipal - 1966.*



Mais tarde realizou-se o levantamento e a identificação das espécies nativas com a colaboração do botânico e naturalista Irmão Teodoro Luiz, fundador do Jardim Botânico de Pelotas e, posteriormente, fundador e primeiro diretor do Jardim Botânico de Porto Alegre.

O agrônomo aproveitou o local para criar um inédito campo de experimentação de cultivo da batata inglesa. A ideia era incentivar esta cultura já que na época estava quase sendo abandonada pelos agricultores. Em conjunto com a Secretaria da Agricultura do Estado, fez experiências com sementes de variedade *Bintge*, *Eigenhaymer*, *Odda* e *Benedikta*, importadas da Holanda e da Alemanha.

Boa parte da área do Horto Municipal foi reservada ao cultivo experimental com sementes selecionadas para depois serem propagadas nas colônias mediante orientação técnica.

Além do trigo *Frontana*, Zugno introduziu, na região, variedades de superior qualidade como o *Cincana*, *Rio Negro*,

*“Não fazer, ensinar a fazer. Agir como as enzimas que provocam as reações bioquímicas sem entrar nelas, sem aparecer, sem tirar vantagens, assim ele aprende e tem o desejo de progredir.”*





*Trinta e cinco*; e ainda outros criados nas estações experimentais do Rio Grande do Sul para substituir os trigos como o *Lageadinho* e outros cultivados na colônia, de baixo peso hectolitro e baixo teor nutritivo.

Introduziu também milhos de variedades selecionados, de variedades híbridas então desconhecidas, além de sementes de hortaliças: tomates, couve-flor, alfaces, *radicci*, cenouras, pimentas, etc., importadas diretamente da maior casa de sementes da Europa, a “Irmãos Ingegnolli”, de Milão – Itália.

## Diretoria de Fomento se estrutura em serviços

A almejada diversificação das culturas e criações deveria ser alcançada sem muita burocracia, através de Serviços, cada qual com objetivos bem nítidos, sob a responsabilidade de um técnico que entendesse e gostasse do assunto, com um mínimo de recursos para poder atuar junto ao agricultor. Começou com a contratação de um escriturário dando início ao “Serviço de Expediente da Diretoria”.

Para o êxito da atuação junto ao agricultor, Zugno concebeu e impôs a si mesmo e aos responsáveis dos serviços os seguintes princípios:

*“Não dizer apenas como se faz, não fazer apenas uma demonstração, mas fazer junto com o agricultor”.*

*“Não fazer, ensinar a fazer”.*

*“Agir como as enzimas que provocam as reações bioquímicas sem entrar nelas, sem aparecer, sem tirar vantagens, assim ele aprende e tem o desejo de progredir”.*

*Da esquerda para a direita: Odir Miguel Ferronato, Hilário Belandi, Milton José Guerra (Técnicos Agrícolas da DFAR) e Osvaldo Padilha de Lima, o Tico (Chefe da Equipe de Jardineiros da DFAR).*



Depois de alguns anos já se encontravam em funcionamento os vários departamentos do Fomento Agrícola, com técnicos qualificados para os serviços propostos: Serviços de Sementes e Mudanças, de Assistência às Lavouras, de Horticultura, de Fruticultura, de Reflorestamento, de Apicultura, de Avicultura, de Cunicultura, de Suinocultura, de Ovinocultura, de Assistência Veterinária, de Inseminação Artificial, de Tratores Agrícolas, além do Serviço de Praças e Jardins e do Serviço de Expediente com seus arquivos, registros, biblioteca, laboratório de análises bioquímicas e atendimento aos cidadãos.



*Quinze anos depois de iniciado o Fomento Agrícola, em 1964, é construída a sua sede própria, na Rua Bento Gonçalves.*

No início de suas atividades como diretor do Fomento Agrícola, lembro-me bem quando o ouvi pela primeira vez, fazendo uma palestra aos agricultores do distrito de Criúva, convidando, a quem quisesse, fazer experiências com técnicas novas de plantio, nas culturas que já praticavam em suas propriedades.

Foi ali que eu conheci o agrônomo. Senti-me atraído por suas palavras e decidi aceitar a sua proposta. Ofereci minha propriedade e começamos com uma plantação de batatas virgo, desconhecidas no lugar por falta de sementes. Foi um sucesso.



Plantamos o trigo Frontana, também uma novidade na época, que deu um resultado muito superior ao trigo antes utilizado. Também fizemos uma plantação de pessegueiros que começou a florescer no 2º ano, dando produção abundante no 3º ano. Zugno me ensinou também a fazer um melhor tratamento nas parreiras. Os vizinhos olhavam os bons resultados e me chamavam de “sócio do agrônomo da Prefeitura”.

Apreciei o título, pois o Dr. Zugno tornou-se, além de tudo, um grande amigo. Os agricultores da região me faziam perguntas, queriam saber das novas técnicas, e se entusiasmavam para adotá-las. Dirigiam-se ao Fomento Agrícola e também passavam a receber boas orientações para melhorar sua produção. Foi assim que, nós pequenos produtores, vimos melhorar o nosso trabalho.

*Arquimimo Sandi, agricultor de Criúva, distrito de Caxias do Sul, em depoimento para a Coluna Vida Agrícola 12/12/2007*

### **Pioneiro na inseminação artificial do gado**

Na área da zoootenia, sob o comando de Zugno, a DFAR fez de Caxias do Sul o primeiro município do interior do Rio Grande do Sul a praticar a inseminação artificial no gado, com a colaboração do Serviço de Inseminação do Estado.

Fato curioso é que alguns produtores rurais temiam adotar a nova técnica considerando-a um pecado religioso. Foi necessária a intervenção do Padre Ângelo Tronca, criador do Círculo Operário Caxiense, para esclarecer que a doutrina católica permitia a inseminação artificial nos animais.



### **Serviço de Tratores – novidade na serra gaúcha**

Em 1950 não existia um único trator agrícola nas colônias da região. Só a Estação Experimental, a Vinícola Michelin e a Granja Sorriso possuíam tratores equipados com motor do tipo “Ford de Bigode”, de 15HP, fáceis de manobrar.

Já no primeiro ano, Zugno pediu ao prefeito Luciano Corsetti recursos para adquirir um trator de igual marca e os diversos equipamentos para introduzi-lo na colônia. O prefeito concordou e disse que a verba deveria ser aprovada pelos vereadores. Estes logo objetaram:

– Botar máquinas na colônia que só tem morro e pedra?

Zugno convenceu-os argumentando que existia, no município, ao menos 25.000 hectares possíveis de serem trabalhados com máquinas agrícolas. Aprovada a verba, e adquirido o trator equipado com diversos implementos, o tratorista Sebastião Bueno passou o ano todo de 1950 percorrendo o interior do município fazendo demonstrações dos serviços que



*Vereadores logo objetaram: “Botar máquinas na colônia que só tem morro e pedra?”*



o agricultor poderia fazer com aquela máquina agrícola.

Na administração do prefeito Euclides Triches (1952-1954) foram adquiridos mais quatro tratores Fordson, todos equipados com implementos; e nas administrações seguintes, adquiridos ainda outros, estes, de marca Massey-Ferguson.

Para manutenção dos mesmos, montou-se oficina própria nas garagens da Prefeitura com o mecânico-chefe, Sr. Brandão. Caxias do Sul assim se tornou pioneira no Estado em mecanização agrícola municipal.

Comprovado o sucesso do serviço de tratores, ano após ano, foram sendo adquiridas mais máquinas, aumentando sua

*O primeiro trator foi adquirido já em 1950. Em 1983, o setor já contava com 37 tratores devidamente equipados.*



eficiência e os produtores dos diversos distritos passaram a usufruir de lavrações, gradagens, ceifaduras, terraceamentos, destocamentos, etc.

### **Apiários Modelo – estímulo à apicultura**

O Serviço de Apicultura foi criado para desenvolver criações de abelhas produtivas a partir da racionalização das milhares de colmeias rústicas que existiam no município. No Horto foi instalado o Apiário Municipal com 30 colmeias *Shenke* para servir tanto de modelo aos que quisessem dedicar-se à criação apícola, como para as aulas práticas dos alunos que participavam dos cursos periódicos que o Serviço de Apicultura da DFAR criara.



*Apiário rotineiro (cabloco). O Serviço de Apicultura, em levantamento procedido, encontrou nada menos que 50.000 caixas rotineiras espalhadas em todo o Município, com produção de mel, em média, de 8Kg por caixa.*



*Apiário modelo do Serviço de Apicultura da DFAR. Produção de mel: de 30 a 40Kg/caixa.*

Na área do apiário municipal foi construída a Casas-Abelhas para abrigar os apetrechos necessários ao seu funcionamento e todo o material apícola que os apicultores poderiam adquirir a preço de custo, inclusive a cera-bruta periodicamente trocada por cera-alveolada produzida e fornecida pelo Parque Apícola da Secretaria Estadual de Agricultura sediada em Taquari, RS.

Para disseminar e consolidar a prática da apicultura, no meio rural da região, 27 apiários modelo foram montados e instalados nas propriedades de agricultores.

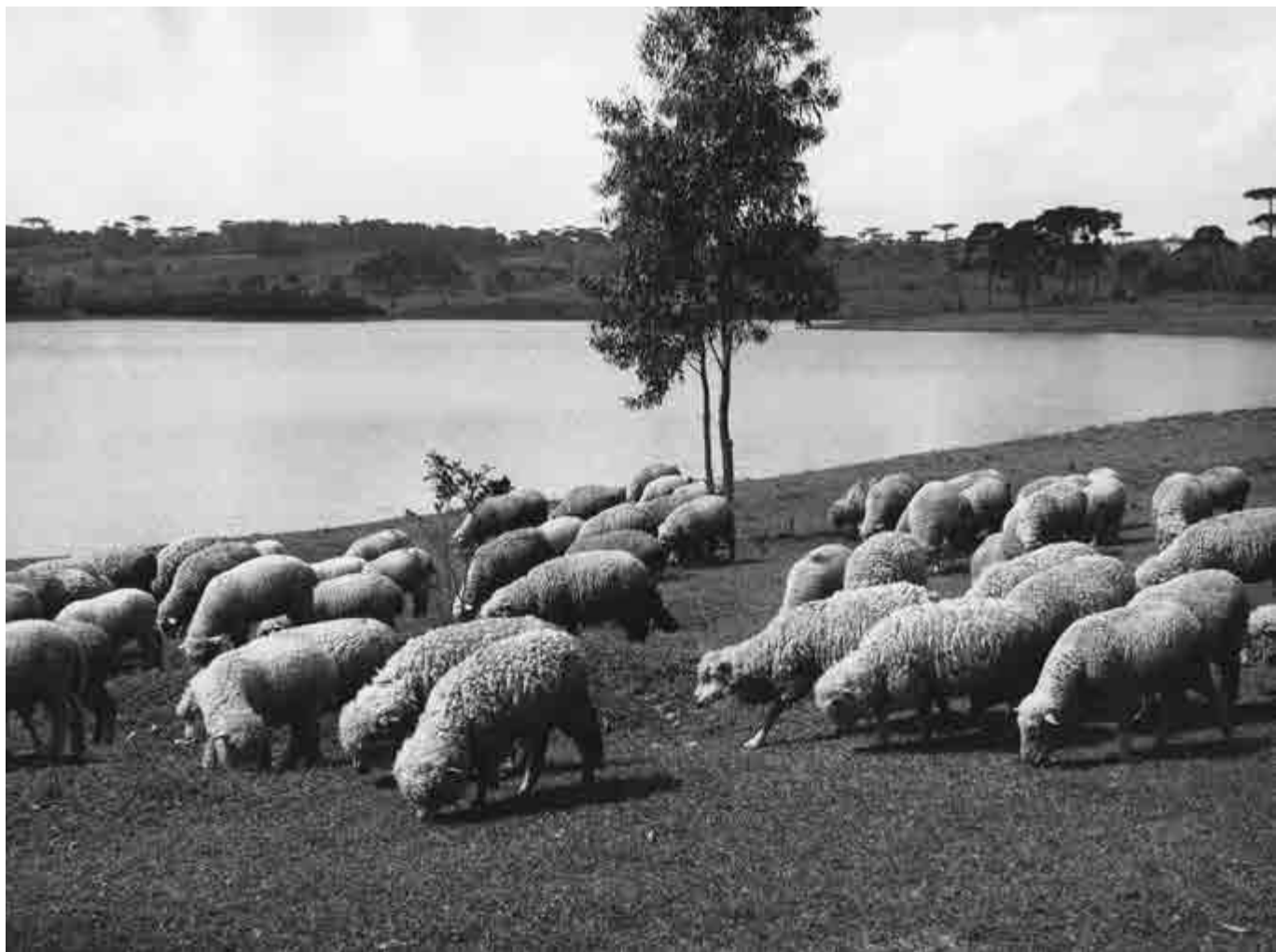
O Serviço de Apicultura, em maio de 1964, reuniu os principais criadores do município e fundou a Associação Caxiense dos Apicultores (ASCAP).

### **Ovinocultura – rebanho modelo**

Na administração do prefeito Armando Biazus (1960-1963), a pedido do mesmo, foi iniciada, a cargo da DFAR, uma criação de ovelhas. A margem sul da represa São Miguel, que havia sido ampliada na administração Euclides Triches (1952-1954), se tornou um amplo gramado com Grama Missioneira, onde pastavam um reprodutor puro de pedigree da raça *Corriedale* (mista de lã e carne) da “Cabanha Batalha” de Bagé-RS, e 36 ovelhas puras “por cruza” de uma fazenda de Dom Pedrito. No segundo ano foi adquirido ainda outro reprodutor puro da mesma raça e construídas as mangueiras e o galpão para abrigar o rebanho nas proximidades da casa do zelador da represa São Pedro, que passou a ser o guardião das ovelhas.

*Para disseminar e consolidar a prática da apicultura no meio rural da região foram montados 27 apiários modelo instalados nas propriedades de agricultores.*

O rebanho mantinha a grama aparada evitando a erosão, e dele se selecionavam “borregos” para serem leiloados, geralmente no fim do ano, exclusivamente para os criadores caxienses, visando a melhoria da criação de ovinos. As filhotes fêmeas ficavam no Horto para aumentar o rebanho.



### Parceria com a as escolas do município

No início dos anos 50, havia a Diretoria da Instrução Pública do Município – que, mais tarde, viria a ser a Secretaria Municipal de Educação – comandada pela notável professora Ester Troian Benvenuti.

Dona Ester, como era conhecida, manteve o jornalzinho “Despertar” e os Clubes Agrícolas, com a colaboração de Zugno, a fim de incentivar os alunos a acompanharem as experiências dos pais nas novas técnicas agrícolas orientadas pela DFAR.



---

Prezado Dr. Zugno:

Lembro-me de quando eu tinha de 8 a 9 anos e vi meu pai e meu tio, sob sua orientação, preparando canteiros para o plantio de um trigo novo (Frontana), uns com calcário, outros com adubo, outros sem nada. (...)

Noutras ocasiões vi o senhor ensinando a plantar milho (fiquei sabendo depois que era o tal do milho híbrido), semente de batata em curvas de nível, tomate em fileiras e outras hortaliças.

Vi Mondin vacinando os porquinhos e atendendo vacas doentes.

Vi a gurizada trepando no tratorzinho que nós não conhecíamos. (...)

Estes contatos diretos com os agricultores, os trabalhos feitos em conjunto para lhes dar a conhecer novas sementes e novas práticas de cultivar terras tiveram a ver com a diversificação da agricultura no município.

*Carta do vereador Getúlio Demore que morou na colônia (Caxias do Sul, dez/2003)*

---

## Município transforma-se em policultor

No início da década de 60, Caxias já se destacava como município policultor. Mais tarde viria a tornar-se o maior produtor de hortifrutigranjeiros do Rio Grande do Sul e o maior fornecedor de tomates à CEASA de Porto Alegre.



---

## As vacas não têm culpa!

Campolino, na década de 30, resolveu cobrar pedágio de quem passasse na ponte sobre o rio Cará, na estrada de Caxias para Canela, na serra gaúcha. Arrumou uma farda cáqui, daquelas de guarda de fronteira, e um revólver de segunda mão que ele colocava na cintura para impor autoridade.

E lá estava o Campolino à espera de mais um “cliente”. Era o ano de 1936. Mais precisamente final de fevereiro. Não demorou muito, avistou dois cavalos se aproximando. Encima de um havia um guri de uns doze anos e outro, logo atrás, de uns oito. O maior se chamava José e o menor, Eris. Eram primos. Chegara a hora do Eris voltar para casa. Havia passado as férias na casa do tio, em Caxias. O tio, o velho Guera, renomado tropeiro da região, andava muito atarefado. Resolveu então confiar a tarefa de levar o sobrinho de volta para casa ao filho que melhor cavalgava. Mas não imaginava que o Campolino iria judiar dos garotos. Para assustar os gurus, Campolino pegou nas rédeas de um dos cavalos e disse que eles não passariam se não pagassem o dobro do valor do pedágio. Como o dinheiro estava contado, o guri menor se abriu no choro e o maior tentou negociar, oferecendo o lanche que a vó havia preparado pros dois. O Campolino não era “flor que se cheire”, mas afinal deixou passar os garotos aceitando o pagamento normal.

Quatorze anos depois, o José virou agrônomo e diretor do Fomento Agrícola, órgão antecessor à Secretaria de agricultura do município de Caxias. E o Campolino? Passou a criar gado leiteiro e produzir leite. O Fomento Agrícola de então distribuía ração para o gado com vistas a melhorar a qualidade do mesmo e, conseqüentemente, a produção de leite na região. Cada produtor tinha direito a duas sacas de ração.

Chegou então o Campolino, naquele órgão público, para pegar o que lhe era devido. O José, de outra sala, percebeu que a voz do senhor que entrava era conhecida (criança assustada tem uma memória!). Passou a porta, deu uma olhada e verificou: era o próprio guarda da ponte! Pediu a um funcionário para chamar o sujeito à sua sala e começou a conversa:

- Se lembra do tempo da velha estrada de Caxias a Canela? – perguntou o agrônomo.
  - Pois é, tempos difíceis aqueles, não! - comentou Campolino
  - Se lembra de quando trabalhava na ponte e chegaram dois gurus a cavalo?
  - Ah, aí aparecia de tudo. Desde bebum até moleque atrevido.
  - Pois um daqueles gurus era eu, e o senhor judiou de nós, hein?
- Campolino, lembrando do fato, já foi saindo de mansinho, sem pegar as sacas de ração.
- Susto por susto, o José então decidiu:
- Chama de volta o Campolino!
- E o Campolino voltou.
- Pode entregar a ração. E em dobro! - determinou José - pois as vacas não têm culpa!

*Crônica de Ricardo Zugno, a partir de relato de José Zugno*

---

## Feiras do produtor rural

Outra iniciativa pioneira, sob a direção de Zugno, foi a “Feira do Agricultor” quando, em 1979, retornou à Secretaria da Agricultura, na administração do prefeito Mansueto de Castro Serafini Filho.

Mansueto incumbiu-lhe de estudar a melhor forma de implantar feiras livres em Caxias, e a melhor maneira

PORTE PAGO  
DI/RS  
ISR - 49-038/73

Em dois anos de funcionamento, a Feira do Produtor já se consolidou. Produtor e consumidor estão satisfeitos. Página 3.

**CORREIO  
RIOGRANDENSE**

ANO 72 - 4ª feira - 02 de dezembro de 1981 - Nº 3.738  
CAXIAS DO SUL - Venda Avulsa: Cr\$ 30,00

**FEIRA DO  
PRODUTOR:  
UMA SOLUÇÃO SIMPLES**



encontrada foi fazê-las exclusivamente com produtores diretos. Com estas feiras, o agricultor caxiense que já se consolidava como policultor, passou a ter espaço para comercializar sua produção, eliminando o “atravessador” que, em geral, ficava com a maior fatia do lucro das vendas. Com isto a população obtinha produtos frescos e com melhor preço, e o agricultor melhorava a sua renda.

CORREIO RIOGRANDENSE • Caxias do Sul, 5 de novembro de 2014

*Essa homenagem é ao agricultor, que planta, enfrenta desafios do tempo e da colheita, e aos consumidores.*  
Raimundo Bares, vendedor empenhoso

CR

Reportagem 7

CAXIAS DO SUL

## A feira do Doutor José Zugno

A primeira Feira do Agricultor do Brasil recebe homenagem em seus 35 anos de fundação

**A** serviço da policultura” era o lema da Diretoria de Fomento Agrícola e Associação Rural de Caxias do Sul (DEFAAR), criado em 1914. Secretário Municipal da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Smagap), o serviço percorreu os Brasil a sem parar no Rio Grande do Sul, foi criado pelo decreto nº 1, de 1947, do prefeito italiano Dr. Demétrio Niederman.

A iniciativa deve-se a um veterinário, José Zugno, engenheiro agrônomo pela UFRGS, graduado em História Natural pela PUCRS e diretor da DEFAAR, mais conhecido por Dr. Zugno. Sua popularidade deve-se à fundação da Feira do Agricultor, em 1979, à introdução de tubérculos, a diversificação da produção agropecuária e, por, especialmente, ser marcado durante 25 dias e cultura Vida Agrícola do Correio Rio-grandense, orientando leitores do país e exterior. A primeira edição foi escrita em 29 de abril de 1993.

O grupo da agricultura familiar, iniciado em 9 de fevereiro de 2008, criou a Feira do Agricultor, na administração de Manoel de Castro Seratti Filho. Maninho (sobrinho do estalador) a melhor forma de implantar feiras livres, li a melhor forma encontrada por Zugno foi fazê-las exclusivamente com produtores com venda direta.

Com isso, o agricultor consegue que já se consolidava como policultor no Rio Grande do Sul, passar a ter espaço para comercializar sua produção, eliminando o atravessador que, em geral, ficava



**Primórdios:** Dr. Zugno oferece os produtos na 1ª Feira do Agricultor e administração de público e familiares, tecnologicamente

com a maior fatia do lucro. Assim, a população obtinha produtos frescos e com melhor preço, e o agricultor melhorava a sua renda.

**1ª edição** - A primeira edição aconteceu numa bela manhã do dia 22 de novembro, com nove feirantes a público recheado. Intencionalmente, a feira aconteceu duas vezes por semana (às terças e sextas-feiras) e em dois pontos da cidade: na rua Hércules Gallo e na Vila Kayser.

Após se aposentar e retirar-se do serviço público, em 1983, Zugno

deixou um legado de 17 feiras de agricultores por semana, em vários bairros da cidade, com sistema de feirantes cadastrados. No ano de 1982, por exemplo, foram realizadas 77 feiras.

**Hoje** - Caxias do Sul conta atualmente com 11 feiras de agricultores, que ocorrem em cinco ruas da cidade (da terça a sábado). Esse modelo de comercialização direta do produtor para o consumidor existe, hoje, com 171 feirantes cadastrados. A feira é constituída

basicamente por agricultores que não produzem suficiente para vender para a Ceasa. “Deus foi, a realização das feiras é uma alternativa para a comercialização de seus produtos”, esclarece o secretário da Smagap, Araújo.

**No Brasil** - No Brasil, a primeira feira livre de produtos agropecuários aconteceu em 25 de agosto de 1914, em Curitiba, no Paraná. De caráter de feira livre, a maioria dos produtores portugueses, não tinham o que

fazem com os produtos que não haviam sido comercializados nos mercados e quitandas.

Com o apoio da prefeitura de São Paulo, conseguiram vender diretamente para os consumidores os produtos que sobravam, mantendo suas atividades no Largo General Osório. Na época, Washington Luís era o prefeito da cidade e foi quem instituiu as feiras livres no Brasil, em homenagem ao presidente da República, função que assumiu em 15 de novembro de 1926.



# *A valorização do homem do campo*

## *Exposições de produtos agropecuários*

Constatado o crescimento da produção agrícola do município – mel, ovos, frangos, leite, trigo, milho, batata, tomate, hortaliças, frutas e tantos outros – e consolidada a policultura, era preciso mostrar aos próprios agricultores dos distritos o quanto evoluíram e o quanto ainda tinham capacidade de se aprimorar. Ao mesmo tempo era importante convidar a população da cidade a conhecer melhor os distritos e os produtos de sua agricultura.

José Zugno idealizou, então, exposições de produtos agropecuários nos vários distritos do município. Foi ao prefeito, que na ocasião era Armando Biazus (1960-1963), explicar o que pretendia fazer. O prefeito gostou da proposta, mas foi logo dizendo:

*Comissão da Festa da Batata, Fazenda Souza. Da esquerda para direita: Frei Dionísio (paraninfo), Adelar Mazzochi, José Zugno, João Sgarbi, Luiz Zatti (Sub-prefeito)*



*O prefeito gostou da proposta, mas foi logo dizendo: “No momento não tenho verba para te dar, mas dou todo o meu apoio moral”. “É o suficiente”, respondeu satisfeito o agrônomo.*

– No momento não tenho verba para te dar, mas dou todo o meu apoio moral.

– É o suficiente, respondeu o agrônomo confiante. E saiu a trabalhar.

A primeira exposição ocorreu no distrito de Fazenda Souza e foi denominada de “Festa da Batata”, pois a região tinha se tornado grande produtora da solanácea. A comissão distrital, presidida pelo subprefeito Luiz Zatti, contava com o vigário da paróquia e outros líderes da comunidade. A exposição teve como paraninfo o Frei Dionísio, diretor do Correio Riograndense, e foi montada no salão paroquial.

*Exposição em Ana Rech.*



### Concurso de comida que se dá pra porco?

A comunidade local, por vezes cética quanto a esta iniciativa, terminava por se envolver com entusiasmo na sua organização. O Padre Armando Petrobelli, professor da Escola Normal Rural de Ana Rech, ao saber da decisão de realizar um concurso de abóboras em Criúva, questionou Zugno:

- Vais fazer concurso de uma coisa que se dá para porco?

O concurso foi realizado e chegou ao conhecimento de um comerciante de São Paulo que veio a Criúva e comprou tantas abóboras a ponto de encherem dois caminhões. A tal “coisa que se dá para porco” passou a ter mercado também fora do Rio Grande do Sul.

Padre Armando, ao saber deste fato, convenceu-se e tornou-se um dos mais entusiastas organizadores das exposições de produtos agrícolas e de animais realizadas em Ana Rech, às quais compareceram até governadores do Estado como o Coronel Perachi Barcelos e o Engenheiro Euclides Triches.

### Semanas Ruralistas – integrando a população agrícola

Antecedia estas exposições a chamada “Semana Ruralista” com palestras sobre culturas diversas, economia doméstica, criações de animais e outros temas de interesse dos agricultores. Estas palestras eram ministradas com a colaboração de técnicos da Estação Experimental, da Ascar-Emater, da Inspeção Veterinária de Farroupilha, da Carteira Agrícola do Banco do Brasil e do Fomento Agrícola, que se revezavam para tanto nas pequenas comunidades de cada distrito.



*Rainha e Princesas da Festa de Ana Rech.*



*Autoridades conferindo as volumosas abóboras da exposição.*



Cada exposição contava sempre como paraninfo com uma personalidade ligada a órgãos da imprensa ou a entidades técnicas, locais ou de Porto Alegre (Correio do Povo Rural, Estações Experimentais, Ascar-Emater Estadual, TV Piratini, Revista A Granja, Jornal do Dia). A estratégia projetou o evento para além do âmbito municipal.

### **Exposições municipais – a cidade valorizando o homem do campo**

Depois de promover estas Exposições em cada um dos distritos municipais, Zugno propôs a realização de uma grande exposição municipal com a finalidade de mostrar aos habitantes da cidade aquilo que o homem do campo já produzia em benefício de todos, e o potencial do município em termos de produção agrícola.



*Cerimônia de abertura da Exposição Agrícola de Galópolis. Autoridades e população prestigiando o evento.*

Ao exporem seus produtos para apreciação geral, e serem premiados nos concursos, os próprios colonos podiam perceber melhor aquilo que eram capazes de produzir e a contribuição que davam para o bem-estar da população e para o progresso da sociedade.

A intenção era eliminar a mentalidade em vigor de que agricultura é atividade inferior da sociedade e valorizar o homem do campo. Na coluna *Vida Agrícola*, de 12/02/1987, ressaltava Zugno:

“Os agricultores, conformados com a situação, eram tidos quase como marginais: rústicos, sem traquejo social, incultos, despreocupados com a aparência e as vestes. Depreciar alguém era chamá-lo de ‘colono’. No entanto, eram dotados de bons atributos e virtudes, dedicados ao trabalho estafante, sem limite de horários, à família e à comunidade”.

Esta visão que conferia o devido valor à atividade



*Professoras dos distritos colaboravam na organização das exposições.*





agrícola e ao trabalhador rural, através das exposições, era também disseminada através dos meios de comunicação social, rádio, televisão e jornal, que vinham cobrir o evento. O Governador do Estado sempre marcava presença ou enviava seu representante.

A 1ª Exposição Municipal dos Produtos Agrícolas e de Animais, foi inaugurada em 8 de junho de 1963 pelo Governador Ildo Meneghetti e pelo Prefeito Armando Biazus. Contou com inúmeras autoridades presentes e foi abrilhantada pela Banda Marcial do Colégio do Carmo. Ocupou todo o prédio da exposição da Festa da Uva (atual Centro Administrativo) e ainda o espaço plano logo abaixo da praça da exposição, onde foram construídas as baias dos animais grandes.

O evento recebia colaboração da Ascar-Emater, da Associação Rural de Caxias, da Associação Caxiense de Apicultores, de todas as estações experimentais da região, do Banco do Brasil através da sua Carteira Agrícola, da Cooperativa de Laticínios, da Cooperativa do Tungue, de várias cooperativas agrícolas e de outras entidades e instituições ligadas ao meio rural.

Estas exposições contavam com a participação do renomado artista caxiense Guido Frezza, responsável pela confecção dos estandes, diplomas, flâmulas e pela ornamentação das instalações da maioria das feiras.

Houve concurso de todos os produtos e animais, com medalha comemorativa de ouro, prata e bronze (originais, especialmente confeccionadas pela metalúrgica Eberle) e



respectivo diploma para os primeiros colocados. A comissão julgadora era composta por técnicos especializados nas diversas áreas. Para cada Exposição era confeccionado um catálogo especial com o nome de todos os expositores, distrito por distrito.

Caxias passava assim a se tornar conhecida não somente pela Festa da Uva, ou pela pujança da indústria local, mas pelo seu potencial agrícola, pelos gêneros vegetais e animais que já produzia.



*Exposições agropecuárias nos antigos pavilhões da Festa da Uva, atual Centro Administrativo Municipal.*





# Alcança Grande Sucesso a 3.ª Exposição de Produtos Agrícolas No Distrito de GalópoliS

Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura proporcionou valiosos ensinamentos aos agricultores daquele distrito — Destacadas personalidades do Estado visitaram a Exposição.

Dando seqüência ao programa de estímulo aos agricultores do município, posto em prática pela Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal, a 3.ª Exposição de Produtos Agrícolas do Distrito de GalópoliS, realizada em 27 e 28 de junho, alcançou grande êxito.

Interesse local, por estarem presentes da ARCAN e membros da Estação Experimental de GalópoliS, da Estação Experimental de Venâncio Aires, e da Estação Experimental de São José do Sul, proporcionou a realização de importantes trabalhos de demonstração e de ensino aos agricultores do distrito.

Realizaram-se as atividades de demonstração da 3.ª Exposição de Produtos Agrícolas de GalópoliS. As atividades foram realizadas no Estádio Municipal de GalópoliS, sob a direção do Sr. João Zangari, diretor da Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal.

Representantes do rádio e da imprensa, e numerosas entidades civis e públicas em geral, além do governador, Sr. Antônio Pinto Bello Junior, tiveram com a palavra o presidente Honorário João Webber, e o Sr. João Zangari, diretor da Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal.



## CORREIO RIO-GRANDENSE

importantes ensinamentos proporcionados aos agricultores, foram iniciados dia 11 de junho. Depois desta data o dia 24 foram produzidos

Departamento Municipal de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal. Dia 26, procedeu-se ao julgamento dos produtos e

Atendendo ao pedido de Sr. João Zangari, diretor da Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal, foi realizada a 3.ª Exposição de Produtos Agrícolas de GalópoliS, em 27 e 28 de junho.

Atendendo ao pedido de Sr. João Zangari, diretor da Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal, foi realizada a 3.ª Exposição de Produtos Agrícolas de GalópoliS, em 27 e 28 de junho.

### CORREIO RURAL PARANINFARÁ AMANHÃ EXPOSIÇÃO EM CRIÚVA



Formados em sociedade...

### EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE SANTA LÚCIA DO PIAI ALCANÇOU GRANDE ÊXITO

Uma Exposição de Produtos Agrícolas, realizada em Santa Lúcia do Piauí, alcançou grande êxito. A exposição foi realizada em 27 e 28 de junho, sob a direção do Sr. João Zangari, diretor da Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal. A exposição foi realizada no Estádio Municipal de Santa Lúcia do Piauí, sob a direção do Sr. João Zangari, diretor da Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal.

Advertisement for 'RO' magazine, featuring the text 'RO' and '10 de março de 1964'.

Advertisement for 'CAMPO' magazine, featuring the text 'CAMPO' and 'REVISTA MENSAL DE TEMAS AGRICOLAS'.

### Exposição de A. Rech: Síntese da Riqueza Agro-Pecuária de Caxias do Sul



### EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE SANTA LÚCIA DO PIAI ALCANÇOU AMPLO SUCESSO: MAGNÍFICA MOSTRA

Santa Lúcia do Piauí, pequeno distrito do Estado do Piauí, alcançou grande êxito na 3.ª Exposição de Produtos Agrícolas, realizada em 27 e 28 de junho. A exposição foi realizada no Estádio Municipal de Santa Lúcia do Piauí, sob a direção do Sr. João Zangari, diretor da Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal. A exposição foi realizada em 27 e 28 de junho, sob a direção do Sr. João Zangari, diretor da Diretoria de Fomento e Assistência Rural da Prefeitura Municipal.



## *A cidade das rosas*

### *Serviço de praças e jardins*

Quando José Zugno assumiu a diretoria do Fomento Agrícola, em 1949, o prefeito Luciano Corsetti incumbiu-o ainda de coordenar o Serviço de Praças e Jardins, que antes estava ligada à Secretaria de Obras, dirigida por José Ariodante Mattana, e à subprefeitura do 1º distrito.

Este serviço era responsável pela arborização das ruas da cidade e sedes distritais, e pela manutenção de suas praças e parques. Zugno contou inicialmente com a valiosa colaboração do já experiente jardineiro Francisco Maldonado como chefe do serviço e, depois da sua morte, com o Sr. Osvaldo Padilha, também chamado de “Tico”, que, junto com o seu irmão Sinval, exercia elogiável liderança junto à equipe de jardineiros da DFAR.

Tendo em vista a arborização das vias e logradouros públicos, foram cultivadas no Horto Municipal mais de 30



*Arborização na avenida Júlio de Castilhos na década de 60.*



*Ligustros na Rua Os 18 do Forte em 1965.*

espécies arbóreas nativas para observação e conhecimento de seus hábitos de crescimento.

Em 1963, a fama do horto chegou até o governo federal, que solicitou ao município um carregamento de mudas de árvores ornamentais e frutíferas para arborizar a nova capital, Brasília. Zugno acompanhou o carregamento para orientar o plantio.

Na época, o Horto continha algumas mudas de ligustros (*Ligustrum lucidum*), árvore reconhecida pela literatura agrícola internacional como apropriada para arborização urbana, sendo esta a espécie escolhida por Zugno para ser plantada na maior parte das ruas e praças da cidade. Árvore de folha perene e abundante em todas as épocas do ano, rústica e dócil, reage aos maus tratos, logo recuperando as partes perdidas. O ligustro se adaptou perfeitamente ao habitat de Caxias do Sul.

Anos mais tarde, esta mesma árvore viria a ser “demonizada” como causadora de alergias de primavera. Uma culpa indevida, já que a floração do ligustro ocorre somente na entrada do verão, de dezembro em diante. A inverdade repetida infinitas vezes acabou convencendo parte da população de sua inadequação. Mas o ligustro segue sendo, em inúmeras cidades do mundo, uma das principais espécies utilizadas para a arborização urbana. O assunto foi tema de diversas colunas *Vida Agrícola* em defesa do famigerado ligustro.

### **Caxias do Sul – exemplo de arborização na década de 70**

Por volta de 1970, o Gabinete Municipal de Planejamento (GAMAPLAN), buscando rumos para o desenvolvimento

urbano, através do II Plano Diretor, procurou a assessoria do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo do Ministério do Interior (SERFHAN). Os técnicos enviados avaliaram a situação da cidade declarando, em reunião programática aos membros do GAMAPLAN, que “duas cidades do país agradam pela qualidade de vida e arborização urbana: Maringá (reconhecida pela UNESCO como modelo de arborização urbana) e Caxias do Sul”.



### **O roseiral que fez história**

Com o passar do tempo, o Horto Municipal, local de produção de mudas de espécies arbóreas e ornamentais destinadas à arborização das ruas e praças da cidade e distritos, tornou-se mais conhecido particularmente pelo magnífico e admirado roseiral com milhares de enxertos de inúmeras variedades amplamente difundidos nos jardins públicos e particulares da região.



Todos os anos, o Fomento adquiria uma coleção de novidades de rosas para plantá-las, observar as características, comportamento de cada variedade e multiplicar as mais apropriadas às nossas condições de solo e clima. O principal fornecedor era a Roselândia, a mais importante empresa no ramo, localizada em Cotia-SP, importadora, multiplicadora, e também criadora das mais premiadas rosas de todo o mundo.



Através de cruzamento de variedades, José Zugno chegou a obter uma nova rosa. Nomeou-a de Zelita, em homenagem à esposa Zélia.

Na legislatura de 1977 a 1982 da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, em pronunciamento oficial, o vereador Mário

Gardelin elogia as rosas das praças do município lembrando que a poetisa Rachel de Queiroz, em passagem pela cidade, fez menção às rosas. “Lá estão elas lindas, de pétalas sedosas, tão maravilhosas como o foram há muitos anos, quando Rachel de Queiroz as cantou numa de suas famosas crônicas, na revista O Cruzeiro”, destacou Gardelin.



*Através de cruzamento de variedades, José Zugno chegou a obter uma nova rosa. Nomeou-a de Zelita, em homenagem à esposa Zélia (na foto).*







### **O jardineiro que deu nome de rosas às suas filhas**

Zugno ressalta, na Coluna *Vida Agrícola* de 09/12/1992, o caprichoso trabalho do cuidador do roseiral:

“Era responsável pelo roseiral do Horto da Prefeitura o Manoel Martins, conhecido como Manoelzinho, o melhor exemplo de servidor público que conheci.

Era tão apaixonado pelo seu trabalho no roseiral que deu nome de rosas às suas diversas filhas. Manoelzinho faleceu exatamente no dia em que recebi uma correspondência de Gardelin exaltando as *Rosas de Caxias*.

Homens como o Seu Manoel, simples, porém



*Sr Manoel Martins, caprichoso cuidador do roseiral do Horto Municipal.*

trabalhadores e honestos, contribuem mais para o bem de uma comunidade do que tantas figuras vistosas e badaladas que conhecemos.

Na hora derradeira da despedida, disse a seus filhos que eles, “em cada rosa que virem, seja nas praças, jardins ou em qualquer lugar, terão sempre presente a memória honrada e amorosa do pai”.

*Roseiras que marcaram época na Praça  
Dante Alighieri.*



### Exposições de rosas, flores e plantas ornamentais

Nas Exposições Distritais e Municipais de Produtos Agrícolas não faltavam mostruários das principais roseiras e plantas cultivadas no Horto Municipal para o conhecimento da população, mas Zugno foi além: idealizou exposições específicas, inicialmente somente de rosas, demonstrando que o município de Caxias do Sul tem as condições de solo e clima adequados para produzir “as mais belas rosas, na perfeição das formas e na luminosidade das cores” – (*Vida Agrícola*, 09/12/1992).

Posteriormente, na terceira edição da exposição, ao lado das rosas, eram expostas flores e plantas ornamentais apropriadas para a região. O objetivo dessas exposições não consistia somente em despertar admiração. De acordo com a meta primordial da DFAR de promover a diversificação das culturas, as exposições estimulavam certos agricultores a dedicarem suas atividades também à produção de rosas, flores e plantas ornamentais para



*As exposições estimulavam certos agricultores a dedicarem suas atividades também à produção de rosas, flores e plantas ornamentais para terem mais uma fonte de renda.*



*Exposição de Flores no Colégio São José - 1967.*

abastecer os mercados e terem assim mais uma fonte de renda. A DFAR tinha condições de ensinar a cultivar, enxertar, fornecer mudas e prestar qualquer tipo de assistência aos iniciantes.

A 1ª Exposição de Rosas foi realizada em novembro de 1960, promovida pela DFAR com a inteira colaboração da Aliança Francesa – local do evento –, então presidida pelo Dr. Ely Andreazza. A iniciativa foi enaltecida pelo historiador e jornalista Mário Gardelin, em programa da Rádio Caxias, levado ao ar no dia 7 de novembro do mesmo ano, no qual fazia votos que a Exposição de Rosas se repetisse na primavera seguinte: “Além de uvas, Caxias pode também apresentar rosas” – (VA, 02/12/1992. Cidade das Uvas, Cidade das Rosas).

Os votos do historiador se concretizaram em mais três edições destas exposições. A 2ª Exposição de Rosas foi realizada mais uma vez na Aliança Francesa, em outubro de 1962. A 3ª Exposição de Rosas, acrescida da 1ª Exposição de Flores e Plantas Ornamentais, já foi mais ampla, ocupando o pátio coberto do Colégio São José, em dezembro de 1967.

A 4ª Exposição de Rosas e a 2ª de Flores e Plantas Ornamentais, com mais porte, realizou-se nos antigos Pavilhões da Festa da Uva, hoje sede da Prefeitura Municipal.

### **Criação do Parque dos Macaquinhos**

Em 1953, o prefeito Euclides Triches recebe o 1º Plano Diretor de Caxias do Sul, encomendado pelo seu antecessor, Luciano Corsetti e executado por uma equipe chefiada pelo urbanista Edvaldo Paiva, da qual fazia parte o arquiteto caxiense Roberto Veronese – que seria mais tarde o responsável da equipe do 2º Plano Diretor.

O projeto recomendava que a área conhecida como “Buraco da Usina” – um vale profundo, de uns 12 a 13 hectares, atravessado por um regato alimentado pelas águas de vertentes laterais, revestida de capoeiras e espinheiros, mantida inaproveitada enquanto a cidade expandia-se ao seu redor –, fosse transformada num grande parque.

No alto da vertente sul do parque, onde existia um campo de futebol, seriam construídos os pavilhões da Festa da Uva (atual Centro Administrativo), e o nível superior oposto, o da vertente norte do parque, seria destinada ao Centro Cívico (Prefeitura, Fórum, Biblioteca, Associação Comercial, Câmara Municipal).

O prefeito Triches, após receber o Plano Diretor, e resolvida a aquisição da área que pertencia à família Giuriolo, teve pressa em construir os pavilhões e implantar o *Parque de Exposições* que deveria ser inaugurado pelo Presidente Getúlio Vargas juntamente com a Festa da Uva de 1954 e o Monumento Nacional ao Imigrante na BR 2 (atual BR116).



*Local onde foi construída a primeira Represa de Caxias do Sul, atual Parque Getúlio Vargas. Data: [1923].  
Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.*

Contratou logo a firma Lunardi & Cia. para construir os Pavilhões da Festa da Uva e pediu a Zugno que acompanhasse os trabalhos do paisagista e naturalista Irmão Teodoro Luiz, solicitado para projetar o parque. Para tal empreitada, Irmão Teodoro contava também com a cooperação da Diretoria de Obras, chefiada pelo Sr. Hermes J. Weber, que era também vice-prefeito. Para este trabalho, Irmão Teodoro instalou-se na sede do Fomento Agrícola. Depois de sua passagem por Caxias, indo para Canoas, Irmão Teodoro fundou o Jardim Botânico de Pelotas, o Instituto Agrônômico do Sul e, mais tarde, também o Jardim Botânico de Porto Alegre.

O pessoal do Serviço de Praças e Jardins fez a consolidação dos caminhos, o preparo dos canteiros, as gramações dos taludes e o plantio de mudas, a começar pelo ajardinamento da praça defronte aos pavilhões da Festa da Uva com predominância de roseiras e hortênsias azuis.



*Obras de implantação do Parque de Exposição Getúlio Vargas. Na parte superior da imagem pode-se ver a edificação do pavilhão destinado à realização da Feira Industrial da Festa da Uva de 1954. Data: [1953]. Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.*



A grande maioria das espécies arbustivas e arbóreas foi produzida no Horto Municipal. Uma boa parte foram doações dos diretores das Estações Experimentais de Caxias do Sul, Santa Maria, Taquari e Farroupilha. Somente as mudas de Agave, Buganvílias e Criptomérias foram adquiridas em viveiros particulares (Walter Winge, na Tristeza, Porto Alegre, e Schowbald, em Novo Hamburgo, ao custo de 5,0 cruzeiros antigos, somente).

Em fevereiro de 1954, a menos de um ano do início dos trabalhos, a parte principal do Parque de Exposições estava pronta para a inauguração com a presença do presidente Getúlio Vargas, no dia 28 daquele mês.

Por volta de 1960, já na gestão do prefeito Armando Biazus, foi construído um belvedere na Rua Os 18 do Forte, possibilitando uma visão panorâmica do parque. O projeto previu também uma escadaria dupla de acesso com mais de 250 degraus. Entre as duas escadarias foram feitos canteiros limitados por buxinhos ornamentais, continuamente cultivados com espécies de flores anuais.

Nesta época foram plantados os plátanos em volta do parque, a partir de ramos resultantes da poda das árvores do pátio do Colégio do Carmo. Acabaram por virar cartão-postal da cidade. A arborização interna foi complementada com ciprestes, cedros, canelas, ipês, corticeiras, tipuanas, figueiras





silvestres e muitas outras árvores nativas e exóticas.

O Parque de Exposições foi, mais tarde, designado de Parque de Exposições Presidente Getúlio Vargas, por decreto de Hermes José Weber, quando no exercício de sua gestão à frente da prefeitura, em 1955.

### **Os macacos que caracterizaram o parque**

Em 1958, visitando o diretor de Parques e Jardins de Porto Alegre, engenheiro agrônomo Rui Bado Krug, José Zugno recebeu deste a doação de cinco macaquinhos, dos que estavam em excesso no pequeno zoológico do Parque da Redenção de Porto Alegre.





Consultando o capataz Osvaldo Padilha de Lima, Zugno decidiu colocá-los na ilha do lago superior do parque. Nesta época a turma de jardineiros contava com gente que entendia de madeira, ferro, eletricidade e pintura, e com estes materiais construiu-se a casinha para proteção dos bichos, elevada sobre dois postes. No outro canto da ilha, também sobre postes, foi feita uma travessia de madeira com correntes terminando em argola para as “macaquices” dos animaizinhos. Cercaram o lago com cerca e parapeito para facilitar o apoio dos visitantes.

Foi o suficiente para se tornar uma atração permanente ao ponto de ser o parque popularmente conhecido, até os dias de hoje, como “Parque dos Macaquinhos”.

### **Parques Distritais – um sonho**

Uma ideia do naturalista Zugno que nunca chegou a se concretizar: a criação de um parque para a conservação da flora e da fauna originais em cada distrito caxiense.

“Idéia maluca”, diziam os amigos. “Onde arrumar dinheiro para comprar as áreas e o pessoal para manter o parque?” – retrucavam. Alguns prefeitos como o Hermes Weber e o Armando Biazus até apreciaram a ideia, mas a resposta era sempre a mesma: “o município tem coisas mais urgentes para resolver”.





Studio  
MILL MONTE

## *Espírito público e cooperativismo*

### *Uma vida de serviço à coletividade*

Caso raro e impensável nos dias hoje, e mesmo na época, Zugno conquistou reconhecimento das mais diversas correntes políticas que se alternaram no mandato municipal durante seus 34 anos de serviço público.

Em todo este período foi convocado para exercer a função de Diretor do Fomento Agrícola, Secretário da Agricultura, membro e chefe do Gabinete Municipal de Planejamento, sob a administração de oito prefeitos eleitos, de dois vice-prefeitos eleitos e de um presidente da câmara em exercício.

De 1949 a 1970, exerceu o cargo de Diretor da DFAR.

De 1970 a 1979, atuou como membro do Gamaplan (Gabinete Municipal de Planejamento), respondendo pelo planejamento da atividade agrícola do município e o planejamento das áreas verdes segundo o plano diretor de

*Associados da Cooperativa de Tungue – COTUNG – comemorando a safra.*

urbanização. Em 1973, sob a administração de Mário Ramos, passou a exercer a função de Coordenador Geral do Gabinete.

De 1975 a 1976, na administração de Mário Vanin (vice-prefeito) – que substituiu Mário Ramos nos dois últimos anos de seu mandato –, Zugno continuou como coordenador do Gamaplan e foi designado elemento de ligação entre o prefeito e o Conselho do Plano Diretor Urbano (CPDU), cujo 1º Presidente foi o Dr. Marcos Gravina, secretariado pela Dra. Helena Corso. Posteriormente, Zugno exerceu a vice-presidência do CPDU.

De 1979 até 1983 (ano em que se aposentou) reassumiu a Secretaria Municipal de Agricultura (ex-DFAR). Durante o mandato de Vitório Trez, o vice-prefeito Mansueto de Castro Serafini Filho assumiu diversas vezes o cargo. Numa destas vezes providenciou a mudança das denominações de Diretorias em Secretarias Municipais, com as mesmas finalidades administrativas. Assim, a Diretoria de Fomento e Assistência Rural passou a denominar-se Secretaria da Agricultura.



## Trinta e quatro anos ininterruptos de serviço público

### QUADRO DE ADMINISTRAÇÕES MUNICIPAIS QUE, INDEPENDENTEMENTE DA ALTERNÂNCIA DE PARTIDOS POLÍTICOS, SOLICITARAM OS SERVIÇOS DE JOSÉ ZUGNO

<b>Período</b>	<b>Prefeitos</b>	<b>Cargos</b>
1949-50-51	Luciano Corsetti - antigo PTB	Diretor da DFAR
1952-53-54	Euclides Triches - PDC	Diretor da DFAR
1955	Hermes Weber - PSD (vice-prefeito de Euclides Triches)	Diretor da DFAR
1956-57-58	Rubem Bento Alves - antigo PTB	Diretor da DFAR
1959	Bernardino Conte - PRP (presidente da câmara de vereadores)	Diretor da DFAR
de 1960 a 1963	Armando Biazus - antigo PTB	Diretor da DFAR
de 1964 a 1968	Hermes Weber - ARENA	Diretor da DFAR
de 1969 a 1972	Vitório Trez - MDB	Diretor da DFAR e (em 1970) Membro do GAMAPLAN
1973-74	Mário Ramos - ARENA	Coord. do GAMAPLAN
1975-76	Mário Vanin - ARENA (vice de Mário Ramos)	Coord. do GAMAPLAN
de 1977 a 1983	Mansueto de C. Serafini Filho - MDB	Membro do GAMAPLAN e (em 1979) Secretário da Agricultura

Conselho do Plano Diretor Urbano (CPDU), 15/07/1976

*Italo Dal Pont, Ari Bueno, Dilmo Sbravati, Renolcy Graff, Dagoberto L. Godoy, Albino Gazola, Nestor Curra, Sérgio Grazziotin, Giovanni Zanetto, Arthur L. Borges, Antonio Perazzolo, João A. Marchioro e Roberto Basso, em pé.*

*Renato Viero, José Zugno, Celso Schoerpf, o prefeito Mário Vanin, Marcus Gravina, Roberto Veronese, Alaor Alves da Silva e Helena Corso, sentados.*

## Convicções políticas

No seu período acadêmico, Zugno representou a União Estadual de Estudantes no 8º Congresso da União Nacional de Estudantes (UNE), realizado no Rio de Janeiro, em julho de 1945. Integrou a frente estudantil que elegeu o presidente da UNE, derrotando o candidato da juventude comunista.

José Zugno era trabalhista, seguindo a linha política do pai, Guerino Zugno, que foi fundador do PTB, vereador e presidente do partido por 14 anos na cidade. José chegou a ser candidato a vereador pelo PTB em 1951, sem se eleger.

Herdou do pai a capacidade de diálogo e respeito com outras visões políticas. Certamente por isto, sempre se dispôs a colaborar com projetos que achava válido para a população, independente da sigla que assumia a prefeitura. Por diversas vezes dizia sofrer pressão para filiar-se ao partido que estava no poder, mas nunca admitiu tal hipótese.

Em 1964, alinhado com Leonel Brizola, posicionou-se contra a deposição do presidente João Goulart. Viajando ao Uruguai, encontrou-se casualmente com Jango, no exílio. Ao presentear-lo com um garrafão de vinho gaúcho, este abraçou forte o regalo, num gesto emocionado de saudade da sua terra.

Não obstante as divergências com o governo instaurado, os prefeitos da ARENA (partido da situação), confirmaram Zugno na gestão da DFAR, apoiando seus projetos, especialmente as Feiras Agropecuárias. Em 1973, aceitou prontamente o convite da Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG) para realizar estudo sobre Eletrificação no Estado. Foi relator e presidente “ad hoc”

*Herdou do pai Guerino a capacidade de diálogo e respeito com outras visões políticas, e sempre se dispôs a colaborar com projetos que achava válido para a população, independente da sigla que assumia a prefeitura.*



da equipe de notáveis engenheiros participantes.

Após a redemocratização do país, o agrônomo continuou crítico às políticas agrícolas do governo federal (ou à “ausência de políticas para o setor”, como frequentemente afirmava). O jornalista Marcelino Dezen analisou amplamente os posicionamentos políticos de José Zugno registrados na coluna *Vida Agrícola* desde 1953 até 1999. Na sua monografia, Dezen conclui: “[Zugno] perpassa ao longo desse período uma visão muito crítica da realidade agrícola brasileira e um claro posicionamento em favor do pequeno agricultor, tanto ontem quanto hoje, desamparado, incompreendido, pouco valorizado pelos governantes” – (Dezen, 1999 p.79).

#### **Atuação nas Festas da Uva**

Nas Festas da Uva de 1950 e 1954 – na época aconteciam de quatro em quatro anos – Zugno foi designado para organizar o curso alegórico junto com o industrialista Humberto Bassanesi.

A DFAR atuou em todos os desfiles, colocando à disposição a sua frota de tratores para a tração dos carros alegóricos e se fazia presente regularmente com carros próprios, projetados pelo professor Ilo Frediani, Dr. Darwin Gazzana, Sra. Nair Menegotto e pelas professoras Leda e Zélia Scarton. Os carros da DFAR eram sempre animados por crianças e jovens; com muitas flores, muitos frutos e animais, numa alegoria à crescente diversificação das lavouras e criações no município.



*Carros alegóricos da DFAR, na década de 50.*

### Festa da uva ou da indústria?

Com o passar do tempo as atenções da festa quase que se concentravam mais na pujança industrial de Caxias do Sul do que na fruta que motivou o evento.

Em 1969, convidado pelo novo presidente da Festa da



*Carros alegóricos da DFAR, na década de 60.*

Uva, Dr. Lívio Gazola, para chefiar a comissão das uvas, Zugno propôs que se desse à uva a maior importância na ornamentação da cidade, expondo uvas em todos os estandes industriais, com distribuição abundante e ordenada para os visitantes. Propôs ainda premiar os viticultores vencedores com uma excursão acompanhada por técnicos à região vitivinícola da Argentina, principalmente Mendoza, dado o êxito da viagem a São Paulo, em 1966, como prêmio aos expositores selecionados na Festa da Uva anterior. A proposição foi plenamente aceita pelo presidente Lívio Gazola.

A exposição de uvas teve destaque, em pavilhão exclusivo, no antigo palco onde hoje é a Câmara dos Vereadores. No mesmo recinto também foram expostos produtos dos viticultores, dos fabricantes de espumantes e de outras entidades



ligadas ao setor agrícola. No centro do pavilhão evidenciavam-se as uvas, através de mostruários especiais, confeccionados pelo artista caxiense Guido Frezza.

Deste modo, pela primeira vez, as variedades de uvas cultivadas em Caxias do Sul, viníferas de vinho e de mesa, americanas e híbridas, foram expostas devidamente para o conhecimento dos visitantes. O destaque especial foi para as viníferas de mesa como o Moscato Rosado, Moscato de Hamburgo, Moscato de Alexandria, Dedo de dama (Corniola de Milazzo), Alphonse Lavallé, Regina, Golden Queen, Gros Colman, Ferral, Chasselas e as Pirovanos 65 (Itália), 54 (Perlona), 73 (Conte Rosso), 87 (Diamante Negro), entre outras.

Zugno atuou em outras Festas da Uva, seja como coordenador da comissão das uvas, seja como integrante da comissão julgadora das uvas expostas.

*Caravana de agricultores premiados.*



### **Viticultores premiados visitam vinhedos em São Paulo**

Em janeiro de 1966, José Zugno e o agrônomo Moacir Falcão Dias, diretor da Estação Experimental de Viticultura e Enologia de Caxias do Sul, chefiaram a excursão proporcionada aos viticultores premiados na Festa da Uva de 1965. Participaram da caravana os representantes da Associação Rural de Caxias, da Frente Agrária Gaúcha e da Câmara Municipal de Vereadores.

Em ônibus especial, por 12 dias, os agricultores tiveram a oportunidade de visitar a região e os vinhedos de São Roque; os vinhedos e as cantinas dos irmãos Traldi de Jundiá, e também a Estação Experimental de vitivinicultura do mesmo município.

A excursão incluiu também visita a usina de açúcar de Araras, os diversos departamentos da Cooperativa de Cotia, a maior cooperativa da América do Sul, com exposição do próprio presidente da mesma, o Dr. Gervásio T. Inaue.

Visitaram também a Cooperativa Paulista de Laticínios, beneficiadora do leite consumido na capital paulista, as sucursais da Sociedade Vinícola Riograndense (Granja União) e da Cooperativa Vinícola Caxiense, e a Ceagesp (Central de Abastecimento de São Paulo), além de outras organizações ligadas à atividade agrícola do interesse dos vitivicultores. Foi uma excursão memorável, de grande proveito para os nossos viticultores e a nossa agricultura.

### **Festival da Uva e do Cordeiro Mamão no Rio De Janeiro**

Em 1968, Zugno e o Dr. Moacir Falcão Dias foram encarregados de providenciar as uvas a serem mostradas e



*Apresentação do CTG Rincão da Lealdade no Festival da Uva e Cordeiro Mamão no Rio de Janeiro.*



*Registro da chegada dos caminhões com uva e vinho ao Rio de Janeiro.*

consumidas no Festival Nacional da Uva e do Cordeiro Mamão, no Rio de Janeiro, evento pensado para promover a produção do Rio Grande do Sul ao restante do país.

Os dois agrônomos acompanharam a frota de 12 caminhões frigoríficos, nove carregando uvas, nos quais a temperatura não podia baixar dos 5°C, e três caminhões carregando carnes de cordeiro mamão.

O Festival realizado no Clube Hípico do RJ foi inaugurado pelo Presidente da República, Arthur da Costa e Silva, com a presença do governador do Rio de Janeiro, Negrão de Lima, do governador do Rio Grande do Sul, Walter Peracchi de Barcellos, outros governadores, ministros da república e deputados federais. Presentes também o bispo de Caxias, Dom Benedito Zorzi – que celebrou missa festiva no dia seguinte, – o Rincão da Lealdade – liderado pelo Dr. Clóvis Pinheiro, que abrilhantou a festa com apresentações folclóricas –, o grande tradicionalista Paixão Côrtes – chefe da equipe dos assadores –, além de diversas outras autoridades e grande número de populares.

Diretamente do Rio de Janeiro, Zugno fez detalhada reportagem sobre o evento para o jornal Pioneiro.

### **Cooperativismo**

Zugno foi grande incentivador do cooperativismo, convicto que era da necessidade dos pequenos agricultores unirem-se para a defesa dos próprios interesses e, juntos, encontrarem soluções para os problemas comerciais e técnicos que enfrentam.



*Colheita de Tungue. Cooperativa COTUNG.*



Foi Sócio-fundador da Cooperativa dos Plantadores de Tungue Paulo Monteiro de Barros – COTUNG –, em 1949, e seu Diretor-Presidente de 1964 até 1995. Junto com o diretor comercial e amigo Plínio Canani, ele representou a Cooperativa em encontros nacionais de cooperativismo realizados em Manaus, Brasília, São Paulo e Fortaleza.

*COTUNG sempre presente nas Exposições Agropecuárias do Município.*

No conselho deliberativo da OCERGS (Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul), sob a presidência do Dr. Adelar Cunha, Zugno representou as cooperativas não filiadas a federações.



*José Zugno recebe homenagem da AEANE pelos 60 anos de agronomia em 2007.*

### **AEANE – Associação dos Engenheiros Agrônômicos da Encosta Superior do Nordeste**

Zugno foi membro e fundador da Associação dos Engenheiros Agrônômicos da Encosta Superior do Nordeste – AEANE –, da qual recebeu o título de Engenheiro Agrônomo do Ano em 1987 e, em 2007, homenagem especial pelos 60 anos de atividade na Agronomia.

Apreciava com muito interesse e estima a convivência com os amigos agrônômicos. Participou com entusiasmo – sempre acompanhado pela esposa Zélia – das inúmeras excursões com objetivos técnicos e turísticos promovidas pela associação, desde as regionais e nacionais, até aquelas realizadas no exterior, como Uruguai, Argentina, Chile, Peru e Itália.

Nos últimos anos, mesmo debilitado devido à idade e aos problemas de saúde, fazia questão de marcar presença nas reuniões e atividades sociais da associação.

Fundada em 1979, com o objetivo de congregar, coordenar e defender os interesses profissionais e sociais dos agrônômicos da região da serra gaúcha, a AEANE se dedica ao aprimoramento profissional e técnico dos associados, através de cursos, palestras, debates e viagens com visitas técnicas.

A AEANE mantém vínculos com faculdades de agronomia para o estudo e atualização das pesquisas no setor, integrando alunos, professores, pesquisadores e agrônômicos formados.

Ao lado de entidades coirmãs como SARGS (Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul) e CREA (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura), a AEANE forma



parcerias, desde agricultores e associações rurais, até instituições de pesquisas como a Embrapa, passando por empresas de insumos, casas comerciais e Estações Experimentais no Brasil e exterior.



*Confraternização com os colegas da AEANE: Alexandre Tergolina, Charles Clair Pontalti, Zélia Zugno, José Zugno, Edmundo Ruzzarin, em pé Lírío Londero, Gervásio Silvestrin, Tadeu Senize, Jorge Pontel, sentados.*

*Agrônomos da AEANE na homenagem a José Zugno, em 2007.*





# *Família, ética e fé*

## *Os três pilares*

### **Convicções éticas e religiosas**

**B**atizado na Igreja Católica pelo Padre João Meneguzzo, na Catedral de Caxias do Sul, todo o agir de José Zugno, tanto no âmbito profissional, como no familiar e com amigos sempre foi regido por uma profunda convicção cristã, ética e religiosa. No período ginásial foi marcado pelos retiros de espiritualidade para jovens promovidos pelos Irmãos Lassalistas. Em um destes retiros, no dia de finados de 1941, iniciou sua série de 23 diários escrevendo: *“Senhor (...) Ó facho inconfundível, iluminaí meu espírito e minhas ações para que eu só veja o bem e pratique tudo o que é reto”*. Mais adiante, no mesmo diário, ele registra um dos seus mais fortes princípios guia, “Age quod age”: *“Faze bem o que fazes. (...) Olha para o alto e*

*Família Zugno no calendário Antoniano de 1972.*

*“Age quod age”: “Faze bem o que fazes. (...) Olha para o alto e caminha”.*

*José Zugno, 1941*

*caminha*”. Inteligente, não encontrava dificuldades nos estudos, e seguia o ensinamento “Non scola sed vitae” – não estudar só para passar nos exames, mas para a vida. A proximidade com os lassalistas continuou mesmo depois de formado, fazendo parte da Associação dos Ex-Alunos do Colégio do Carmo.

Durante sua vida acadêmica, em Porto Alegre, participou ativamente da JUC (Juventude Universitária Católica), onde exerceu a função de secretário geral e desempenhou serviços nos seus diversos departamentos: Caridade (Vicentinos), Ação Social, Cultura e Imprensa, sendo redator da revista universitária *Idade Nova*, sob orientação do Padre Alberto Etges – então assistente espiritual da JUC e, mais tarde, reitor da PUCRS e bispo.

Convidados pelo Monsenhor Hilário Pandolfo, José e Zélia com outros quatro casais introduziram em Caxias do Sul o movimento de espiritualidade conjugal “Equipes de Nossa Senhora”. Com a esposa Zélia, proferiu palestras, cursos de noivos e orientação para casais, em várias paróquias da diocese de Caxias.

No acervo de Zugno encontram-se várias agendas, onde ele anotava pensamentos e trechos da Bíblia que mais lhe marcavam nas suas leituras diárias.

Lê-se em uma carta datada de 1951, endereçada à futura esposa Zélia:

*“Cada qual é depositário de certa quantidade de dons divinos e encontra ocasiões especiais para empregá-los e fazê-los render o máximo, de tal maneira que poderemos apresentar-nos no fim da jornada, diante do Criador e, sem receio, contentes, dizer-lhe: eis aqui Senhor o que fizemos com os talentos que nos emprestastes”.*



*Integrando a diretoria da Juventude Universitária Católica.*



*Encontro Nacional de casais das Equipes de Nossa Senhora, em Florianópolis.*

Evidenciava-se em suas palavras o princípio que os dotes de personalidade, as qualidades profissionais, os bens materiais e espirituais de cada pessoa devem ser desenvolvidos de modo a serem utilizados com a máxima competência, como missão e serviço, especialmente aos mais carentes. Com este propósito procurou exercer a profissão de agrônomo, especialmente em benefício dos pequenos agricultores, desprovidos de apoio de políticas públicas e até desprezados pela população urbana.

Esta postura se tornou mais clara, e se expandiu para além das fronteiras do município de Caxias do Sul, quando passou a prestar colaboração ao Correio Riograndense, dos freis Capuchinhos, reforçando a linha editorial do jornal, dedicada ao apoio ao agricultor familiar, à agricultura ecossustentável, e à preservação do meio ambiente.

No Correio Riograndense de 02/06/1993, felicitando pelos 40 anos de coluna *Vida Agrícola*, o colega agrônomo Ronaldo Pethzold destacava que “José Zugno é realmente

*“Cada qual é depositário de certa quantidade de dons divinos e encontra ocasiões especiais para empregá-los e fazê-los render o máximo, de tal maneira que poderemos apresentar-nos no fim da jornada, diante do Criador e sem receio, contentes, dizer-lhe: eis aqui Senhor o que fizemos com os talentos que nos emprestastes”.*

*José Zugno, 1951*

*um orgulho da classe agrônômica, fazendo da Agricultura um apostolado muito bem inserido neste jornal de cultura cristã”.*

E Zugno responde: *“...Minha colaboração ao jornal tinha sido uma decisão pessoal com plena consciência e liberdade. Colocar os conhecimentos que se tem à disposição dos que deles necessitam é uma forma prática de viver os preceitos evangélicos”.*

Já na edição comemorativa dos 75 anos do jornal e dos 31 anos de *Vida Agrícola*, Zugno escrevia: *“Desejo agradecer a Deus primeiramente pela vida que a todos nos dá. A Ele que me fez compreender que um trabalho como este tem que ser paciente, perseverante (...). Tem que ser algo semelhante ao papel que as vitaminas exercem para a saúde do corpo. Elas atuam pela presença, sem tomar conta (...). Ou como as enzimas que estimulam as reações úteis e provocam as fermentações sem entrar nelas, sem aparecer, sem tirar vantagens. Aliás, é um conselho evangélico: agir como o fermento que se propaga silenciosamente beneficiando toda a massa (Mt. 13,33)”.*

*Na mesma edição, o Padre Antônio Galioto ressalta esse agir solidário: “Só Deus sabe o quanto ajudou os agricultores a coluna Vida Agrícola do Dr. Zugno. O Dr. Zugno promove o irmão e isto é fazer religião, é fazer Evangelho”.*

## **Família**

Neto de Giuseppe Zugno e Veneranda Tomaseli Zugno, imigrantes italianos oriundos da região do Vêneto, José era o terceiro dos sete filhos de Guerino Zugno e Theresa Piva Dalcanale Zugno.



*Família Zugno. Guerino Zugno e Theresa Dalcanale Zugno (ao centro) com os sete filhos. Da esquerda para a direita: Celina, Leda, José, Milton, Nilo, Ênio, Zilda.*

### **A esposa Zélia, companheira inseparável**

No verão de 1951, convidado pelo amigo Padre Ângelo Tronca, José viaja para Cotiporã aproveitando seus últimos dias de férias. Visitando a família de Amélia e Clemente Scarton, conhece aquela que viria a ser sua esposa, Zélia.

Inicia-se uma série de correspondências entre os dois.



Casamento de Zélia e José Zugno em 1954 e Bodas de Ouro em 2004.

*“Zelinha querida, a moça a quem desejo depositar toda confiança, que me penetrou a alma dando-me a promessa de uma vida plena de luz, beleza e realizações e com quem, espero a graça, de, lado a lado, vencer galhardamente a peregrinação terrestre.” (Carta à Zélia, 09/08/1951)*

*José e Zélia com os 9 netos, da esquerda para a direita: Carina, Giuliana (no colo), Cristina, Giuliano, Cíntia, Gianluca (no colo), Gabrielle, Giovanni e Gianmatteo. Maio de 2004.*



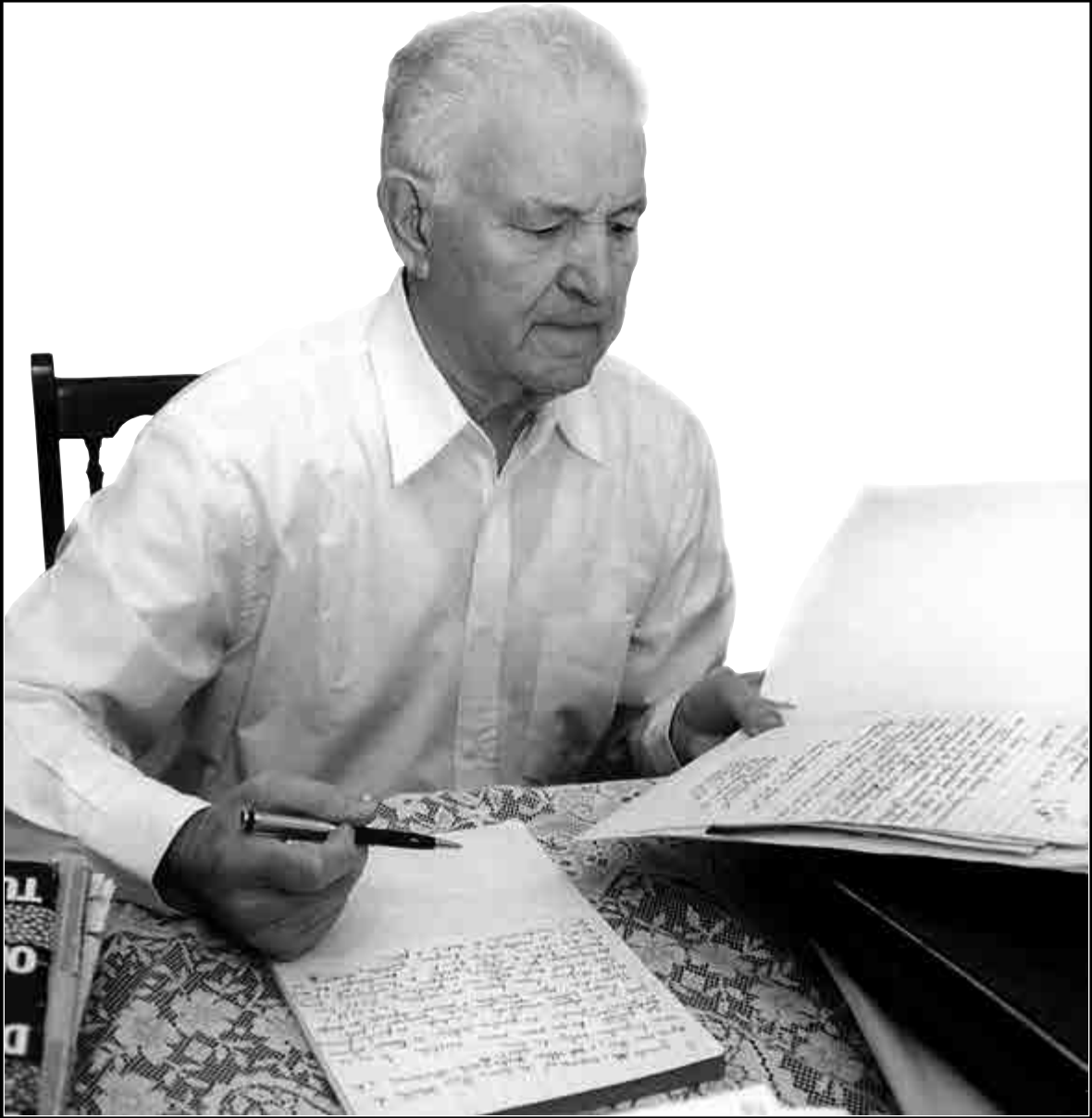


Na tarde do dia 1º de maio de 1954, em Cotiporã, o casamento foi abençoado pelo padre Ernesto Manica, tio da Zélia. Fato notório este, pois, naquela época, as missas eram rezadas, tão somente na parte da manhã. Pela intercessão do padre Tronca, o bispo, D. Benedito Zorzi, autorizou a celebração religiosa às 18h.

Da feliz união nasceram 5 filhos, 9 netos e 3 bisnetos.



*Da esquerda para a direita: José e Zélia com os filhos Tereza Marta e Denise (sentadas), Carlos Alberto, José Filho e Ricardo (em pé), em maio de 2004.*



# *Professor, pesquisador, escritor*

## *Conhecimentos compartilhados*

### **Professor e pesquisador**

**R**etornando a Caxias do Sul em 1948, após colar grau em Agronomia, José Zugno frequentou a Escola Técnica de Comércio do Colégio Nossa Senhora do Carmo, formando-se Técnico em Contabilidade em 13 de dezembro de 1952. Na ocasião era aluno e professor ao mesmo tempo. Ministrou aos colegas a matéria de Biologia. Durante 18 anos foi professor no citado curso, lecionando Biologia, Merceologia, História Econômica do Brasil e Estatística.

No mesmo ano (1948) ministrou aulas também no ginásio do Colégio São Carlos, onde foi convidado como paraninfo da turma.

No colégio lassalista foi professor também no curso



*Alunos do Colégio do Carmo.*

Científico, durante oito anos, lecionando todas as ciências biológicas (Zoologia, Botânica, Ecologia, Genética, etc.) aos alunos que se preparavam para os exames vestibulares. Fato notório é que nenhum de seus alunos foi reprovado nas provas de vestibular nas áreas de ciências biológicas e correlatas (Medicina, Odontologia, Bioquímica, Agronomia, Veterinária, etc.), sendo que alguns deles obtiveram, nestas provas, o primeiro lugar. Irmão Benildo Amadeo, escrevendo o livro sobre a vida de Irmão Constâncio, comenta que na época havia três memoráveis mestres no Colégio do Carmo: Irmão Benildo Guilherme (Matemática), Irmão Constâncio (Física e Química) e José Zugno (Biologia).

Lecionou durante 14 anos no Seminário Diocesano Nossa Senhora Aparecida, onde foi o primeiro professor leigo, junto com o historiador e escritor Mário Gardelin.

Foi ainda professor no científico do Colégio São José, sendo agraciado como paraninfo de várias turmas.

Deu aulas de Ciências Biológicas, por 23 anos, na Escola Normal Duque de Caxias, com destaque para os três anos do curso para as professoras municipais do meio rural que não possuíam o título de Magistério, embora o exercessem há anos nas escolas do interior do município. Às alunas ministrou as matérias Noções de Agricultura e Criação de Animais, no tempo em que a diretora era a visionária professora Ester Troian Benvenuti (1961/1962). Zugno, desde 1949, colaborava com Dona Ester, então diretora da Instrução Pública Municipal (predecessora da Secretaria Municipal de Educação), na época que esta percorria as colônias para capacitar professoras do meio rural, de modo a ampliar as oportunidades de estudo aos filhos dos colonos. A Diretoria de Fomento Agrícola auxiliava as escolas rurais na organização de hortas modelares e orientações de técnicas agrícolas aos alunos.

*José Zugno, paraninfo das  
Formandas do Colégio São Carlos  
1948.*



*Aula de biologia no Horto Municipal para alunas da Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Mitra Diocesana de Caxias do Sul.*

Para Zugno, lecionar para estas professoras foi uma importante oportunidade de contato com quem conhecia muito bem as dificuldades e aspirações das famílias da zona rural. “Foram as alunas mais interessadas e incansáveis na busca do aprendizado”, dizia ele. Professoras assim motivadas, e devidamente habilitadas, contribuíram decididamente para a valorização do agricultor e suas famílias.



## **Professor na Faculdade de Pedagogia**

José Zugno lecionou Fundamentos Biológicos da Educação no Curso Superior de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Mitra Diocesana de Caxias do Sul, uma das entidades que, posteriormente, vieram a constituir a Universidade de Caxias do Sul (UCS). Iniciada a Universidade, foi professor assistente do Dr. Polli e depois professor titular do curso de Pedagogia. Lutou para criar a Faculdade de História Natural, ideia adiada e não concretizada como faculdade, mas apenas como curso de Ciências Naturais.

A satisfação pela atividade de professor é expressa na edição de *Vida Agrícola* do dia 25 de outubro de 1989:

*“Creio ser esta a vocação mais forte de minha individualidade. O bom professor é o que busca o melhor para seus alunos. Ensina e conscientiza. Entusiasma e apoia. Desperta valores e habilidades. Não esconde conhecimentos. Ajuda a fazer ou a encontrar solução para o problema que se apresenta. Procurei ser bom professor, no Magistério diretamente, no contato com os agricultores do município e através das páginas do Correio Riograndense com seus assinantes e leitores”.*

Em 26 de outubro de 1995, o professor recebeu homenagens da Universidade de Caxias do Sul pela sua colaboração nos 35 anos do curso de Pedagogia daquela instituição.

## **Pesquisa constante**

Foram inúmeros os congressos, seminários e cursos de especialização, que ele participou sempre em busca de um maior

conhecimento e aperfeiçoamento em sua atividade. Desde 1954, foi membro da Sociedade Brasileira de Botânica do Brasil (SBBB),

Em 1966, na cidade de Lima, Peru, participou do curso latino-americano de especialização no ensino de Biologia Moderna, Genética e Ecologia, promovido pela OEA (Organização dos Estados Americanos) e destinado a professores universitários em início de carreira.

Dentre os mais de 100 brasileiros inscritos, os dois únicos selecionados foram José Zugno, de Caxias do Sul - RS, e a professora Inesinha Castro Dantas, de Campina Grande - PB. A escolha do Prof. Zugno baseou-se no fato que o curso oferecia subsídios relevantes para a criação de cursos de Biologia (com ênfase em Ecologia) e outros correlatos na Universidade de Caxias do Sul recém-instalada.





Resultado de anos de estudos e pesquisa relacionados à agricultura, Zugno montou em sua residência uma vasta biblioteca, preenchendo estantes que, juntas, perfaziam um percurso de mais de 25 metros, cheias até o teto, de livros, revistas, jornais, manuais, recortes de artigos de jornais e revistas, encadernações, enciclopédias e publicações variadas.





*Com amigos da redação da Revista Idade Nova.*

### **Jornalista e escritor**

No período de estudos acadêmicos em Porto Alegre foi redator da revista Idade Nova, da Juventude Universitária Católica – JUC, publicando crônicas e poesias. Seus escritos eram reproduzidos por jornais e revistas do interior do estado.

Foi membro-fundador da Academia Caxiense de Letras e grande colaborador do seu idealizador, o primo e poeta Ciro de Lavra Pinto.

Em diversas ocasiões elaborou matérias para o jornal Pioneiro de Caxias do Sul, com destaque para a reportagem em primeira página do Festival da Uva e do Cordeiro Mamão, realizado no Rio de Janeiro para divulgar a cultura gaúcha. O

Pioneiro, de 24 de fevereiro de 1968, publicou na íntegra e com ilustrações a reportagem elaborada por José Zugno sobre o evento. Na época, o diretor do jornal era o jornalista Jimmy Rodrigues.

No Correio Riograndense Zugno teve a sua atuação consagrada como cronista, à frente da coluna *Vida Agrícola*, por ininterruptos 54 anos e dez meses.

Na edição do Jornal Pioneiro, de 17 e 18 de julho de 1999, o escritor e cronista José Clemente Pozenato, autor do consagrado livro “O Quatrilho”, avalia José Zugno como “Um cronista que é história”. E continua Pozenato: “Mas não é só uma coluna de técnicas agrícolas. É uma conversa afável com os leitores, que não raras vezes se torna poética. (...) Um caso raro de fidelidade e competência”.

Em 1984, a editora EST publicou o livro *Vida Agrícola* contendo uma seleção de artigos da coluna, a fim de comemorar o 75º aniversário do Correio Riograndense.

Recebeu homenagem do Departamento de Comunicação Social da UCS, em 18 de junho de 2002: “Por sua importante trajetória profissional na história da comunicação da comunidade caxiense”.

*“[Vida Agrícola] não é só uma coluna de técnicas agrícolas. É uma conversa afável com os leitores, que não raras vezes se torna poética. (...) Um caso raro de fidelidade e competência”. José Clemente Pozenato, 1999*



*Sessão de autógrafos do Livro “Vida Agrícola”.*

## A coluna jornalística que persistiu quase 55 anos – e me fez pesquisador e zelador da *Vida Agrícola*

Poderia entrar para o *Livro do Guinness*. Escrita por meu pai, José Zugno durante 54 anos e 10 meses, a coluna *Vida Agrícola* foi um fenômeno em termos de longevidade. Destinada a elucidar dúvidas dos leitores referentes às mais variadas questões agrícolas, ela manteve-se ininterruptamente publicada de 19 de Abril de 1953 a 20 de Fevereiro de 2008, no semanário



Correio Riograndense, somente encerrada com o falecimento do colunista, em fevereiro de 2008.

No encarte especial do Correio Riograndense, comemorativo aos 50 anos da coluna, os repórteres do jornal relatam consultas à Associação Nacional de Jornais (ANJ), à Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e à Associação Brasileira de Imprensa (ABI), confirmando que José Zugno poderia ser o colunista que escreveu por mais tempo uma coluna em jornal sem interrupção de sua atividade:

“O Correio Riograndense fez consultas (...) para tentar descobrir se existe alguém mais antigo. (...) O jornalista gaúcho Marcelo Soares, pesquisador dessa área, desconhece informação confiável a respeito. Mas, segundo ele, “nos maiores meios, certamente não há nenhum com mais tempo de coluna ininterrupta”. (...) As entidades procuradas foram unânimes em afirmar: o Dr. Zugno entrou para o seletíssimo grupo dos colunistas brasileiros com mais de 50 anos ininterruptos de atividade. Para dimensionar a importância desses 50 anos, basta lembrar que o consagrado colunista político Carlos Castello Branco, o Castelinho, escreveu no Jornal do Brasil de janeiro de 1963 a junho de 1993, durante 30 anos portanto, e o eterno Mário Quintana publicou suas poesias no Correio do Povo de 1953 a 1984 (31 anos).”

### **Um fenômeno de comunicação**

Primaz ou não em termos de longevidade, a coluna *Vida Agrícola* é, em si, um fenômeno de comunicação. A título de registro histórico, o historiador Mário Gardelin,



*Na antiga redação do Correio  
Riograndense.*

autor de inúmeros livros sobre Caxias do Sul – quando dirigia, em 1998, a Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS) –, propôs a José Zugno a publicação de todos os seus artigos.

Na época a coluna somava um total de 2295 artigos e a ideia do historiador era reuni-los em 10 livros de

aproximadamente 240 páginas cada um. Não se tratava de uma publicação destinada ao comércio, mas direcionada ao meio universitário. O objetivo, segundo Gardelin, era “preservar e, ao mesmo tempo, colocá-lo ao alcance de possíveis consulentes, notadamente nos núcleos da UCS que têm matérias afins” (Carta de Mário Gardelin a José Zugno, datada de 16/Abril/1998. Arquivo pessoal).

Cabia a Zugno reunir este volumoso material para efetivar a publicação, mas ele não conseguiu em tempo hábil. Era preciso reunir todos os originais ou fotocópias dos jornais, de 1953 até 1998, para encaminhar à Editora da UCS. Ele tinha o hábito de guardar todos os exemplares das páginas dos jornais onde *Vida Agrícola* era estampada, mas estes se encontravam todos dispersos, não ordenados por data. Também muitos exemplares não estavam em mãos do autor.

Mesmo assim, em 1999, o professor Gardelin tornava a insistir no projeto, considerando-o também pelo seu valor literário: “Não largo a ideia de reunirmos toda ou em parte a sua vastíssima produção literária voltada à agricultura” (Carta manuscrita de Mário Gardelin a José Zugno, datada de 13/Agosto/1999. Arquivo pessoal).

### **Reunindo décadas de artigos publicados**

Foi-me solicitado que o ajudasse neste trabalho, mas naquele período eu residia em Florianópolis, sendo impossível um auxílio mais efetivo. De qualquer forma, nas visitas que fazia a Caxias do Sul, empenhei-me para

organizar o material, em busca dos exemplares que faltavam, tanto na sede do Correio Riograndense, como no acervo da Casa Provincial dos Freis Capuchinhos, ordem religiosa que assumiu a condução do jornal desde o início do século XX.

Entre resgatar os originais e fotocopiá-los, o trabalho durou alguns anos e, infelizmente, o prazo para a publicação foi vencido. Mesmo assim continuei o projeto de conservação do material resgatado, incluindo no acervo as novas páginas da coluna *Vida Agrícola*, à medida que iam sendo publicadas.

Com este material fui montando um banco de dados, elencando os assuntos, datas, nomes e localidades dos leitores que constavam nas perguntas enviadas à coluna. Iniciou-se também o escaneamento, primeiramente das fotocópias e depois dos originais de cada artigo. Junto com os exemplares de jornais resgatados deparei-me com três caixas enormes onde José guardava as milhares de cartas dos leitores – praticamente todas – desde o início de *Vida Agrícola*.

Enfim, vi-me zelador de um vasto material válido para um projeto de memória e registro e – no projeto de Gardelin – interessante objeto de estudo de comunicação e “literatura agrícola”.

### **Exemplo raro de comunicação científica e dialógica**

Em 2012, passados 4 anos do encerramento da coluna, eu concluía o curso de jornalismo na UFRGS, dissertando sobre a “comunicação dialógica” – teoria da comunicação numa perspectiva brasileira proposta por Venício Lima, a



partir de Martin Buber e Paulo Freire. Foi aí que me dei conta, que reunindo o acervo de cartas dos leitores e artigos de *Vida Agrícola*, eu possuía um *case* impressionante de “comunicação dialógica” dentro do ramo da comunicação científica.

Mais de duas mil cartas de leitores, felizmente, estão conservadas, revelando este dialogismo com o colunista e o jornal Correio Riograndense. O método de comunicação do autor partia da relação com os leitores por meio de consultas, perguntas e respostas, intensa troca de correspondência antes e após a publicação da coluna.

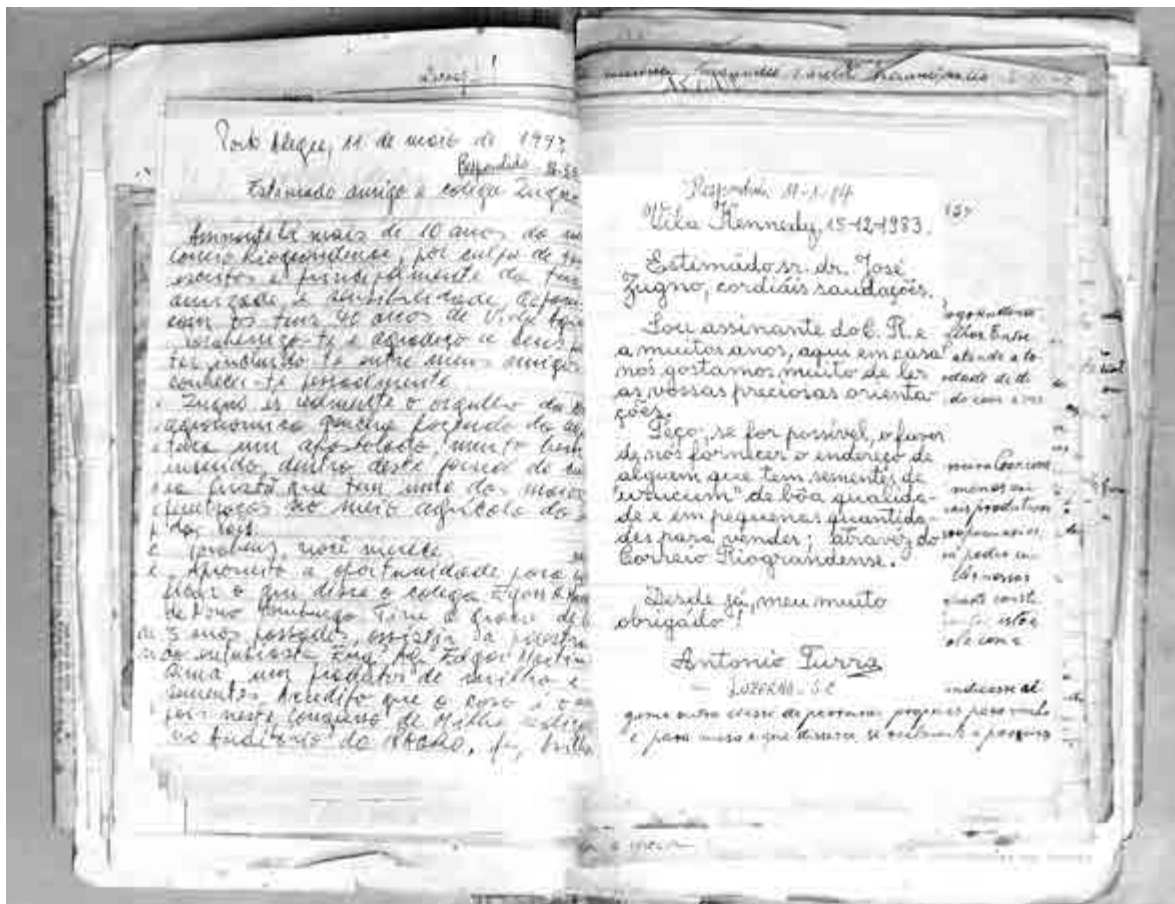
Fiz o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o título “A Comunicação Científica e Dialógica da Coluna *Vida Agrícola*”. Concluí que a coluna *Vida Agrícola* se enquadra no perfil do jornalismo especializado em ciência, e a credibilidade das informações transmitidas por José Zugno, atestada por colegas e profissionais da área, foi um fator importante da boa receptividade e longevidade da coluna *Vida Agrícola*. Especialmente no âmbito da ciência, a credibilidade é fator essencial para o êxito da comunicação.

Zugno não era somente um homem de ciência, era também um comunicador, conseguia um diálogo franco, regular e intenso com os leitores. As correspondências à *Vida Agrícola* chegavam, obtinham resposta e frequentemente retornavam com manifestações de agradecimento, novas perguntas ou considerações ao colunista. Criava-se uma nova consciência técnica junto a uma comunicação com expressões fraternas e amigáveis.

Ao lado de repostas técnicas para estimular o aperfeiçoamento da atividade do homem rural, o colunista, muitas vezes, também tecia considerações sobre conjuntura social, política, ambiental, o que fazia ampliar ainda mais seu público leitor. Com estilo próprio, frequentemente através de crônicas que relatavam fatos do cotidiano, trazia informações técnicas de forma atraente e de fácil compreensão para um público amplo, por vezes atraindo leitores que não se diziam especificamente da área agrícola.

Quem também elaborou monografia para obtenção de título de bacharel em Jornalismo, foi o brilhante jornalista Marcelino Carlos Dezen. Seu estudo analisa de forma ímpar os escritos de José Zugno, enquanto crônicas.

Nas seguintes páginas, além de dados da minha pesquisa, utilizo preciosas citações extraídas do estudo de Dezen.



Mais de duas mil cartas de leitores foram guardadas como relíquias por José Zugno, revelando o dialogismo do leitor com o colunista.



# *A coluna Vida Agrícola e suas cartas*

*Consultoria, diálogos, orientações*

## **Uma história de sucesso**

*“Os grandes periódicos quando criaram algum suplemento agropecuário, criaram-no voltado para os latifúndios. Da imprensa escrita, o colono recebeu pouco mais do que o convite para abandonar as terras, exceção feita pelo velho Staffetta, que nasceu e manteve-se como o jornal do pequeno agricultor” – Tasso Lima Neto (CR, 25/04/1984).*

**E**ntende-se o impressionante acesso de *Vida Agrícola* no meio rural pela forte presença que o semanário Correio Riograndense (antigo “La Stafetta Riograndense”) manteve por décadas junto ao homem do campo. Desde a sua origem, o jornal se direcionou – não exclusivamente, mas em especial – ao colono de origem italiana e católica. A linha editorial da

edição escrita em língua italiana, em 15/10/1910, asseverava que o jornal “*sara per eccellenza l'amico, il consigliere, la difesa del colono*” (Será por excelência o amigo, o conselheiro, a defesa do colono). Os freis capuchinhos, que passaram a administrar o jornal desde 1917, o utilizavam como meio para sustentar os colonos na fé, apoiá-los no seu árduo trabalho e veicular notícias das suas terras de origem.

Com o passar do tempo, os descendentes dos imigrantes, instalados na serra gaúcha, foram em busca de novas terras, passando a povoar o norte do Estado e em seguida a zona missioneira. Mais tarde rumaram para o centro-oeste de Santa Catarina, o centro-oeste do Paraná, continuando a subir a fronteira do oeste do país em direção ao Mato Grosso do Sul e Mato Grosso até chegar a Rondônia. Para onde foram os gaúchos migrantes, seguiu com eles o Correio Riograndense.

O leitor Orestes Biscaro que, em 1953, migrou de Farroupilha para o interior do município de Marechal Cândido Rondon, no Paraná, ilustra a importância de receber o jornal naquelas terras longínquas:

*“O jornal traz conhecimento e ajuda as pessoas espiritualmente. Muitos aprenderam a ler com o Correio Riograndense e recordo que nos domingos conversávamos sobre as notícias do jornal e recordávamos, com saudade, dos nossos locais de origem, já que éramos todos gaúchos”* – (CR, 24/6/2009 p.14).

## Canal de assistência ao agricultor desamparado

“Os nossos homens do campo sempre estiveram à mercê da própria sorte, sem assistência e sem uma garantia para a sua produção” – Francisco Galvão (CR, 29/4/1953 p.1).

Preocupado com a precariedade da vida do campo e o perigo do êxodo rural, o diretor do jornal, Frei Armino Vicenzi, que adotara o pseudônimo Francisco Galvão, conhecia a política de atendimento ao colono que José Zugno vinha fazendo no município de Caxias do Sul. Assim, convidou o agrônomo para expandir a sua ação para outros municípios através do Correio Riograndense, por meio de um espaço de consultas técnicas acessíveis aos agricultores.

No dia 29 de abril de 1953, a edição número 16, do ano 44 do Correio Riograndense, anunciava em primeira página a nova coluna *Vida Agrícola*:



*José Zugno na redação do Correio Riograndense analisando amostras enviadas pelos leitores para orientações agrônômicas.*

“...destinada aos nossos heroicos colonos. O jovem e talentoso Engenheiro Agrônomo, Dr. José Zugno, levado pelo seu amor à agricultura, à qual dedica suas melhores energias, orientará, informará e responderá a todas as consultas sobre problemas da colônia. Os nossos leitores podem dirigir-se a ele com toda a confiança. Não serão desiludidos” – Francisco Galvão (CR, 29/4/1953 p.1).

### **As cartas dos leitores**

*“Encontramos na coluna Vida Agrícola uma fonte de consulta de informações tão diversificadas, que só José Zugno poderia ter. Ele deve ter recebido de Deus a chave do inesgotável poço do saber, pois fala com tanta proficiência e segurança sobre tudo o que lhe perguntam”* – Engº. Agr. Arnaldo José Basso (TCC Dezen, p.97).

A partir de um índice de títulos da coluna, nas suas 2.764 edições, verifica-se que o agrônomo respondeu a mais de 5.600 perguntas de leitores.

Na segunda edição (*Vida Agrícola*, 06/05/1953), Zugno inicia artigos sobre correção, adubação, uso do solo e meios para combater a erosão, e já na terceira edição (VA, 13/05/1953) chegam duas cartas; uma perguntando sobre vacinação nos pintos e perus e outra, acompanhada de uma amostra de batata defeituosa, pedindo um diagnóstico e a solução para o problema.

As consultas que chegavam eram de todo tipo, tais como preparo do solo, adubação, pragas nas lavouras, doenças



Concordia, 8 de Setembro 1958  
 Ao Eng. Agrônomo  
 José Zugno,  
 Itapicui do Sul

Caro senhor,  
 Por diversas vezes consultei-lhe  
 sobre assuntos que ao meu ver somente um ho-  
 mem de sua estirpe, com o patriotismo e dedicação  
 que dispensa à Agricultura, poderia prestar-lhe  
 atenção e dar-lhe a solução, portanto não po-  
 dria, ao longo desta, passá-lo desapercebido sem  
 manifestar-lhe meus profundos reconhecimentos  
 de gratidão e estima, porque embora não  
 nos conheçamos pessoalmente, teria a certeza que  
 o seu nome estivesse na lista dos meus gran-  
 des amigos de amizade.

Mais outra vez porém, venho  
 incomodá-lo, mas certo que o sr. aceitará  
 com prazer a minha consulta, anexa à esta em  
 outra folha, segue o rascunho da mesma.

Certo que serei atendido,  
 queira aceitar um "quabra-castela" de mim?  
 que o estima

Atenciosamente  
 João Bourasse

Zugno guardava  
 todas as cartas  
 recebidas.  
 Respondeu a mais  
 5.600 perguntas  
 sobre os mais  
 variados temas

de animais e seus tratamentos, propriedades medicinais de plantas, floricultura, fruticultura, horticultura, vitivinicultura, reflorestamento e cuidados das madeiras, pastagens, produtos agroindustriais caseiros e muito mais.

Por vezes, alguns assinantes enviavam sementes, folhas, frutos, ramos ou qualquer material para identificação ou para análise de moléstias acometidas:

“Estou enviando em anexo um exemplar de leguminosa conhecida aqui com o nome de ervilha-de-verão para a identificação e gostaria de saber maiores informações a respeito” – Clélia S. R. Zanolla, Colorado – RS (VA 22/03/2006).

Identificada a planta, Zugno responde fornecendo orientações para cultivo e utilidades da mesma.

### **Leitores solicitam produtos novos anunciados em *Vida Agrícola***

“...a sua coluna é uma ‘mão na roda’ para nós agricultores. Aprendi muito através dela. E através dela fiquei conhecendo dados sobre o trigo Adlay, do qual solicito a semente” – Arcisio Brunetta, Ibicaré – SC (VA 25/07/1970).

Para vários assinantes, Zugno atendia ao pedido enviando pelo correio o produto solicitado e, quando não conseguia, indicava aonde o leitor poderia obter.

### **Algumas cartas são coletivas**

“À pedido de diversos viticultores desta zona dirijo-me a V.S. para conseguir uma instrução a respeito dos meios de proteção aos parreirais contra parasitas que os estão atacando severamente” – Robert Muehlbach, Iraí - RS (VA, 07/07/1955).

“Sobre a Nogueira Pecan, somos vários agricultores que desejam detalhes” – Arduino A. Canan (VA, 31/01/69).

### **Agricultores atestam os bons resultados**

“O conselho que me deu para o combate das lagartas que comiam as alfaces deu resultado” – Sr. L.G.G., Vila Ipiranga, Getúlio Vargas – RS (VA, 11/05/1955).

“Seguindo as suas instruções, fiz uma plantação de mamão em terras no vale do rio das Antas, e as mudas vêm muito bem” – Oneide Pandolf, Flores da Cunha – RS (VA, 06/04/1983).

“Sou assinante do Correio Riograndense, o meu jornal preferido, principalmente por *Vida Agrícola*, que, para mim, é como se eu tivesse um agrônomo em casa” – A.D.P., Tuparendi – RS (VA, 17/11/1965).

“Seguindo suas instruções, (...) neste ano não se repetiu aquele mofo que deu nos anos passados. A quantidade de frutas é tão grande que a árvore atingiu a 1.500 goiabas” – Júlio Phillipini, Porto Alegre (VA, 13/04/1983).

“*Vida Agrícola* tem o seu agrônomo sempre a serviço do povo rural, prestando informações a qualquer tipo de pergunta que nós, agricultores, lhe fazemos” – Eusébio e Eduardo Busanelo, Saudadinha, Galvão – SC (VA, 19/03/1986).

“...as informações e recomendações agronômicas divulgadas através de “*Vida Agrícola*” (...) contribuíram em muito para a melhoria de nossa agricultura” – José Rampelotto, Dona Francisca – RS (CR - Seção Correio do Leitor, 30/06/1993).

“Seguimos a sua orientação (...). É belo ver o nascimento de uma árvore”. Carta de Alice Bertoli Arns, de Rincão Santa Bárbara do Riacho Azul, agradecendo a resposta de *Vida Agrícola*, na edição 20/08/2003, sobre o plantio de árvore nativa que já não se reproduzia mais no sertão do Mato Grosso.

“José Zugno (...) me ensinou a plantar milho híbrido (...) que resiste mais à seca e ao vento” – Pedro Pasqualli, Rodeio Bonito - RS (VA, 29/1/1969).

Importante salientar que, a partir desta experiência positiva, o Sr Pasqualli passou a propagar o cultivo de milho híbrido a outros agricultores.

### **Melhorando a autovalorização do trabalhador rural**

“Admiro você como meu professor de agricultura, pois desde os 12 anos de idade comecei a estudar pelo jornal e as suas respostas e outras reportagens fizeram de mim um experiente

agricultor mesmo que a situação do trabalhador rural hoje esteja muito difícil” – Ildo Ariento, de União da Serra – RS (VA, 20/05/1998).

“Nesta página sempre descubro coisas novas e interessantes para a minha profissão de agricultor e sigo atento aos conselhos dados aos diferentes casos que são apresentados” – José Simoneto, Ivorá – RS (VA, 21/04/1976).

“Agradeço-o muitíssimo pela atenção que me tem prestado. Sinto-me feliz ao ver que há ainda os que dão seu amparo a nós colonos, enquanto muitos outros têm-nos como uma classe de homens atrasados e inconvenientes” – Carta de José Eppilile, Viadutos – RS (VA, 23/09/1953).

“Esta é a primeira vez que vos escrevo, mas também não será a última, porque ainda quero ser um agricultor de renome” – M.S.Rigon, Galópolis (VA, 11/6/1953).

### Estímulo ao estudo

*Vida Agrícola* servia como fonte de pesquisa para estudantes do ensino médio. Quando solicitado, Zugno remetia, pelo correio, aos leitores outros materiais para estudo, como atesta a seguinte correspondência:

“A equipe ‘No mundo da cana’ agradece ao colunista pela colaboração e apoio recebidos por ocasião da Feira de Talentos, realizada no Colégio Valentim Bernardi, de Itá –



SC. Os conhecimentos técnicos fornecidos pelo engenheiro agrônomo à nossa equipe foram uma das principais causas do grande sucesso do nosso trabalho sobre a cana-de-açúcar” – Mateus Boeira, Itá – SC (CR, 11/11/1998, p.2).

Motivados pelo trabalho do agrônomo, autor de *Vida Agrícola*, muitos jovens passam a se interessar em fazer cursos técnicos ou a faculdade de Agronomia.

“Há muito tempo venho planejando o meu futuro, mas um futuro que possa não só viver para o meu bem como igualmente ao bem do povo, que muito trabalha e não acha solução. Por isso eu venho pedir-vos informações para estudar para engenheiro agrônomo” – N.G., Quaraí (VA, 21/09/1955).

Pelo fato de aprenderem com facilidade as orientações de *Vida Agrícola*, muitos rapazes acreditavam que era possível existir uma faculdade por correspondência. Vários escreveram a Zugno almejando que houvesse um curso de Agronomia à distância. Há de se destacar que os filhos dos agricultores tinham que continuar na roça para ajudar na renda familiar e assim era muito difícil saírem de casa para estudar.

“Desde a idade de 10 anos sou leitor da página da *Vida Agrícola*. (...) Existe escola de Agronomia por correspondência? (...) Ou é necessário frequentar uma escola pessoalmente para ser um bom agrônomo?” – Valdir Grigolo, Saudadinha – Município de Galvão – SC (VA, 20/3/1969).

## Formação de coleções para estudo e consulta

Além da resposta prática e específica do leitor, sempre que possível - dentro do espaço permitido pela coluna – Zugno incrementava as informações, fornecendo a descrição científica e a origem das plantas e animais relativos à pergunta. Se o tema fosse importante, algumas questões podiam ser respondidas inicialmente em uma edição e continuar nas próximas, dependendo da extensão do assunto.

A coluna servia como subsídio para instituições educativas da área agrícola, professores da zona rural e demais leitores. Com esta finalidade muitos guardaram o jornal e a coluna como coleção.

“Desde o ano de 1953, do início de *Vida Agrícola*, venho colecionando esta valiosa página do CR, com seus utilíssimos ensinamentos. Sigo suas lições, faço propaganda. (...) Minha coleção é um livro: se desejo saber algo, procuro na *Vida Agrícola* e ali está tudo bem explicado” – J.M.S., São Carlos - SC (VA, 14/12/1960).

“Meu pai é assinante do jornal e eu recorto as colunas *Vida Agrícola* e guardo sempre porque ensinam muito” - Sivi Callegaro, Jaguarí – RS (CR, 6/4/1977 p.2).

“Faz 10 anos que recorto, guardo e consulto todos os seus artigos sobre fruticultura. É meu hobby para as horas livres e exercícios físicos no pomar caseiro” – Alberto Spies, Alecrim - RS (VA, 12/5/1982).

Para facilitar o colecionamento da coluna *Vida Agrícola*, o leitor Ampélio Carloto, de Carlos Barbosa, escreve sugerindo ao jornal que os artigos de Zugno sejam dispostos de forma diferente: “... pensando em termos de formação, de um repositório de subsídios, ou mesmo de coleção, atrevo-me a sugerir que a coluna (...) seja impressa nas páginas 11 e 14, ao invés das páginas 20 e 21. Assim diagramado, teríamos (...) mais facilidade para fins de coleção” – (CR, 11/08/82 p.2).

“Sei de muitos leitores que, a cada semana, recortam a coluna “*Vida Agrícola*”. Dela tiram proveito para eles e para famílias vizinhas” – Frei Roberto Franzosi, de Ibiporã do Oeste - SC (Carta de 17/05/1993).

E ainda outra carta informando o mesmo fato: “Outro [assinante] me contou que separa a coluna *Vida Agrícola* porque é muito útil e não quer perder nenhuma” - Flaviana Granzotto – Balenário Camboriú – SC (VA, 11/06/2003).

Um leitor conseguiu reunir a coleção de *Vida Agrícola* das décadas de 50 e 60, e presenteou-a ao colunista. Assim relata Zugno: “Eu tinha perdido a coleção e não tinha mais esperanças de recuperá-la, após ter passado tantos anos. Em 1968, o Sr. Natal Bozzeto, arquiteto de Ilópolis que me escreveu sobre uma experiência na conservação de pinhões, resolvera me fazer uma visita na qual me disse que era seu costume guardar os jornais. E teve a gentileza de me oferecer a coleção perdida” – JZ (CR, 02/01/1980, p.21).



### ***Vida Agrícola* – o livro**

O historiador e editor de livros, Rovílio Costa, identificando o hábito de vários leitores em colecionar a coluna, lançou uma coletânea dos artigos de Zugno, no livro intitulado *Vida Agrícola*, pela Editora EST, em 1984, por ocasião dos 75 anos do Correio Riograndense.

“O livro *Vida Agrícola* cada dia torna-se mais meu companheiro, com soluções e informações para obter o método certo de melhores rendimentos, com mais retorno”. Carta de João Paulo Heckler, Linha Maneador, Sarandi - RS, 21/08/1988.

### **Influência em agrônomos e profissionais da área**

“[José Zugno] não ajuda só o agricultor, mas dá verdadeiras lições, como sábio e mestre, a colegas como eu. Nossa classe se orgulha de tê-lo como membro” – Engenheiro Agrônomo Arnaldo José Basso, fundador do Centro de Treinamento de Agricultores de Nova Petrópolis (Cetanp) que, desde 1995, treinou 1.356 agricultores de 197 municípios gaúchos (TCC Dezen, p.97).

Escreve o agrônomo extensionista João Luiz Guadagnin, gerente regional da Emater – RS, Porto Alegre: “*Vida Agrícola* merece elogios e agradecimentos. Elogios pela qualidade, persistência e dedicação demonstradas pelo agrônomo Zugno. Agradecimentos pelo apoio aos agricultores, famílias rurais e extensionistas que sempre foi dispensado pelo



amigo Zugno. Como gerente regional da Emater-RS também agradeço ao apoio que o Dr. Zugno e este valoroso jornal sempre dispensaram ao nosso trabalho. (...) *A Vida Agrícola* estará mais viva graças ao Dr. Zugno” – (CR, 09/07/1986 p.2).

E ainda, Edgar da Silva, de Osório-RS, técnico agrícola: “Nas minhas andanças pela região da uva como presidente da Associação dos Técnicos Agrícolas do RS e, depois, como técnico da ICI Brasil, aprendi a admirar o seu sacerdócio profissional como agrônomo que, acima de tudo, quer traduzir o saber científico e tecnológico para a linguagem acessível àqueles que dele fazem uso para produzir e viver melhor” – (CR, 23/06/93 p.2).

Há manifestações também de agrônomos, como as de Jorge Cassina, de Caxias do Sul: “Sua atuação é motivo de orgulho e de júbilo para a classe agrônômica nacional, sendo motivo de inspiração e paradigma para todos os colegas que abraçaram tão importante profissão. Queira Deus que durante muitos e muitos anos possamos desfrutar de seus conhecimentos divulgados pelo Correio Riograndense, esperando continuar contando com sua combatividade e liderança na defesa das causas ecológicas e agrônômicas” – (CR, 28/07/1993 p.2).

### **Reconhecimento do Ministro da Agricultura**

“Não fosse pelo jornal, dificilmente seria hoje o ministro da Agricultura. Foi o Correio Riograndense que despertou em mim o interesse pela agricultura. Lembro que, na infância,

muitas vezes procurei levar ensinamentos de *Vida Agrícola*, do Dr. Zugno, para a realidade” – Ministro Francisco Turra (CR, 16/06/1999).

### **Colaboração dos colegas agrônomos**

Zugno contava com a colaboração de colegas e especialistas.

O leitor Angelo Tumelero, de Pinto Bandeira - RS, enviou carta agradecendo a visita de um agrônomo, oportunizada pelo colunista: “Meu muito obrigado ao Engenheiro Agrônomo José Zugno, responsável pela *Vida Agrícola*, por sua dedicação aos leitores do Correio Riograndense. Ainda no ano passado escrevi pedindo orientação para um sério problema que tinha aparecido em meu parreiral (...) e, por seu intermédio, tive a honra de receber em minha residência o engenheiro agrônomo Onofre Pimentel, um verdadeiro doutor das parreiras, que me pôs a par do problema existente no parreiral e o que tinha que ser feito. Estou contente porque o problema foi solucionado” – (VA, 06/04/1995).

### **Manifestações sobre política agrícola**

Ao lado de perguntas técnicas, muitas cartas dos agricultores manifestavam a José Zugno, por vezes como um desabafo, angústia e indignação pela falta de apoio do poder público:

“Os pequenos lavoristas não são atendidos pelos governos. (...) Dinheiro não se tem, mal temos para viver, o

Banco não empresta para nós pequenos, eu fui pedir empréstimo e fui maltratado” – (VA, 19/05/1955).

“Nós, colonos, temos que pagar as mercadorias que precisamos pelo preço que nos cobram e temos que vender os produtos pela miséria que nos ofertam. (...) O que pode o agricultor fazer? Abandonar a terra?” – (VA, 21/06/1978).

“Estimamos o trabalho de *Vida Agrícola* (...) Em nosso sistema (...) a nossa agricultura vai ficando cada vez pior” – Genuino Cechim, Santa Lúcia – PR (VA, 30/08/1995).

A estes e demais leitores que abordaram a questão política, o colonista se solidarizava. A resposta a Genuino Cechim gerou uma série de artigos intitulados “Agricultura – prioridade nacional”; a partir destes textos Zugno expressa sua indignação com a falta de políticas públicas em favor da agricultura familiar.

Um trecho forte destes artigos: “Abolida a Escravatura entrou o braço livre do imigrante. Contudo, a ideia de que a agricultura é para escravo persistiu e persiste até hoje. (...) A crise da agricultura já vem de longe, tem causas diversas, sendo a principal a falta de competência e decisão governamental (...). [a carta do leitor] tem o sentido de cobrar promessa não cumprida, de apoiar a causa da agricultura e (...) de solidarizar-se com os verdadeiros agricultores (...) que a TV Globo Rural mostrou chorando que nem crianças, abraçados nas respectivas esposas por terem perdido a produção, os animais, as máquinas, toda ou parte da terra em favor da usura dos bancos” – JZ (VA, 30/08/1995).

## Em defesa do meio ambiente

“Ele ensina, realça, mostra caminhos a serem experimentados e seguidos. (...) Os temas abordados são sempre práticos e atuantes (...) com o intuito de reforçar o que existe, melhorando-o, e sem esquecer que a evolução, nas práticas da produção agrícola, deve ser gradual e sempre norteada pela experiência...” – Antônio Martellini, ambientalista, presidente da Fundação Atlântica pro Homine et Natura (Fundatlantis), entidade ecológica que desenvolve atividades de preservação na costa Atlântica de Santa Catarina (TCC DEZEN, 1999. p.98).

Zugno defendia a agricultura ecológica e a preservação da arborização urbana. Criticava o corte indiscriminado de árvores na área urbana de Caxias do Sul, praticado pela administração municipal. Em 1994 publicou vários artigos, alinhando-se à indignação de vários leitores com a derrubada dos ligustros, árvore predominante nos logradouros da cidade. Seus artigos tiveram repercussão também em outras localidades do Rio Grande do Sul.

“Nota dez para *Vida Agrícola* sobre arborização urbana e, em particular sobre o ligustro, muito utilizado em diversas cidades da região. A prefeitura de Sobradinho decidiu pela retirada de todos os ligustros dos logradouros públicos da cidade sob o pretexto de que causam problemas alérgicos nas pessoas [...]. Em 20 de junho passado fiz um requerimento ao prefeito, instruindo processo com seus artigos do Correio Riograndense,

SANTO ANTONIO DA PALMA - RS  
99 265-000

**CORREIO RIOGRANDENSE**

Av. Alexandre Pizzol, 534 - Caixa Postal 253  
Fone: (54) 220.3232 - Fax: (54) 220.3202  
95001-970 - CAXIAS DO SUL - RS  
E-mail: correio.riograndense@zaz.com.br

2-9/2/01 Carta ->

AO Correio Riograndense

Seu assinante deste precioso semanário correio riograndense, há uns trinta anos, pois pelo assunto deste jornal, todas as questões feitas procure o agente para fazer o jornal. Todos os artigos muito interessante, em especial a vida agrícola de hoje, sócio o seguinte, tembo uma pequena planta, raiz de erva mate, que eu plantei fiz nome consumo, eu pergunto de esta espécie de semente se aconselhavel ha para ou ha fabricacao da erva mate ou ela fica forte ou amarga? Devido as folhas secas como muitas folhas isto impedia me, costuma me prima vera. se for atendido meo muito obrigado

DIRCEU JOÃO GRANDO Dirceu João Grando  
99 265-000-

Santo A. de Palma - RS 28-11-2000

**VIRAR** Código Data

Código Nome Dirceu João Grando

**CORREIO RIOGRANDENSE**

Cartas do Sul, 12 de fevereiro/2001

Prezado Dureu J, Grando

Recebi sua carta de dezembro passado. Estou com um problema na vista que me dificulta até em escrever esta cartinha. Particular já que não foi possível responder o assunto de sua carta pelo jornal, como é meu desejo, pois se trata de um assunto importante que pode interessar a muitos assinantes e leitores do Correio Rio-grandense.

Para não demorar mais, estou remetendo-lhe alguns artigos sobre erramate que já saíram em Vida Agrícola em anos passados. E um artigo do Guarábural/88 sobre erramate, esperando que o amigo tire deles algum proveito.

A respeito da pergunta sobre a prужа causada pelas geadas do último inverno e recomendação que se dá é, em caso semelhante, esperar logo os ramos atingidos pela geada. Sem demora vai surgir a nova brotação restabelecendo a produção normal da planta.

A produção de semente, numerosa, é uma tendência natural da planta para sobreviver após sofrer danos, como os causados pelas geadas fortes.

As ordens do amigo para qualquer outro esclarecimento, dentro das minhas possibilidades.

Saudações do

Jm. Grando

no sentido de suspender a derrubada dos ligustros” – Mário Lazzari, Sobradinho - RS. (*Vida Agrícola*, 28/09/1994).

“Ao querido escritor de *Vida Agrícola*. Leio o jornal há mais de 60 anos. Posso lhe dizer que aprendi muito (...), aprendi conservar a natureza, plantei muitas árvores” – Gentil Brancher, São João do Cedro - SC (carta manuscrita de 13/4/2003 relatada na seção Opinião do Leitor em 30/4/2003).

### **Interatividade com os leitores**

*“[Vida Agrícola] não é só uma coluna de técnicas agrícolas. É uma conversa afável com os leitores, que não raras vezes se torna poética”* – José Clemente Pozzenato (Jornal Pioneiro, 17-18/07/1999).

José Zugno comenta sobre as correspondências que recebe:

“As cartas que recebo são estimulantes. Eu as guardo como relíquias. Dizem que gostam da coluna, que aproveitam suas orientações. São cartas francas, escritas com sinceridade, da forma natural com que cada um se expressa. Em cada uma delas está um pouco da vida do autor. [...]. Sou muito grato a todos esses amigos que me dão satisfação maior que o bem que eu lhes possa dar” – JZ(VA, 25/10/1989).

Estas correspondências revelam a relação dialógica com o colunista. Na maioria são escritas à mão, algumas de excelente caligrafia, outras nem tanto, devido ao baixo índice de



escolaridade de alguns emissores. Há várias escritas em máquina de escrever, outras ainda recebidas por fax ou e-mail. Muitos leitores, antes de encaminhar as perguntas ao colunista, tecem agradecimentos e elogios pelos benefícios que recebem.

“*Vida Agrícola* é como se a gente estivesse frente a frente com o agrônomo. Agradeço muito este bom amigo que tanto ajuda os colonos” – (Carta de Alzira Degrande, Seberi – SC – 01/09/1968).

“Prezado amigo Dr. Zugno. Chamo-o de amigo porque uma pessoa como o senhor que se dedica a servir e ensinar a tanta gente que nem conhece (...) só pode ser chamado de amigo” – (Carta de Alberto Primo Toniel, Marau - RS, 08/11/1972).

“V.Exa. procura atender com presteza e de uma forma compreensível o que nós, agricultores, solicitamos. (...). Em junho fiz uma consulta e coloquei em prática as sugestões (...). Fico-lhe muito grato” – (Carta de José Teppiluile, Viadutos, Marcelino Ramos - RS, 19/08/1953).

“Como V.S. é muito atencioso (...) animei-me a mandar uma consulta sobre minha criação de galinhas” – R.G.R, Serra do meio, Vacaria – RS (VA, 11/05/1955).

“Satisfeita plenamente as minhas perguntas sobre soja, cravos, pêssegos e orquídeas; venho agradecer a vossa gentil colaboração” – Sofia Papp Bauer, Caçador – SC (VA, 08/04/1969).



“Já enviei uma dezena de consultas. Sempre tive resposta completa, por isto sou muito grato” – (Carta de Nilo Bruschi, Gaurama – PR, dez/2003).

Agradecendo resposta de VA para a implantação de horta e minhocário no Presídio de Nova Prata, um agente penitenciário escreve:

“...estou realmente fascinado pelo assunto e pela gentileza de V.S<sup>a</sup>. Confesso que não esperava tanto e isto que V.S<sup>a</sup> está fazendo me faz ver a imprensa de uma maneira diferente” – (Carta de Sérgio João Caleffi, Bento Gonçalves - RS, 14/11/1991).



“Parabéns ao querido José Zugno pelo excelente trabalho e orientações que tem dado aos agricultores através de sua coluna (...). Recordo que, quando criança, meu pai Arcângelo Fornari lia para nós a *Vida Agrícola*” – Veni Fornari da Luz, Arvorezinha –RS (Seção Correio do Leitor, 13/08/2003).

A coluna interessava a pessoas que cultivam a terra por hobby, como é o caso de João Derosso, de Curitiba – PR:

“Passei a ser assinante. Confesso que o fiz principalmente pelo conteúdo da coluna *Vida Agrícola*, que tantos ensinamentos vêm prestando aos agricultores, principalmente aos amadores, como é o meu caso” – (CR, 9/7/1985 p.2).

### **A relação com os leitores vai além de simples respostas técnicas**

“Minha mãe (...) é italiana de nascimento e já completou 90 anos (...). O seu recente artigo sobre as castanheiras italianas despertou nela muitas saudades porque no seu tempo de infância era comum o consumo de castanhas na Itália, sob diversas formas. Bem que ela gostaria de ter umas para saborear e, apesar da idade, demonstrou o desejo de plantar em nosso terreno algumas mudas de castanheira italiana: ‘Se não puder ver os frutos, pelo menos as árvores vão ficar como lembrança minha...’. Ficarei grata se puder me informar onde adquirir mudas” – Lourdes Zago, Palotina – PR (VA, 29/09/1998).

Zugno responde dizendo que também a sua avó, vinda da Itália, apreciava muito as castanhas e indicou o local para adquirir as mudas. Mas não ficou só nisso: conseguiu belas castanhas italianas, numa fruteira de Caxias, para remeter à leitora.

### **Leitores buscavam ainda orientações não agrícolas**

#### **Calvície**

“Tenho notado que esta coluna não trata só de assuntos de lavoura e criação, mas também de outros interesses das pessoas que moram no interior. O meu assunto parece muito estranho, mas é um problema de uns quantos que eu conheço – é a queda de cabelos. Dizem que tem ervas medicinais muito

Endereço P. J

Tapiraupilha 8 de Junho 1952

Laudação

Consulta

Tenho visto relevantes serviços por meio de suas respostas que são de muito interesse para nos agricultores por isso solicitamos forma-me esta; tenho um parreiral grande o qual sempre tenho limpo e adubado com (com) risco ou senja macegas capim etc. e já faz seis anos que não consigo produção boa e só da cachos pequenos a brotação e boa o que sera.

Leio o correio St. Grandense a muitos anos e ainda faço dele um dos melhores informativos católicos louvado seja nosso Sr. J. J.

P. J

boas como remédio. (...) É favor colocar na resposta só leitor” - Leitor, Guarapuava – PR. “Gostaria de saber informações sobre algumas ervas que sirvam contra a queda de cabelos” – D.S. – Sananduva – RS (VA, 16/04/1986).

Na resposta, Zugno confirma que o assunto não é, realmente, de agricultura, “mas diz respeito à vida de agricultores”. Em seguida cita alguns estudiosos de ervas com suas indicações para o problema.

### **Perguntas das mulheres do campo: dieta para emagrecer e cera depilatória**

Zugno recordava que recebia perguntas de todo tipo, não só relacionadas à agricultura: “Uma moça, por exemplo, que se dizia gorda, com dificuldades para conseguir namorado, pedia o que comer para emagrecer e assim ficar mais elegante e atraente” – (CR, 30/04/2003 p.6).

Na edição de VA, de 9/4/1958, ele responde listando os alimentos com alto teor de gordura que devem ser evitados, recomendando, porém, não eliminá-los totalmente. Usava sempre o princípio que nada em excesso faz bem, seja no consumir como no evitar as substâncias necessárias para a manutenção do corpo. Em carta pessoal pelo correio ele, como biólogo, dizia que as mulheres não deveriam se preocupar exageradamente com a gordura, pois, até certo ponto, é da natureza que a mulher conserve o seu tecido adiposo, especialmente no ventre, para dar melhores condições de gestar uma criança.



Uma leitora de Ponte Serrada - SC, diz que mora num lugar muito afastado de tudo, pediu receitas de compotas de peixe e receitas aproveitando a folha da beterraba. Além disso, pede também como fazer cera depilatória. As duas primeiras perguntas foram respondidas na coluna VA; a terceira foi respondida por carta, com a receita de uma amiga da sua esposa Zélia – (Carta de 14/03/1991).

### Pedido de contato com Tônico e Tinoco

Em 1985, uma leitora de Frederico Westphalen faz uma pergunta sobre plantas pegajosas, e pede ainda como se comunicar com a famosa dupla Tônico e Tinoco. Zugno responde a pergunta técnica na coluna VA e manda por carta o endereço postal do “Fã Clube de Tônico e Tinoco”, conseguido através de um amigo.

### Uma consulta pouco honesta

Houve até quem pedisse como adulterar o mel com adição de açúcar. Zugno respondeu em carta particular dizendo que não deveriam fazer isto, porque é fraude e que se caprichasse na produção de mel teria um rendimento bem melhor. (VA, 15/06/1966 e VA, 14/08/68)

### Orientações para questões judiciais

Um pedido de orientação para desquite aparece na edição de 07/10/1972: Zugno sugere que ele procure ajuda junto ao serviço de assistência jurídica do Sindicato dos Trabalhadores

Rurais da região, informando o endereço próximo à localidade do leitor.

### **Outros assuntos**

Há ainda outros assuntos respondidos por Zugno sobre direitos trabalhistas (VA, 3/10/1973), onde encontrar curso de enfermeiro (VA, 23/10/1974), fórmulas para fazer sabão caseiro (VA, 2/07/1969, 11/03/1972, 13/7/1977, 29/9/1993), receitas para doces (VA, 27/01/1960, 29/06/1994), confecção da carteira de identidade... Todos recebem atenção e resposta do colunista e, dependendo do assunto, através de carta pessoal pelo correio.

### **Alcance internacional**

A maioria das correspondências para *Vida Agrícola* vinha dos três estados do sul do Brasil, onde o Correio Riograndense possuía a maior parte dos seus assinantes; mas de todos os estados do Brasil também chegaram cartas. Do exterior verificam-se cartas da Austrália (VA, 27/11/2002), Itália (VA, 01/11/2006), San Salvador (VA, 25/12/2002), Paraguai (VA, 30/11/1983) e Estados Unidos (VA, 25/11/1992).

### **Colecionadora de *Vida Agrícola* em Nova York**

De Nova Iorque, escreve um leitor: “Tenho acompanhado sua coluna nos últimos meses. Uma leitora (mineira) que reside em Nova Iorque a recorta todas as semanas, pois vai utilizá-las quando retornar ao Brasil” – (VA, 25/11/1992).

Respostas  
João J. E. Pezzi

Viaçatos, 19 de agosto de 1963

Exmo. Sr.  
Saudações

Como assinante e leitor da Correia Rio Grandeense, venho ler em todos os dias o conteúdo de artigos escritos por V. Excia. E venho notando que V. Excia. procura atender com presteza a de uma maneira competente o que nós agricultores solicitamos.

Em junho solicitei de V. Excia. uma consulta para uma melhor produtividade de posse. Já recebi a resposta e também pus em prática as sugestões que achei mais aceitáveis. Portanto fico-lhe muito grato pela resposta.

Confianto de que V. Excia. me responderá a mais uma consulta venho aqui expor uma dúvida que em si mesma não acontece com nós agricultores em relação a agricultura. Mas acho que é isso uma coisa que nos agricultores devemos saber todos.

O que a lei vem se dando com amigos, mais gente de gente de pouco estudo, um certo tipo de um agricultor.

É o seguinte  
Tem um operário que trabalha por mês ou por dia a obrigação de fazer mais de 8 horas ao dia. E

A resposta sobre questão trabalhista foi respondida por carta pelo Dr. Edmundo Pezzi, advogado, amigo de Zugno. Como se vê na anotação no alto da carta.



### **Plantar pinhão em Veneza**

Da Itália, o leitor Cláudio Ganassin pede se é possível plantar em Veneza o pinheiro Araucária angustifolia, existente somente no sul do Brasil: “Por intermédio de Frei Clemente Dotti, pedi pinhões para cultivar aqui em Veneza, Itália. Como foram mantidas em freezer e descongeladas para a viagem, gostaria de saber se as sementes da araucária irão brotar depois de plantadas. Peço mais informações sobre plantio” – (VA, 01/11/2006).

### **A última carta - Profissão: Agricultor**

“Faz mais de trinta anos que assino o Correio Riograndense e a parte que mais gosto é a coluna *Vida Agrícola*, pois é a que trata da minha profissão. Minha pergunta é sobre o pasto chamado confrei-russo” – O.S. - Ibiraiara - RS (VA, 20/02/2008).

### **Reconhecimentos póstumos**

Após o falecimento do colunista, as cartas continuavam a chegar manifestando pesar pela perda do agrônomo, pedindo que o jornal encontrasse alguém para dar continuidade à *Vida Agrícola*.

“Foi com grande pesar que li sobre o falecimento do Dr. Zugno. (...) Além de [*Vida Agrícola*] ser um espaço democrático, onde todos podiam participar expondo suas dúvidas, essas eram sempre respondidas com informações técnicas abalizadas, na medida certa e na linguagem adequada” – Luiz. A. Baggiotto, Montenegro – RS (CR, Seção Correio do Leitor, 27/02/2008).

“Para o Correio Riograndense e muito mais para nós, agricultores, o falecimento do engenheiro agrônomo José Zugno é uma perda irreparável. Certamente, não será fácil encontrar outro que preencha o espaço de *Vida Agrícola* com a habilidade e capacidade que ele tinha. *Vida Agrícola* era uma coluna importante e eficaz para tirar dúvidas e planejar nosso futuro. (...) já que nessa região onde moro quase ninguém possui técnica e as terras são mal trabalhadas” - Alvício Sartori – Santa Cruz Del Monte, San Pedro, Misiones, Argentina – (CR, Seção Correio do Leitor, 12/03/2008).

Do diálogo estabelecido entre Zugno e seus leitores evidencia-se a valorização, a autoestima e a conscientização que o agricultor adquiria, não só em relação à dignidade do seu ofício e à busca de soluções técnicas, mas também quanto às bases sociais e políticas para o exercício da sua profissão.



Dr. Zugno: uma vida em defesa da natureza e da valorização do produtor rural

## Agricultor perde a orientação e o apoio de um semeador de idéias

O engenheiro agrônomo e botânico José Zugno morreu aos 83 anos. Dr. Zugno, como era chamado, foi responsável pela evolução do meio rural caxiense e, através da Vida

Agrícola, coluna que assinou no *Correio Riograndense* por 54 anos e 10 meses, levou conhecimento e estímulo a agricultores de várias regiões do país. *Páginas 6 e 9*



## *A palmeira humana*

### *A vida agrícola como missão*

**D**o início dos anos 50 até 1997, todas as quartas-feiras, na sede da redação do Correio Riograndense, na Rua General Sampaio, 189, em Caxias do Sul, Zugno redigia à mão o texto para a coluna, sempre acompanhado da cuia de chimarrão. Ele mesmo registrou em um de seus artigos: “Foi no Correio Riograndense que me acostumei a tomar chimarrão. (...) Tomando mate, conversando sobre tudo o que ocorria no mundo, a *Vida Agrícola* saía ao natural, com facilidade”.

Com a mudança do jornal para o novo prédio no bairro Desvio Rizzo, mais afastado da cidade e dependendo de motorista (não podia mais dirigir por deficiência de visão), Zugno escrevia a coluna em casa, manuscrita, e enviava por fax para a redação. Para ler e escrever usava uma lupa de aumento de 10 graus. Sempre que possível fazia questão de ir até a sede



*Equipe do Correio Riograndense em 2003.*

*Da esquerda para a direita: Frei Isaías Borghetti, Cacilda W. Schafer, Frei Moacir Molon, Ibanor J. Sartor, Maria de Fátima Zanandrea, Marcelino C. Dezen, Arlete Catarina R. Pasqual, Andressa de O. Boeira, Mauro Cavagnollo, Stela Maris Adelieri, José Zugno.*

do Correio Riograndense para encontrar os amigos da equipe de redação e fazer a revisão final, normalmente com a coluna já diagramada. A esposa Zélia, além de parceira, era também a motorista naquelas horas.

Nos últimos anos, agravando-se o problema de visão, ditava o texto para mim ou para uma secretária; depois eu digitava e o enviava por e-mail para a redação do jornal.

Elaborava os textos e as respostas aos leitores com naturalidade. Com uma surpreendente capacidade de memorização, lembrava onde, em qual livro, de qual autor, colher as informações necessárias. Buscava o livro em sua biblioteca, ou indicava o local onde se encontrava. Em seguida pedia para alguém ler o texto encontrado.

Desde a sua primeira edição em 29 de abril de 1953 até a última, em 20 de fevereiro de 2008, a coluna *Vida Agrícola* raramente deixou de ser publicada. Por ocasião de viagens, férias, cursos e congressos no exterior, Zugno deixava seus artigos antecipadamente prontos para serem publicados na sua ausência, ou enviava-os por correio ou fax a partir do local onde se encontrava.

Mesmo passando por enfermidades, algumas bastante sérias, com hospitalizações e necessidade de repouso absoluto, sempre deu um jeito de escrever. Foi hospitalizado várias vezes, devido a problemas cardíacos, cirurgias e a um acidente vascular cerebral. Mesmo assim a coluna nunca deixou de sair. Era possuidor de uma memória privilegiada e conhecimentos fartos, de modo que, mesmo do leito do hospital conseguia ditar as respostas às perguntas dos leitores.

No final de 2005, devido a uma grave insuficiência renal e cardíaca, ele permaneceu quinze dias internado em Unidade de Tratamento Intensivo. Por mais de uma semana foi mantido entubado para respiração artificial, em estado muito grave, entre a vida e a morte. Nos últimos dias já se encontrava lúcido, embora permanecendo entubado, sem a possibilidade de falar.

Sabendo o quanto a produção e continuidade dos seus

artigos eram importantes, comuniquei-o que havia chegado uma pergunta de um leitor sobre cultivo de orquídeas, mas que não se preocupasse, pois ele já havia escrito sobre o mesmo assunto em anos anteriores e me prontificaria a reeditar o texto a partir daquelas informações, se ele estivesse de acordo. Prontamente balançou o dedo em sinal de negação. Com muita dificuldade escreveu em um papel que eu deveria procurar informações atualizadas com o agrônomo e orquidófilo Edmundo Ruzzarin. Foi o que fiz. Redigi o texto a partir das informações obtidas e voltei ao hospital para que ele revisasse.

Anos depois, o último artigo de *Vida Agrícola* também seria redigido e revisado no hospital. Pode-se dizer que o último ato em vida do meu pai, horas antes de falecer, foi concluir e revisar um artigo da coluna *Vida Agrícola*.

No dia 9 de fevereiro de 2008, às 16 horas, ele revisou o texto a ser enviado ao jornal. Muito debilitado, e mesmo com voz tênue, asseverou: “Está muito bem assim”. Às 16h30 entrou para o bloco cirúrgico para instalar o cateter a fim de submeter-se à hemodiálise. Logo após a hemodiálise, às 22h40, veio a falecer por parada cardíaca.

Escrever a coluna *Vida Agrícola* era para José Zugno uma missão, um sacerdócio voltado ao desenvolvimento integral das pessoas, especialmente na valorização do agricultor familiar, da agricultura ecossustentável e dos cuidados com o meio ambiente.

Concluiu sua vida em plena missão, tal qual a Palmeira que tanto o inspirou.







## “ADEUS, MINHA PALMEIRA QUERIDA”

*Há dias, uma dessas coisas triviais que acontecem muito frequentemente, passando despercebida pela grande maioria dos humanos viventes, impressionou-me sobremaneira.*

*Foi o corte de uma palmeira.*

*Mas não de uma palmeira qualquer e sim da palmeira linda que morava a poucos metros deste meu quarto de estudante, que tantas vezes acenou-me, farfalhando graciosamente flexuosos leques, e estancou-me os passos, e encheu-me os olhos de encantos e o coração de alegrias infindas...*

*Chorar não chorei mas senti um nó graúdo a oprimir-me o peito, quando a vi retalhada e já sem vida. Seguidamente, com voz sumida, carregadinha de emoção, de cabeça baixa, solto meu lamento, ao chutar lenta e pausadamente o tronco cortado cerce:*

*Palmeira querida, nada fizeste para evitar que te cortassem! Tiraram-te a seiva, tiraram-te o sol, a luz, a vida! Não te rebelaste, nem protestaste e, pacientemente, consentiste que levassem teus restos em carros imundos para imundos lugares.*

*Parece-me até que te sentiste feliz com a sorte que te coube.*

*Mas eu? Ficarei só com a saudade dos reflexos deliciosos que tuas bamboleantes palmas transmitiam da lua; da vida mágica dos quadros*

*magníficos que tu, com o céu, com as nuvens, com as estrelas... sabias pintar e ofertar-te prazerosamente.*

*Hoje, quando passo pelo chão onde nasceste e viveste, levanto a fronte, abro os olhos... e... um céu limpo ou noite escura... nada mais vejo.*

*Assalta-me, nesses instantes, repentinamente, uma emoção esquisita e desconcertante da falta que fazes, e sinto-me tão triste como o bem-te-vi, que, feliz, brincava e cantava nos teus leques gentis. E, inerte e absorto, deixo-me ficar por longos minutos.*

*Até que um apetecido som desprendendo-se de minha fantasia me vier acordar e erguer. É o som mavioso das tuas flabeladas palmas; a tua voz, palmeira linda, que ainda guardo viva na memória.*

*Meus ouvidos sentem-na perfeitamente. Por que então eu me alevanto enérgico, enteso os músculos, avivo o olhar e volvo a considerar firme a realidade?*

*“É fnda a missão que me tocou na vida – diz-me ela – dei sonho às gentes, agasalho e balanço aos pássaros; comuniquei beleza e poesia à vida e fui expansão rica e amorável da natureza. Aceita meu exemplo, amigo, vai e vive!*

*Há tantas criaturas humanas que precisam de uma nesga de luz; há tantos semblantes tristonhos que necessitam de um raio de contentamento; há tantos corações rasgados pelo sofrimento, que, ansiados, chamam pelo lenitivo de um pingo de paz.*

*Vai, meu amigo, e trata de ser na vida uma palmeira humana!”*

**José Zugno, 1948**

## O AGRÔNOMO E AS PLANTAS

O agrônomo dedica amor entranhado a estas portentosas manifestações da Natureza, que são as plantas. Ama-as, porque as conhece através da estrutura magnífica de seus organismos e de sua fisiologia maravilhosa e através dos benefícios múltiplos, que elas à humanidade concedem.

As plantas são o “pivot”, em torno do qual, giram todas as atividades profissionais do agrônomo; são elas que ocupam o ponto central do complexo campo de ação agronômica.

Evidentemente são as plantas o objeto das especializações que delas tratam diretamente, seja para o conhecimento das formas e funções de suas partes e sistematizações por valor econômico ou estético, seja para o seu aperfeiçoamento ou para lhe oferecer ambiente favorável a uma vida completa, vigorosa, sadia e produtiva.

Não se distanciam da planta, porém, as outras especializações.

Mesmo que o agrônomo, em vista da amplitude imensa do terreno da sua profissão, obedecendo a seus pendores individuais, venha a optar por uma especialização que não tenha a planta como objeto imediato, dela, porém, não se afastará.

Mesmo que volte sua capacidade criadora para as terras que devem ser irrigadas ou drenadas, ou para o traçado de uma estrada de rodagem, assim agirá o agrônomo com o fito de favorecer e valorizar o produto das culturas de plantas.

Mesmo que ele leve vida mais de laboratório, analisando, investigando, experimentando – o que dá o conhecimento do que possuem e dispõem as plantas – ele visará sempre a melhoria na sua cultura.

Mesmo se dedicando o agrônomo ao estudo dos seres vivos do outro grande reino da Natureza, a fim de promover o desenvolvimento da arte de criar; ainda assim ele não esquece as plantas, porque as enxerga através das figuras majestosas de suas máquinas vivas.

Na planta está, em último termo, a origem da razão de ser do agrônomo, pois a mais primordial característica da arte agronômica é a aplicação consciente das especulações científicas com o fim de alcançar mais rendosa produção para a libertação econômica e bem-estar dos homens.

E a produção rendosa depende, sobretudo, do carinho com que o agrônomo, valendo-se de seus

conhecimentos técnico-científicos, dedica às plantas que cultiva.

Não que ele assim labute, tão somente pelas vantagens materiais que as plantas lhe trazem.

Se com tal fim agisse, seria o agrônomo a afirmação eloquente de um requintado egoísmo.

Não, não é pelo que pode extrair das plantas que o agrônomo dedica-lhes amor entranhado. Ama-as, sim, porque são fonte, de sua própria independência econômica e vida digna, da riqueza e grandeza da Pátria e, acima de tudo, da formação de uma raça física e espiritualmente forte.

É, pois, com uma tal visão que o agrônomo considera a planta.

Elesabe que as plantas existem para servirem ao homem, cedem-lhe recursos para o desenvolvimento e progresso material da humanidade e o exemplo de generosidade grandiosa e submissão completa, a fim de tornar mais bela e digna a vida dos homens.

Dão-lhe vigor físico e vida ao espírito.

Eis porque, ao que compreende bem as plantas, ao agrônomo – este profissional que não é somente um especulativo, nem apenas um prático ou especialista ou técnico puramente, mas uma personalidade de sólida e ampla cultura, que compreende o valor de seu título e sua dignificante missão social – cabe o direito e o dever honroso de falar ao espírito brando das crianças e à razão forte dos homens, em favor desses generosos seres que docilmente lhe servem.

E ninguém melhor do que ele pode, então, proclamar com satisfação e autoridade, aos andantes que se esquecem fácil do bem que os rodeia, o que felizmente em nossas praças vemos:

“Pára! Abre os olhos e vê árvores, arbustos, capins, musgos! São plantas!

Ama-as! Elas te dão sombras, descanso, alegria aos olhos e felicidade ao coração!

Contempla as árvores! Elas são um monumento de vertigem da vida. São o calor de teu lar nas noites frias de inverno e a sombra amiga que te protege contra o sol ardente. Seus frutos saciam tua fome e acalmam tua sede.

Não maltrate as plantas; defenda-as sempre. Elas retribuem generosamente o cuidado que lhes dedica.”

Pois ninguém melhor que o agrônomo conhece e ama as plantas, que à humanidade dão frutos, flores, abrigo, lume, riqueza e vida!

**José Zugno – Boletim nº 1, de 1946, do Centro Acadêmico  
da Escola de Agronomia da UFRGS.**



### AO VIANDANTE

TU QUE PASSAS E ERGUES PARA MIM O TEU BRAÇO,  
ANTES QUE ME FAÇAS MAL, OLHA ME BEM,  
EU SOU O CALOR DO TEU LAR NAS NOTES FRIAS DE INVERNO,  
EU SOU A SOMBRA AMIGA QUE TU ENCONTRAS  
QUANDO CAMINHAS SOB O SOL DE AOSTO,  
E OS MEUS FRUTOS SÃO A FRESQUURA APETITOSA  
QUE TE SACIA A SÉDE NOS CAMINHOS.  
EU SOU A TRAVE AMIGA DA TUA CASA, A TABUA DA TUA MESA,  
A CAMA EM QUE DESCANÇAS E O LENHO DO TEU BARCO,  
EU SOU O CABO DA TUA ENXAÇA, A PORTA DA TUA MORADA,  
A MADEIRA DO TEU BIRCO E DO TEU PRÓPRIO CAIXA,  
EU SOU O FIO NA BONDADE E A FIBRA DA BELEZA,  
TU QUE PASSAS OLHA ME BEM E NÃO ME FAÇAS MAL.

## PRÊMIOS E RECONHECIMENTOS

Por quatro anos consecutivos, 1965, 1966, 1967 e 1968, José Zugno recebeu a menção de Destaque no Setor Agrícola conferido pela Rádio Difusora Caxiense e TV Difusora de Porto Alegre.

Homenagem do 3º Exército, em agosto de 1983, como colaborador emérito. Na ocasião faziam-se presentes o General Henrique Beckman Filho – comandante do III Exército –, General Clóvis Azambuja – comandante da III Região Militar – e General Décio Barbosa Machado – Chefe do Estado Maior do III Exército.

Homenagem da Cooperativa dos Plantadores de Tungue Paulo Monteiro de Barros, em 1984, pelos 35 anos de atuação como sócio-fundador.

Engenheiro Agrônomo do Ano, conferido pela Associação dos Engenheiros e Agrônomos da Encosta Superior do Nordeste – AEANE –, no ano de 1987.

Homenagem da Universidade de Caxias do Sul, em 26 de outubro de 1995, pela sua colaboração nos 35 anos do curso de Pedagogia daquela instituição.

Homenagem da Sociedade Literária São Boaventura pela colaboração nos 50 anos de atividade da Editora São Miguel.

Homenagem do Sindicato Rural de Caxias do Sul (out./1999) pelos 50 anos de trabalho e dedicação à agricultura, iniciados através do Fomento Agrícola e Assistência Rural em 1949.





*Homenagem da AEANE em 1987 e 2007.*



*Câmara de Vereadores de Caxias do Sul (02/12/2003).*



Eleito Sócio benemérito do Círculo Operário Caxiense.

Homenagem do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Caxias do Sul – UCS (18/06/2002) “por sua importante trajetória profissional na história da comunicação da comunidade caxiense”.

Homenagem do Correio Riograndense pelos 50 anos ininterruptos como titular e autor da Coluna *Vida Agrícola* (abril/2003).

Título de Cidadão Emérito de Caxias do Sul, conferido pela Câmara Municipal de Caxias do Sul, em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à comunidade (02/12/2003).

Homenagem da AEANE pelos 60 anos de agronomia, em 2007.




**VIDA AGRÍCOLA 50 ANOS**  
1953-2003

**Ao Eng. Agr. Dr. JOSÉ ZUGNO**

pela competência e profissionalismo demonstrados como titular e autor da Coluna VIDA AGRÍCOLA, publicada semanalmente no Correio Riograndense desde 29 de abril de 1953;

pela preservação mantida heroicamente durante 50 anos, que o faz merecedor do título de um dos colunistas mais antigos do Brasil;

pela dedicação à causa do pequeno agricultor, que o tornou reconhecido no Sul do Brasil como promotor de grandes inovações no campo da prática agrícola;

pela capacidade técnica e mobilidade em orientar os leitores que durante 50 anos fizeram consultas semanais à políax, portanto, muito antes de dispor-se da orientação de técnicos como nos últimos décadas;

e pela atuação benéfica à causa do Correio Riograndense, desde 1989 em jornal voltado para a valorização da pequena propriedade rural e para o crescimento dos leitores com pessoas capazes de visualizar perspectivas e realidades e com o futuro para si e suas famílias.

registramos essa homenagem com profundo reconhecimento.

Curitiba, 02 de Jul. de 2003

**CORREIO RIOGRANDENSE**

## JOSÉ ZUGNO - LINHA DO TEMPO

**17/02/1924** Nasce em Caxias do Sul.

**08/12/1941** Conclui o período ginásial no Colégio Nossa Senhora do Carmo, em Caxias do Sul.

**Abril/1942** Primeiro artigo publicado com o título “Tiradentes”, no jornal *O Momento*, de Caxias do Sul.

**11/07/1943** Recebe a espada de Oficial da Reserva, após concluir CPOR.

**11/12/1946** Recebe o diploma de Bacharel em Ciências Naturais pela PUCRS

**16/12/1947** Recebe o diploma de Licenciado em Ciências Naturais pela PUCRS

**17/12/1947** Recebe o título de Engenheiro Agrônomo pela Escola de Agronomia e Veterinária da UFRGS e profere o discurso em nome dos formandos.

**12/03/1948** Inicia a sua primeira experiência como professor, aos 24 anos, ministrando Ciências Naturais aos alunos do Curso Técnico de Contabilidade do Colégio N. S. do Carmo.

**11/12/1948** Foi paraninfo da turma de ginásianas do Colégio São Carlos.

**22/05/1949** Participa da fundação da Cooperativa Regional dos Plantadores de Tungue (COTUNG), como sócio-fundador.

**1949** Inicia a Diretoria de Fomento Agrícola e Assistência Rural.

**1950** Criação do Horto Municipal no entorno das represas do Sistema Dal Bó.

**1950 e 1954** Organiza o Corso Alegórico da Festa da Uva.

**13/12/1952** Forma-se em Técnico de Contabilidade na Escola Técnica de Comércio do Colégio do Carmo.

**29/04/1953** Dá início à publicação da Coluna *Vida Agrícola* no Correio Riograndense.

**1953** Início dos trabalhos para a criação do Parque dos Macaquinhos.

**Fevereiro/1954** Inauguração do Parque dos Macaquinhos.

**01/05/1954** Casa-se com Zélia Maria Scarton.

**1960** 1ª Exposição de Rosas em parceria com a Aliança Francesa.

**1961** 1ª Jornada Ruralista e Exposição de Produtos Agrícolas nos distritos de Criúva e Vila Seca.

**1962** Jornadas Ruralistas e Exposições de Produtos Agrícolas nos distritos de Criúva, Vila Seca e Vila Oliva; 2ª Exposição de Rosas na Aliança Francesa.

**1963** 1ª Exposição Municipal de Produtos Agrícolas nos pavilhões da Festa da Uva e 1ª Exposição Agropecuária no distrito de Ana Rech.

**1964** Constrói sede própria da Diretoria de Fomento Agrícola.

**1964** Torna-se Diretor-presidente da Cooperativa dos Plantadores de Tunge – COTUNG, permanecendo no cargo até 1995.

**1965** Cria as Exposições Agropecuárias nos distritos de Criúva, Vila Seca, Santa Lúcia do Piaí e Galópolis.

**1966** Cria a Exposição Agropecuária Municipal nos Pavilhões da Festa da Uva e Exposições Agropecuárias nos distritos de Ana Rech e Forqueta.

**1967** Empreende a Exposição Agropecuária Municipal nos Pavilhões da Festa da Uva e 3ª Exposição de Rosas e 1ª de Flores no Colégio São José.

**1968** Empreende a Exposição Agropecuária Municipal e 4ª Exposição de Rosas e Flores e Exposição Agropecuária no distrito de Ana Rech.

**1965, 1966, 1967, 1968** Recebe o reconhecimento “Destaque no Setor Agrícola”, conferido pela Rádio Difusora Caxiense e TV Difusora de Porto Alegre, por quatro anos consecutivos.

**1968** Providencia e acompanha a frota de nove caminhões frigoríficos com toneladas de uvas para o Festival da Uva e do Cordeiro Mamão no RJ e escreve sobre o evento no Jornal Pioneiro.

**1969** Coordena a comissão que organizou o pavilhão exclusivo para exposição de uvas do evento da Festa do Uva.

**1970** Coordena a Exposição Agropecuária no distrito de Ana Rech.

**1970** É designado para o Gabinete Municipal de Planejamento – GAMAPLAN.

**1973-79** Coordena o GAMAPLAN.

**1979** Assume como Secretário de Agricultura do Município.

**1979** Implanta a Feira do Produtor Agrícola.

**1983** Aposenta-se do serviço público.

**Agosto/1983** Recebe homenagem do Grupo de Canhões Anti-aéreos – GCAAN, como colaborador emérito.

**1984** É homenageado pela Cooperativa dos Plantadores de Tungue Paulo Monteiro de Barros – COTUNG - pelos 35 anos como sócio-fundador.

**1984** Lança o Livro *Vida Agrícola*, pela Editora EST.

**1987** Recebe título de “Agrônomo do Ano”, conferido pela Associação dos Engenheiros Agrônomos da Encosta Superior do Nordeste – AEANE.

**26/10/1995** Recebe homenagem da Universidade de Caxias do Sul, pela sua colaboração nos 35 anos do curso de Pedagogia.

**Outubro/1999** Recebe homenagem do Sindicato Rural de Caxias do Sul pelos 50 anos de trabalho e dedicação à agricultura, iniciados através do Fomento Agrícola e Assistência Rural em 1949.

**18/06/2002** Recebe homenagem do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Caxias do Sul – UCS – por sua importante trajetória profissional na história da comunicação da comunidade caxiense.

**19/04/2003** A coluna *Vida Agrícola* completa 50 Anos de existência. O Correio Riograndense presta-lhe homenagem com o encarte especial sobre a trajetória do autor.

**02/12/2003** Recebe o título de Cidadão Emérito conferido pela Câmara Municipal de Caxias do Sul, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à comunidade. O legislativo aprovou por unanimidade a proposição encaminhada pelos vereadores Francisco de Assis Spiandorello e Geni Peteffi.

**2004** Comemora Bodas de Ouro de matrimônio com a esposa Zélia.

**2007** Recebe homenagem da Associação dos Engenheiros Agrônomos da Encosta Superior do Nordeste – AEANE – pelos 60 anos de agronomia.

**09/02/2008** Convalescente no Hospital Pompeia de Caxias do Sul, revisa o último artigo de *Vida Agrícola*, e, poucas horas depois, falece por parada cardíaca.



*“Cada qual é depositário de certa quantidade de dons divinos e encontra ocasiões especiais para empregá-los e fazê-los render o máximo, de tal maneira que poderemos apresentar-nos no fim da jornada, diante do Criador e, sem receio, contentes, dizer-lhe: eis aqui Senhor o que fizemos com os talentos que nos emprestastes”.*

*José Zugno, 1951*



## POSFÁCIO

O livro de memórias de Ricardo Zugno é um modelo de biografia jornalística documentada, na qual o bom gosto literário do estilo encanta o leitor, enquanto resgata a vida e a obra de um pioneiro do amparo à agricultura familiar da região de Caxias do Sul.

Durante quase 55 anos, o biografado manteve uma crônica intitulada *Vida Agrícola* no tradicional semanário *Correio Riograndense*. José Zugno acabou tornando-se um recordista, ou seja, é considerado o cronista de agronomia mais antigo do Brasil.

É um fato que o gênero “Memorialismo” não produziu em nossa terra todos os frutos esperados. Dispomos, inegavelmente, de algumas obras-primas, entre as quais *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco, e entre nós, para citar a prata da casa, os dois deliciosos livros de Augusto Meyer: *Segredos da Infância* e *No Tempo da Flor*.

Felizmente, de algum tempo para cá, têm surgido autores que, ao invés de se dedicarem à criação ficcional, preferem dedicar-se à produção de “romances existenciais”, isto é, romances vividos historicamente. Um exemplo disso é a obra de Ignácio de Loyola Brandão: *Ruth Cardoso – Fragmentos de uma vida*. O curioso é que o autor, famoso ficcionista, não aparece em sua obra em primeiro plano; limita-se a deixar-se adivinhar em alguns capítulos, valorizando, de preferência, na boca da ribalta, as pessoas que se dispuseram a fornecer-lhe depoimentos sobre a protagonista.

Ricardo Zugno, de certo modo, aproxima-se de Loyola Brandão. Seu livro de memórias sobre o pai pode ser lido como um romance – de tão bem escrito que é – embora a presença filial nele esteja mais marcada, e a familiaridade com o personagem resplenda de uma afetividade saudável e generosa.

Desde o *Prefácio* de Vera Mari Damian, uma sorte de panegírico discreto e familiar, o leitor é levado a aspirar o perfume de uma existência com surpreendente carisma social.

*A cidade de Caxias do Sul está de parabéns!* Um de seus cidadãos, figura ímpar de agrônomo, misto de um técnico competente, de um professor permanentemente atualizado e de um poeta avulso, que é considerado o grande fomentador da multiplicação de rosas nos canteiros da cidade, juntamente com uma série de inovações na sua área de trabalho, recebe uma justa honraria à sua memória.

**Armando Trevisan** – Escritor, poeta e professor

## AGRADECIMENTOS

À Tereza Marta Zugno, Gianmatteo Sperandio, André Lukianetz, Cíntia Zugno, Iolane Marchiori e Sandro de Andrade Melo, pela valiosa colaboração na organização do acervo de José Zugno.

À Denise Zugno, Luciana Oliveira e Igor Vojinovic, pela digitação das entrevistas gravadas e do índice de artigos de Vida Agrícola.

À Carina Zugno Lukianetz pela imprescindível colaboração na ordenação, seleção das cartas dos leitores e revisão do índice da coluna Vida Agrícola.

Ao Carlos Alberto Zugno e José Zugno Filho pela revisão de conteúdos desta biografia.

Ao professor e jornalista, Mário E. Villas Bôas da Rocha, sábio orientador da minha monografia sobre o perfil científico e dialógico da coluna Vida Agrícola, que deu origem a esta publicação.

Ao grande poeta e escritor Armindo Trevisan, a quem muito estimo e admiro, pelo caloroso estímulo e inestimável orientação desde o início deste projeto.

À amiga e artista plástica, Márcia Souza Rosa, pelas ideias e parceria.

À comunidade focolarina de Caxias do Sul e aos focolarinos de Porto Alegre, pelo apoio fraterno.

Aos jornalistas do Correio Riograndense, Maria de Fátima Zanadrea e Ibanor Sartor, pela disponibilidade e parceria.

Ao Jornalista Marcelino Carlos Dezen, pelo inspirador estudo sobre as crônicas de José Zugno na coluna Vida Agrícola.

Aos Freis Capuchinhos e profissionais do Correio Riograndense e da Editora São Miguel.

Ao Frei Celso Bordignon e equipe do Museu dos Capuchinhos de Caxias do Sul.

À Prefeitura de Caxias do Sul e Secretaria Municipal de Cultura pelo apoio imprescindível através da Lei Municipal de Incentivo à Cultura.

À Elenira Prux e toda a atenciosa e competente equipe do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami – Sônia Storchi Fries, Susana Storchi, Neisi Coelho Zorzi, Jovita Galeão Santos Sampaio, Anelise Cavagnolli, Mário Tomazoni - pela valiosa colaboração e apoio.

Ao Eduardo Reis e Centro de Memória da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, pela inestimável colaboração.

Ao jornalista Rodrigo Lopes, grande divulgador e incentivador deste trabalho.

À Maurien Barbosa e Roseli Randon.

Aos irmãos Francisco e Alexandre Grazziotin da Farmácia Central.

À Fúlvia Stedile Angeli Gazola e Dolaimes Comunicação.

A Marcos Rossi e Cosmos Hotel.

A Mário Cesar Pontalti e Mebrafe Soluções em Refrigeração Industrial.

Aos agrônomos Charles Pontalti e Lírio Umbelino Londero (in memoriam) pelo fundamental apoio e incentivo à realização deste trabalho.

À Associação dos Engenheiros Agrônomos da Encosta Superior do Nordeste (AEANE) e sua laboriosa diretoria, pelo apoio e parceria para que este projeto se concretizasse.

Ao agrônomo Odacir Bigolin.

A Cláudio Troian, renomado produtor cultural.

A Ana Cardoso, atenciosa revisora do texto.

À Sala de Fotografia, com Liliane Giordano e Sabrina Didoné, talentosas profissionais na reprodução e tratamento de imagens.

Ao Ernani Carraro, brilhante e premiado designer gráfico.

À Vera Mari Damian, coordenadora geral de edição, admirável jornalista, ativista ambiental que mais honra o legado ambiental de meu pai, defendendo incansavelmente a arborização que ele implantou em Caxias do Sul; amiga e parceira imprescindível em todas as fases deste projeto.

Aos incentivadores culturais através da LIC:

Agrônomos Jauner Renê de Oliveira e Edmundo Ruzzarin.

Carlos Alberto Zugno.

Maria Pontalti Biffi e Tatiana Biffi Rigoni.

Grazziotin Comércio de Medicamentos Ltda.

Randon S.A. Implementos e Participações.

À VLM Rossi Reflorestamentos e Locações Ltda.

A todos, minha profunda gratidão

**Ricardo Tando Zugno**

**Pesquisa e redação:** Ricardo Tando Zugno

**Coordenação editorial:** Vera Mari Damian

**Projeto gráfico e capa:** Ernani Carraro

**Curadoria fotográfica:** Ricardo Tando Zugno | Vera Mari Damian

**Reprodução e tratamento de imagens:** Liliane Giordano | Sabrina Didoné

**Revisão:** Ana Cardoso

**Produção Cultural:** Claudio Troian

**Impressão:** Gráfica e Editora São Miguel

**Créditos das imagens:**

Júlio Calegari (p.20); Studio Tomazoni (p.25, 51); Casa do Amador (p.27/30); Óptica Caxiense (p.37); Acervo Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami ((p.75/76); Studio Dal Monte (p.82/92); Studio Geremia (p.101); João Carlos Lazzarotto (p.102 – bodas e família); Gilmar Maccagnam (p.103 e foto de Ricardo Zugno); Luiz Chaves (p. 104/113/156/159/167-foto à direita/169); Arquivo Correio Riograndense (p. 113/116/125/154). As demais imagens integram o acervo pessoal de José Zugno. Todas as imagens deste livro foram reproduzidas e devidamente tratadas pela Sala de Fotografia/Liliane de Fátima Giordano ME.

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)  
Biblioteca Pública Municipal Dr. Demetrio Niederauer  
Caxias do Sul, RS

Z94	Zugno, Ricardo Tando A palmeira humana : memórias do naturalista e escritor José Zugno / Ricardo Tando Zugno. Caxias do Sul, RS : Editora São Miguel, 2019. 180 p.  ISBN: 978-85-63262-66-0  1. Naturalista - Biografia. 2. Zugno, José, 1924-2008. 3. Memórias - Caxias do Sul (RS). I. Título.
19/84	CDU 929Zugno

Catalogação elaborada por Rose Elga Beber, CRB-10/1369





# “Adeus, minha palmeira querida”.

Há dias, uma dessas coisas triviais que acontecem muito frequentemente, passando despercebida pela grande maioria dos humanos viventes, impressionou-me sobremaneira.

Foi o corte de uma palmeira.

Mas não de uma palmeira qualquer e sim da palmeira linda que morava a poucos metros deste meu quarto de estudante (...).

- Palmeira querida, nada fizeste para evitar que te cortassem! (...)

Assalta-me, nesses instantes, repentinamente, uma emoção esquisita e desconcertante da falta que fazes (...). Até que um apetecido som desprendendo-se de minha fantasia me vier acordar e erguer. É o som mavioso das tuas flabeladas palmas; a tua voz, palmeira linda, que ainda guardo viva na memória.

- É finda a missão que me tocou na vida - diz-me ela - dei sonho às gentes, agasalho e balanço aos pássaros; comuniquei beleza e poesia à vida e fui expansão rica e amável da natureza. Há tantas criaturas humanas que precisam de uma nesga de luz; há tantos semblantes tristonhos que necessitam de um raio de contentamento (...).

Vai, meu amigo, e trata de ser na vida uma palmeira humana!”

José Zugno 1946

## FINANCIAMENTO



**PREFEITURA  
DE CAXIAS DO SUL**

APOIO:



## APOIO CULTURAL:

Empresas

